



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO TOCANTINS – IFTO CAMPUS PALMAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA – PROFEPT**

CÁSSIA MARIA DE SOUSA PEREIRA

**FALAS DE UM POVO: PRÁXIS DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA
AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**

PALMAS-TO

2023

CÁSSIA MARIA DE SOUSA PEREIRA

**FALAS DE UM POVO: PRÁXIS DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA
AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Palmas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mary Lúcia Gomes Silveira de Senna

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Khellen Cristina Pires Correia

**PALMAS-TO
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

- P436f Pereira, Cássia Maria de Sousa
 Falas de um Povo : práxis da valorização da cultura afro-brasileira na
 Educação Profissional Tecnológica / Cássia Maria de Sousa Pereira. –
 Palmas, TO, 2023.
 153 p. : il. color.
- Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e
 Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
 Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2023.
- Orientadora: Dra. Mary Lúcia Gomes Silveira de Senna
 Coorientadora: Dra. Khellen Cristina Pires Correia
1. Cultura afro-brasileira. 2. Educação intercultural. 3. Currículo
 integrado. I. Senna, Mary Lúcia Gomes Silveira de. II. Correia, Khellen
 Cristina Pires. III. Título.

CDD 370

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA**

DO TOCANTINS – IFTO CAMPUS PALMAS

Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

CÁSSIA MARIA DE SOUSA PEREIRA

**FALAS DE UM POVO: PRÁXIS DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA
AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Palmas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 24 de março de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Mary Lúcia Gomes Silveira de Senna
Instituto Federal do Tocantins

Orientadora

Prof. Dr. Rivadavia Porto Cavalcante
Instituto Federal do Tocantins

Prof. Dr. Heitor Martins Oliveira
Universidade Federal do Tocantins



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA**

DO TOCANTINS – IFTO CAMPUS PALMAS

Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

CÁSSIA MARIA DE SOUSA PEREIRA

**FALAS DE UM POVO: PRÁXIS DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA
AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Tocantins, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 24 de março de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Mary Lúcia Gomes Silveira de Senna
Instituto Federal do Tocantins
Orientadora

Prof. Dr. Rivadavia Porto Cavalcante
Instituto Federal do Tocantins

Prof. Dr. Heitor Martins Oliveira
Universidade Federal do Tocantins

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, pela sua luz e compaixão em minha vida, por ser meu norte e me agraciado com a realização dos meus sonhos. Dedico também aos meus filhos, presentes em todos os momentos da minha vida, Andrey Pereira Fonseca e Ilgner Pereira Fonseca, “pedacinhos do meu coração, que pulsa, fora do meu corpo”. Dedico ainda, aos meus pais Raimundo Alves Pereira e Maria Dinalva de Sousa Pereira.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por sempre estar na minha vida, me guardando, guiando, iluminando. A Ti, Senhor, dedico todo meu amor e gratidão!

Aos meus filhos, Andrey Kanchelskis e Ilgner, obrigada por me ajudar e me encorajar nessa jornada. O apoio, incentivo e o carinho de vocês foram de suma importância nessa caminhada, sempre farão parte das minhas conquistas. Aos meus pais, Raimundo e Maria Dinalva, obrigada por todo amor, carinho e ensinamento. Serei sempre grata.

Aos meus tios, Ivan Bandeira e Antônia Rodrigues, pelo apoio que me deram. Vocês foram os primeiros pilares para minha jornada escolar, com seus conselhos. Muitas das reclamações contribuíram para eu chegar até aqui. Nunca me esquecerei dos 10 (dez) anos que morei com vocês para poder estudar.

Obrigada também a todos da família Fonseca, pelo apoio, carinho e dedicação. Em especial seu Dideus e dona Nuvendora, avós paternos dos meus filhos. Sempre falo que são meus pais do coração, pois sempre estiveram ao meu lado, desde quando os conheci. Obrigada! Sempre farão parte da minha vida.

Ainda, na categoria de pessoas especiais na minha vida, não poderia deixar de falar dos meus compadres Cristina e Celso, da minha amiga e irmã de coração Maria Fonseca.

Obrigada à minha orientadora, Prof^a. Dr. Mary Lúcia, por toda sua dedicação, atenção e vontade de compartilhar comigo seus ensinamentos, encarar esta jornada de quase dois anos de muito trabalho, sempre que solicitei estava pronta para atender nas correções, orientações, sempre dizendo que eu conseguiria. Sempre estará presente na minha memória. Agradeço ainda, aos demais professores do ProfEPT pelos ensinamentos, atenção e profissionalismo. Obrigada também ao Campus Palmas pela oportunidade e suporte oferecido para a realização deste sonho. Neste contexto, agradeço ao Campus Araguatins, lócus da minha pesquisa. Agradecimento especial aos alunos participantes da pesquisa, aos professores colaboradores e, ainda, aos representantes da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente.

Agradeço à minha madrinha no mestrado, Eva. Muito obrigada por sempre me ajudar, quando solicitei, seu carinho e atenção serão sempre lembrados, contribuíram para minha conquista. Agradeço, ainda, a todos os meus colegas de turma, mesmo não nos encontrando pessoalmente, as lembranças ficaram gravadas, nas falas de cada um, nos trabalhos em grupo, discussões e nos materiais compartilhados.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra [...]. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros, ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos cotidianamente, é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem contribuíram cada um no seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

(Kabengele Munanga)

RESUMO

Esta pesquisa teve como finalidade propor a inserção da temática da cultura afro-brasileira em práticas de ensino e de aprendizagem, no âmbito do *Campus Araguatins*, do IFTO, especificamente nas turmas de 3ª série (concludentes) do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio e representantes da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente. Buscou debater acerca da temática, e assim, contribuir para implementação de práticas culturais afro-brasileiras, por meio de atividades didático-pedagógicas, ao longo do segundo semestre de 2022, as quais compuseram o Produto Educacional, que culminou na construção do site *Falas de um povo*. A mesma foi do tipo participante, com abordagem quali-quantitativa, de natureza aplicada e exploratória. Para coleta de dados, foram utilizados formulários *Google*, com questões semiestruturadas. Utilizou a análise de conteúdo como ferramenta de análise e de interpretação dos dados, composta pelas fases de pré-análise, de exploração do material e de tratamentos dos resultados, e da inferência e da interpretação. Acredita-se que a pesquisa possa ter agregado valores para a formação integral dos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica Integrada ao Ensino Médio.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira. Educação intercultural. Currículo integrado.

ABSTRACT

The purpose of this research was to propose the inclusion of the theme of Afro-Brazilian culture in teaching and learning practices, within the scope of the Campus Araguatins, of the IFTO, specifically in the 3rd grade classes (concluding) of the Technical Course in Agriculture Integrated to High School and representatives of the São Vicente Island Quilombola Community. It sought to discuss the theme, and thus contribute to the implementation of Afro-Brazilian cultural practices, through didactic-pedagogical activities, throughout the second half of 2022, which made up the Educational Product, which culminated in the construction of the 'Falas de um povo'. It was of the participant type, with a quali-quantitative approach, of an applied and exploratory nature. For data collection, Google forms were used, with semi-structured questions. Content analysis was used as a data analysis and interpretation tool, consisting of pre-analysis, material exploration and treatment of results, and inference and interpretation phases. It is believed that the research may have added values for the comprehensive training of students in Vocational and Technological Education Integrated into High School.

Keywords: Afro-Brazilian culture. Intercultural education. Integrated curriculum.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Etapas do PE: entre cenas e práticas culturais afro-brasileiras.	38
Quadro 2 –	Percepção dos estudantes sobre sua cor.	46
Quadro 3 –	Sentimentos em relação aos atos racistas.	48
Quadro 4 –	Efeitos do racismo.	50
Quadro 5 –	Considerações sobre a temática étnica-racial em sala de aula.	55
Quadro 6 –	Já sofreu preconceito por questões étnico-raciais?	58
Quadro 7 –	Percepção sobre o jovem negro no Brasil.	59
Quadro 8 –	Considerações sobre olhar do professor em relação ao jovem negro.	62
Quadro 9 –	Considerações relacionadas às dificuldades do jovem negro dentro da escola.	63
Quadro 10 –	Identificação com a cultura afro-brasileira.	66
Quadro 11 –	Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente.	70
Quadro 12 –	As ações contribuíram para formação?	91
Quadro 13 –	Deseja que mais ações nesse sentido sejam executadas?	92
Quadro 14 –	Outros comentários sobre a pesquisa e aplicação do Produto Educacional.	96

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Classificação dos participantes conforme IBGE.	45
Gráfico 2 –	Conhecimento sobre as relações étnico-raciais.	48
Gráfico 3 –	Conhecimento sobre a cultura afro-brasileira.	52
Gráfico 4 –	Presença da temática étnico-racial no curso.	53
Gráfico 5 –	Racismo no Brasil.	57
Gráfico 6 –	A presença da cultura afro-brasileira em sala de aula	65
Gráfico 7 –	A presença da cultura afro-brasileira nos livros didáticos.	67
Gráfico 8 –	Satisfação com a pesquisa.	89
Gráfico 9 –	As atividades desenvolvidas cumpriram com os objetivos traçados?	90
Gráfico 10 –	As atividades desenvolvidas contribuíram para mudança de atitude?	93
Gráfico 11 –	Se a pesquisa contribui para aprendizado/conhecimento.	94
Gráfico 12 –	Dificuldade encontrada com a aplicação do produto.	95

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 –	Liberdade.	78
Imagem 2 –	Nanã	78
Imagem 3 –	A força te representa	79
Imagem 4 –	Iemanjá Deusa do mar.	79
Imagem 5 –	Ensaio fotográfico <i>Eu sou negro</i> .	80
Imagem 6 –	Desfile – <i>Vozes negras: um grito de resistência</i> 1.	81
Imagem 7 –	Desfile – <i>Vozes negras: um grito de resistência</i> 2.	82
Imagem 8 –	<i>Gritaram-me negra</i> .	82
Imagem 9 –	Música afro-brasileira 1.	84
Imagem 10 –	Música afro-brasileira 2.	84
Imagem 11 –	Dança afro-brasileira.	85
Imagem 12 –	Página inicial do site <i>Falas de um povo</i> .	97
Imagem 13 –	Perfil do Instagram <i>Mostra Cultural Falas de um Povo: Gerlândio Moraes</i> .	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

EPT - Educação Profissional Tecnológica

IFTO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (forma completa)
ou Instituto Federal do Tocantins (forma resumida)

PE – Produto Educacional

ProfEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

TALE _ Termo de Acendimento Livre Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

EAFA – Escola Agrotécnica Federal de Araguatins

DCN's – Diretrizes Curriculares Nacionais

NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena

ONU – Organização das Nações Unidas

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

DIESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
1. INTRODUÇÃO	19
2. REFERENCIAL TEÓRICO	24
2.1 DOS TEÓRICOS, DIRETRIZES CURRICULARES E A LEGISLAÇÃO: A PARTIDA	24
2.2 DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS NO ENSINO TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO: O DESAFIO	28
2.3 A FORMAÇÃO INTEGRADA: A BUSCA	30
3. METODOLOGIA	35
3.1 TÉCNICAS DE COLETAS DE DADOS	37
3.2 ETAPAS DA PESQUISA	38
3.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS	39
3.4 LÓCUS, CONSIDERAÇÕES ÉTNICAS E O UNIVERSO DA PESQUISA	40
3.4.1 Aspectos éticos	40
3.4.2 Riscos	41
3.4.3 Dos Benefícios	42
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE - RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA	43
4.1 QUESTIONÁRIO INICIAL	44
4.2 RODA DE CONVERSA: COMUNIDADE QUILOMBOLA ILHA DE SÃO VICENTE	68
4.2.1 Relacionado à origem da comunidade quilombola	71
4.2.2 Desafios e dificuldades enfrentadas na atualidade	72
4.2.3 Escola para população quilombola na região	72
4.2.4 Escolas do município que atendem o maior número de alunos da comunidade quilombola	73
4.2.5 Relacionado às tradições quilombolas: sua cultura e seus costumes são trabalhados na escola?	73
4.2.6 Abordagem sobre a questão anterior a ser discutida	74
4.2.7 Auxílio do governo para implementar ações voltadas para melhoria da educação, saúde, moradia e saneamento	74
4.3 MOSTRA CULTURAL FALA DE UM POVO: GERLÂNDIO MORAIS	76
4.3.1 Desfile – Vozes negras: um grito de resistência	81
4.3.2 Poesia afro-brasileira	82
4.3.3 Música afro-brasileira	83
4.3.4 Danças afro-brasileiras	84
4.3.5 Protagonismo/emancipação	85
4.4 QUESTIONÁRIO FINAL	88
5. PRODUTO EDUCACIONAL	97
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICES	113
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA SOBRE ANÁLISE DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS	114

APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA RODA DE CONVERSA COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA	115
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA SOBRE APRENDIZAGEM APÓS APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	116
APÊNDICE D – PRODUTO EDUCACIONAL	118

APRESENTAÇÃO

Sou uma pesquisadora, natural de Montes Altos-MA, mãe de dois filhos, residente em Imperatriz-MA, formada em Pedagogia pela Faculdade de Educação Santa Terezinha – FEST, e uma segunda graduação em Artes Visuais pela Universidade Claretiano. Para aperfeiçoar a prática na área das Artes, fiz Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino da Arte, na Faculdade União Cultural do Estado de São Paulo- UCESP. Fazer mestrado era algo que não estava nos sonhos, só veio aparecer como anseio ou necessidade na minha vida profissional, após ingressar na Educação Profissional Tecnológica. Toda semana viajo 98 km para chegar a Araguatins-TO, cidade onde trabalho atualmente, e faço este percurso às vezes de carro próprio, van ou com um grupo de amigos.

Já fui professora na esfera municipal, estadual e atualmente sou servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), Campus Araguatins, e exerço a função de Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico, ministrando o componente curricular Arte, desde 2014, quando ingressei na instituição federal.

O Campus Araguatins do IFTO foi criado pelo Decreto nº. 91.673 em 20 de setembro de 1985, tendo sido inaugurado em 25 de março de 1988, como Escola Agrotécnica Federal de Araguatins (EAFA). Em 29 de dezembro de 2008, com a sanção da Lei nº 11.892, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criou-se os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, a EAFA passou a integrar o Instituto Federal do Tocantins.

A instituição fica localizada no Município de Araguatins-TO, Mesorregião Ocidental do Tocantins, sede da 1ª Região Administrativa do Estado, no Vale do Araguaia, na região norte, mais conhecida como Bico do Papagaio. Possui uma altitude de 227 metros e ocupa uma área de 2.297,3 km². Tem uma população estimada de 36.573 pessoas (IBGE, 2021). Limites – Norte: com São Sebastião do Tocantins e Buriti do Tocantins; Sul: com Ananás e São Bento; Leste: com Itaguatins, Axixá e Augustinópolis; e Oeste: com o Estado do Pará..

Ingressar no IFTO foi um marco na vida profissional e pessoal, a partir daí pude desenvolver atividades diversificadas, como participar de projetos de extensão, ensino, eventos, visitas técnicas, fazer parte de comissões, participar de congressos, simpósios, etc. No Campus, coordenei o NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena. Foi nesta função que surgiu minha paixão pela cultura afro-brasileira, na qual precisei estudar mais sobre a temática, percebendo, assim, a importância da mesma, o quanto ainda existe preconceito e que precisa de práticas que corroborem com a implementação da temática em sala de aula.

Quando fui aprovada no Mestrado em Educação do ProfEPT, já tinha certeza de que minha pesquisa iria ser sobre a realidade do negro no Brasil, suas matrizes culturais, pois, adquirei interesse e curiosidade sobre a temática durante o período que fui coordenadora e membro do NEABI, do IFTO - Campus Araguatins, no período de 2014 a 2020. E assim, após várias discussões, chegou-se ao título *Falas de um povo: práxis da valorização da cultura afro-brasileira na Educação Profissional Tecnológica*. Ao começar escrever o projeto foram surgindo dificuldades, questionamentos, tais como, qual seria a forma de abordar o tema em sala de aula, quais seriam as contribuições da pesquisa para uma formação omnilateral que unisse educação humanizada, ciência, cultura na perspectiva da Educação Profissional Tecnológica. Surgiu então a dissertação proposta, buscando responder estes anseios e questionamentos que eu mesma fazia.

Para esquematizar este trabalho, foi estruturado em tópicos. Neste sentido, primeiro vem a introdução da pesquisa apresentando brevemente os marcos teóricos que sustentam o trabalho e o caminho percorrido para se atingir os objetivos propostos. Em seguida as bases teóricas, abordando a cultura afro-brasileira de forma multidimensional, suas contribuições na formação do povo brasileiro, bem como, os marcos legais e dados do IBGE que configuram a realidade do negro no Brasil e ainda as contribuições da cultura afro-brasileira numa perspectiva da formação integrada.

O terceiro tópico apresenta-se a metodologia aplicada para o desenvolvimento da pesquisa quantos aos objetivos que foi de caráter exploratório e explicativo, realizado através da abordagem quali-quantitativa, com a utilização da pesquisa participante, as etapas, os riscos e benefícios do estudo. Em seguida, o quarto tópico abordou-se a análise dos dados e discussão dos resultados gerados através da pesquisa participante, da aplicação dos questionários, da roda de conversa com a comunidade quilombola e da análise do material produzido pelos estudantes na *Mostra Cultural Falas de povo: Gerlândio Moraes*.

No tópico cinco apresenta-se o Produto Educacional (PE) e suas fases de aplicação, culminando com a *Mostra Cultural Falas de um povo: Gerlândio Moraes* e o site criado para a pesquisa intitulado *Falas de um povo*. O tópico seis culmina com as considerações finais dialogando com as contribuições, falhas e pontos-chave para novos estudos sobre a temática. Além disso, o produto educacional e demais documentos, gerados pela pesquisa, estão apresentados nos apêndices.

E para finalizar esta apresentação, gostaria de destacar que foi um prazer desenvolver a pesquisa e observar o crescimento dos estudantes sobre a temática, pois, trabalhos como este são necessários para refletirmos sobre paradigmas preconceituosos que permeiam a sociedade

brasileira. Neste trabalho pude ouvir depoimentos dos participantes da pesquisa, tanto positivos como negativos, muitos mencionaram as contribuições das atividades para sua formação integral, corroborando que a fala que precisamos dar voz aos nossos estudantes e que iniciativas como estas merecem fazer parte regularmente do contexto educacional brasileiro.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como finalidade propor a inserção da temática da cultura afro-brasileira em práticas de ensino e práticas de aprendizagem no âmbito do Campus Araguatins, do IFTO, especificamente nas turmas de 3ª série (concludentes) do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, com o intuito de debater acerca da temática, e assim, contribuir para implementação de práticas (inter)culturais afro-brasileiras, com vistas ao rompimento de paradigmas preconceituosos que sustentam o monoculturalismo em detrimento do multiculturalismo.

Argumentou-se que, embora a cultura afro-brasileira esteja presente na realidade do povo brasileiro na arte, na religião, na culinária, nas expressões populares, no vestuário e em várias outras formas, no que se refere à educação formal, mais especificamente no Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal do Tocantins, a história e os saberes culturais afro-brasileiros ainda não estão integrados nas disciplinas curriculares, nem mesmo nas práticas de ensino e de aprendizagem. Desde o início da nossa história, ela tem sido objeto de racismo, de preconceito e de violência por parte daqueles que acreditam ser superior ao povo negro. Isso é uma herança deixada pelos colonizadores europeus, que está impregnada na realidade dos afro-brasileiros no Brasil.

E especificamente no contexto da educação, esta problemática é visível nos currículos, nos livros e na vivência dos próprios estudantes. Na visão de Silva (2019), a história e a cultura afro-brasileira foram violadas desde a colonização, assim como os direitos, os aprendizados e as práticas culturais dos movimentos e das resistências dos africanos e de seus descendentes no país, uma violação que dizimou e que discriminou muitos elementos da cultura brasileira.

Desta forma, acredita-se que trabalhar a cultura afro-brasileira em sala de aula pode culminar com as políticas públicas que garantam a efetivação na Constituição de 1988 de “Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1998, Art. 3º, IV). Nesse sentido, a pesquisa fomentou direitos garantidos na nossa lei máxima, pois, mesmo com marcos legais que garantem a implementação da temática em sala de aula e em sociedade, pessoas negras ainda vivem à margem no que se refere à vida social, à formação educacional e à igualdade de direitos e de ascensão social.

Outro documento que mereceu destaque no contexto desta pesquisa foi o que orienta a Assembleia Geral da Organização Nacional das Nações Unidas-ONU, que determinou o

período entre (2015-2024) como a “Década Internacional de Afrodescendentes” (ONU, 2015). Ao proclamar ao nosso país essa determinação, a entidade internacional entende que os povos negros compreendem um grupo diferenciado, em que os direitos humanos necessitam ser garantidos e preservados.

Na visão de Burdino (2019), a carência da temática das relações interculturais, da história africana e dos afrodescendentes na sala de aula é nítida, colaborando para “homogeneização cultural” e práticas eurocêntricas.

Tendo em vista que a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é um projeto nacional de política pública para programar o direito de acesso à educação e ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, a presente pesquisa constituiu-se em uma ferramenta de abordagem para compreender a relevância da cultura afro-brasileira para a formação integral do estudante na educação profissional.

Para Saviani (1989), devemos buscar uma educação ancorada na politecnia, unitária e humanizada, através da luta de classes, da coletividade, assim, promoveremos mudanças simultâneas na educação e na sociedade. O autor busca fundamentação na politecnia fazendo referência a uma educação omnilateral, em que o estudante terá como base a compreensão da cultura, da ciência e do trabalho como um princípio educativo. Nesse sentido, elencar os conhecimentos da cultura afro-brasileira à Educação Profissional e Tecnológica e traçar caminhos para romper com um passado de resistência, de racismo e de intolerância, tornam-se fundamentais para a práxis educacional.

Na visão de Charlot (2014), os pressupostos educacionais numa perspectiva transformadora configuram em libertar o homem do mundo oprimido, invisível para a realidade das ideias e preparar o homem para ser agente de mudança. O autor destaca a educação como caminho para livrar a alma do homem de uma realidade de exploração, de dominação e de alienação, na qual foram e são submetidos aqueles que vendem sua força de trabalho.

Algumas mudanças ocorreram nessa trajetória. Dentre elas, cabe citar a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB nº 9394/96 (BRASIL, 1996), e implementou a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (CNE/CP, 2004b). Porém, só as leis, sem uma formação voltada para a práxis, não são suficientes.

Para que haja mudança, torna-se necessário fazer uma reflexão acerca dos ensinamentos de Freire (2013), nos quais ele acreditava que a educação não poderia ser neutra, mas, sim, uma ferramenta de “prática pela liberdade” em que as pessoas, sendo educadas de forma crítica, poderiam transformar a sua realidade e participar da construção do mundo. É nessa via de mudanças que se encontra o currículo que norteia a obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas instituições de educação básica, em que demanda práticas pedagógicas voltadas para a implementação do que está previsto na legislação vigente para relações étnico-raciais e descolonização dos currículos como prática pela liberdade.

Na visão de Gomes (2012, p. 100), as mudanças “Exigem questionamentos dos lugares de poder, indaga a relação entre direitos e privilégios arraigados na nossa cultura política e educacional, em nossas escolas”. Dentro dessa perspectiva de mudança curricular, esta pesquisa propôs a fomentação de debates para organização dos currículos e das práticas afirmativas em sala de aula, e dar voz ao povo afro-brasileiro.

Percebe-se que, no contexto escolar, há resistência e dificuldade dos docentes em abordar temas como racismo, preconceito e bullying por questões raciais. Apesar de ser um assunto bastante discutido no dia a dia, poucas ações efetivas para amenizar esses episódios de preconceitos raciais são percebidas na realidade educacional. Em face dessa lacuna, propôs-se, nesta pesquisa, a criação de ambiente inter(cultural) de aprendizagem centrado em temáticas de valorização das representações (signos e símbolos) da cultura afro-brasileira, mediante intervenção pedagógica intitulada *Mostra Cultural Falas de um Povo: Gerlândio Morais*. Com isso posto, cabe questionar se a mostra foi eficaz para agregar conhecimentos, habilidades, atitudes, emoções e sentimentos significativos para formação omnilateral e integral dos alunos da 3ª série do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IFTO, *Campus Araguatins*? A mostra cultural pôde contribuir para a visibilidade da cultura afro-brasileira em âmbito local? Estes foram os questionamentos norteadores para o problema da pesquisa.

No âmbito da problemática da pesquisa objetivamos contribuir com ações pedagógicas de valorização da cultura afro-brasileira, enquanto base de saber relevante para formulação de um currículo que contemple e que integre nas disciplinas curriculares, no ensino e na aprendizagem práticas (inter)culturais afro-brasileiras com vistas à formação geral do público estudantil da 3ª série do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, do *Campus Araguatins-IFTO*.

Em continuidade, buscou-se contribuir com movimentos socioeducacionais em favor da igualdade racial - via ação pedagógica intercultural - que auxiliem a concretização da legislação vigente de direitos humanos de afro-brasileiros da referida cultura, podendo auxiliar na formação integral aos estudantes da 3ª série do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do *Campus Araguatins*/IFTO.

Objetivou-se, de forma específica: I- demonstrar os princípios norteadores da arte e da cultura afro-brasileira no contexto da Educação Profissional e Tecnológica Brasileira; II- favorecer o debate das artes e da cultura afro-brasileira na formação integrada do estudante profissional; III- realizar oficina de produção de pintura, de desenho e de fotografia para exposição na Mostra Cultural; IV - realizar uma Mostra Cultural, idealizada e realizada pelos estudantes, a fim de motivar um debate reflexivo sobre a temática da cultura afro-brasileira junto à comunidade do *Campus Araguatins*; V - promover o intercâmbio cultural entre os estudantes e os representantes da comunidade Quilombola Ilha de São Vicente¹, conhecer os relatos de experiências, lutas e conquistas.

Neste contexto, a pesquisa se justifica, pois, a escola deve ser espaço democrático e acolhedor desde sua origem. Muitas vezes, torna-se monocultural em seu pensamento, em que há valorização da cultura branca, refletindo a gênese de uma sociedade racista e preconceituosa, que traz em sua estrutura o pensamento colonizador hegemônico ocidental. Conforme Haas (2017), o eurocentrismo estabeleceu o que entendemos como “modernidade”, que avançou dizimando culturas, catalogando raças e, de certa forma, agrupando as diferenças, sufocando e oprimindo as minorias até hoje.

Os dados evidenciados pelo DIEESE (2022) indicam que os negros são minorados em termos de direitos de igualdade racial. A discriminação racial evidencia a diferença entre os rendimentos de negros e não negro. O não negro recebe, em média, mais do que os negros. No segundo trimestre de 2022, enquanto o homem não negro recebeu R\$ 3.708 e a mulher não negra, R\$ 2.774, a trabalhadora negra ganhou, em média, R\$ 1.715, e o homem negro, R\$ 2.142. Esses números indicam que a mulher negra recebeu, em 2022, 46,3% do rendimento recebido pelo homem não negro. Para o homem negro, essa proporção foi de 58,8. Desta forma, de acordo com os dados apontados, o negro na sociedade brasileira, mesmo tendo seus direitos garantidos em leis, ainda é vítima de um sistema que privilegia a hegemonia cultural. O mercado de trabalho precisa ser modificado através de políticas públicas e sensibilização da

¹ Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente, do Município de Araguatins, extremo norte do Tocantins. Certificada pela Fundação Cultural Palmares, nº da portaria de certificação 162/2010, data da portaria 27.12. 2010. (ALMEIDA, 2019a)

sociedade, sendo assim, precisamos dar voz a essa população, que ainda vive alforriada de seus direitos.

Para falar em oprimidos, trazemos o ideal de Freire (2013) que faz uma reflexão sobre a pedagogia libertadora, tendo como eixo libertar os oprimidos das amarras dos opressores, uma pedagogia que transfigura um ser passivo em ser crítico, mudando sua realidade, descobrindo seu valor para a humanidade. No entendimento de Barbosa (1998), para termos uma educação multiculturalista, é necessário enfatizar o estudo de grupos particulares e/ou minoritários do ponto de vista do poder, como mulheres, índios e negros. A autora fala da necessidade de construirmos caminhos para a diversidade cultural, e, dessa forma, dar voz aos grupos minoritários diante das raízes arcaicas que perpetuam.

A pesquisa *Falas de um povo: práxis da valorização da cultura afro-brasileira na Educação Profissional Tecnológica*, buscou proporcionar aos discentes e à comunidade em geral reflexões para valorizar a diversidade presente na sociedade brasileira, e, assim, fortalecer as políticas de igualdade e de identidade, intensificando o debate entre os saberes tradicionais e científicos. Conforme Ciavatta (2005a), para romper com a dualidade e criar um currículo integrado, torna-se necessário promover atividades que integrem educação, trabalho, ciência e cultura. A autora destaca a relevância de devolver pesquisas que nortearam os debates em torno de temáticas que, ao longo da história, foram usurpadas por pensamentos eurocêntricos.

Segundo Silva (2019), em se tratando de estudos culturais não há categorização ou hierarquização de culturas, na qual há um desprezo das culturas consideradas “baixas culturas” (povo) e veneração pela “alta cultura” como sendo a de elite intelectualizada. A justificativa para trabalhar a temática está na relevância da mesma em abordar temas que, ao longo da história, foram esquecidos. Desenvolver esta pesquisa foi uma forma de contribuir para minimizar o oprimido, à medida que lhe dará voz, buscando sua valorização. Embora, nos dias atuais, pesquisas sobre a temática em questão têm se despontado, ainda assim, o escopo dos estudos afro-brasileiros em EPT se mostra carente de pesquisas que tratem da temática dentro da área de ensino, levando em conta a sua especificidade.

Assim, este estudo buscou evidenciar as formas que a cultura afro-brasileira se constitui como elemento fundamental para a formação integral dos estudantes da 3ª série do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal do Tocantins, Campus Araguatins, através da associação entre a teoria e a prática, objetivando atender e melhorar o aprofundamento nos estudos acerca do tema da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DOS TEÓRICOS, DIRETRIZES CURRICULARES E A LEGISLAÇÃO: A PARTIDA

Neste tópico buscamos apresentar os aportes teóricos que envolvem as diretrizes e marcos legais que abordam a temática, e assim, fomentar uma educação multicultural normatizada pela Lei nº 10639/03, que torna obrigatória a Educação das Relações Étnico-raciais, o Ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira. Debater o marco legal e as bibliografias que implementam o ensino da temática em sala de aula é uma forma de alimentar os currículos com práticas que buscam reconhecer e valorizar a cultura afro-brasileira, e, assim, garantir os direitos de cidadãos negros. “Com o amparo legal, a diversidade cultural – pluralidade cultural – ganha corpo e forma material e imaterial, mantendo-se viva em todo o território nacional graças ao sistema nacional de ensino” (CÓRDULA, 2020, p. 2). O autor faz referência aos marcos legais que implementam a valorização das múltiplas culturas que corrobora para formação do povo brasileiro.

Em 2003, tem-se a criação da Lei nº 10.639/03, que, conforme o preâmbulo, “[...] estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’ [...]” (BRASIL, 2003). A lei proporcionou ferramentas que buscam uma valorização da nossa cultura, e assim debater paradigmas que usurparam os direitos do negro no Brasil.

Debater o currículo integrado e o ensino da história e da cultura afro-brasileira é fundamentar um debate que deve permear as práticas pedagógicas, e apresentar o conhecimento produzido pelo povo negro, desde a colonização africana, suas manifestações culturais (NASCIMENTO; SILVA; SCALABRIN, 2020). Os autores discorrem sobre o currículo integrado e o ensino de história e cultura afro-brasileira, debatendo os princípios que norteiam a temática, mostrando a importância do estudo das relações interculturais no contexto de formação integrada. Segundo os autores, inserir a temática de matriz africana nas escolas exige romper com vários obstáculos e práticas eurocêntricas, pois vivemos em uma sociedade que as pessoas são valorizadas pela cor de sua pele, pela raça – questões que foram acumuladas ao longo dos séculos e que sustentam essa estrutura racista.

Discutir esse passado hegemônico exige criar práticas contra hegemônicas. Isso culminou com os movimentos sociais negros, perpassando à criação dos marcos legais que norteiam e que garantem o ensino da temática nas instituições de educação básica e superior. Porém, mesmo tendo esses direitos garantidos, não cabe ficarmos calados, pois o desrespeito para com os direitos do povo negro é vigente em muitas esferas da sociedade. O racismo na

sociedade brasileira é estrutural. Para Almeida (2018, p. 25), racismo “É uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo ao qual pertençam”. Dessa forma, o racismo estrutural fundamenta e sustenta o preconceito, que gera a discriminação. Ou seja, esse tipo de racismo é como se fosse o concreto que sustenta a estrutura de um edifício, e ele está presente nas várias esferas da sociedade.

Como estamos desenvolvendo uma pesquisa com jovens, tornou-se necessário falar sobre a realidade do jovem negro no mercado de trabalho, onde o cenário é crítico e traz contribuições do racismo estrutural. Neste sentido veremos o que diz Grabowski no artigo escrito para o jornal Extra Classe em janeiro de 2021: “No país com desigualdades extremas e racismo estrutural, outro risco e angústia juvenil é a luta pela sobrevivência por meio da geração de renda, trabalho ou inserção no mercado de trabalho [...]” (GRABOWSKI, 2021). O jornalista aponta para um cenário crítico e desumano em relação às perspectivas de crescimento profissional.

Na concepção de Almeida (2019b) o racismo não configura como um distúrbio social e nem uma desordem social, mas sim é um efeito da própria ação da conjuntura social e que ocorre de forma normal, tal como foram criadas as estruturas que fundamentam as mediações políticas, econômicas, jurídicas, e até mesmo familiares. Devemos entender que o racismo, como processo histórico e político, oferece ferramentas para que grupos racionalmente identificados sejam discriminados de diversas formas. A escola como uma instituição de formação, deve oferecer espaço para os debates antirracistas.

Uma análise necessária diante do debate sobre a temática é fazer uma reflexão sobre as vertentes da colonialidade, para entender a subjetividade e a identidade nas relações étnico-raciais (ALCÂNTARA; SERRA; MIRANDA, 2017). Sabemos que a sociedade brasileira segue uma tradição europeizada, herdada do colonialismo. Para entender esse processo e seus danos às minorias sociais, é preciso ir além das críticas a essa herança que permeia nosso povo nas relações de poder e de saber, e também corroborar com outras teorias para abrir novos caminhos para relacioná-lo e o conhecer.

Para debatermos sobre a cultura afro-brasileira, devemos entender esse processo de colonialidade: “Pensar a subjetividade, enquanto uma construção social requer apontar a colonialidade do ser e demarcação da interiorização dos outros da racionalidade europeia: negros, índios, mulheres, etc.” (ALCÂNTARA; SERRA; MIRANDA, 2017, p. 3). O processo de colonialidade oferece suporte para a existência dos subalternizados, ou seja, inferiorizados,

oprimidos, silenciados, marginalizados, colocados às margens da sociedade por um processo estrutural que precisa ser discutido em sala de aula.

Um fato que termina influenciando na rejeição da temática é a falta de conhecimento sobre o assunto, como a cultura afro-brasileira, as relações étnico-raciais, os direitos humanos, e a tensão entre igualdade e diferença. E, para que isso ocorra, torna-se necessário o debate sobre o Parecer CNE/CP Nº 003/2004 do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP, 2004a), que diz que a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, troca de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para a construção de uma sociedade justa, igual, equânime, mas sua implementação encontra inúmeras dificuldades. Segundo Almeida (2018), o racismo criou raízes no imaginário do povo brasileiro, encontra-se legitimado, pois as pesquisas a respeito das desigualdades raciais, na sua maioria, buscam justificar a desvantagem negra, enquanto deveria fazer críticas à realidade do povo negro. Nesse sentido, surge a necessidade de desenvolver ações antirracistas capazes de debater a temática.

Gomes (2021), na obra *Enciclopédia Negra*, frisa a importância de introduzir, na educação brasileira, as histórias de personagens negros que contribuíram para a formação da cultura afro-brasileira de Norte a Sul do Brasil. A presente pesquisa norteará práticas significativas para implementar a temática. Conforme Duarte e Silva (2015), quando se ensina a história e a cultura africana e afro-brasileira, proporciona meios para romper com a história homogeneizadora, monocultural e eurocentrada. As literaturas citadas fomentam o que determinam as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN's para a Educação das Relações Étnico-Raciais e, para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (CNE/CP, 2004b), que determinam as bases para debater a temática e fomentar a obrigatoriedade para a valorização da identidade, da história e da cultura dos afro-brasileiros.

§2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais, tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas (CNE/CP, 2004, Art. 2º).

Nos apontamentos de Krauss e Rosa (2010), as DCN's pressupõem caminhos que favorecem mudanças, apresentando conteúdos, valores e ideias para que os docentes possam desenvolver atividades baseadas nas vertentes da formação de uma educação para relações interculturais. Para valorizar e preservar a cultura afro-brasileira torna-se necessário levar para a sala de aula atividades que fomentem a discussão sobre a temática, buscando romper com práticas eurocêtricas e monoculturais. No entendimento de Candau (2013), dar preferência

apenas à cultura dos colonizadores nas instituições de ensino seria uma forma de camuflar as matrizes étnicas e culturais do povo brasileiro, dessa forma, oferecendo espaço para fortalecer o racismo e o preconceito. A autora frisa a necessidade de combater os privilégios de uma cultura em detrimento de outras manifestações que, ao longo dos séculos, passaram por um processo de exclusão e até extermínio.

Na concepção de Barbosa (2002), o povo brasileiro, principalmente os menos favorecidos, são oprimidos por avaliações externas, permanecendo a ideia de que o estrangeiro é mais valoroso. O estado preza pela manutenção de seus interesses, mantendo formas e meios para controlar uma grande parcela da sociedade que não sabe lutar pelos direitos.

Ao falar de uma formação integrada omnilateral, temos que primeiro buscar suporte para romper com as práticas educativas unilaterais que se apoderam dos direitos dos menos favorecidos para sustentar um sistema permeado por modelos neoliberais. Para Krauss e Rosa (2010), em uma busca por privilegiar uma cultura em detrimento de outra, os brancos, na maioria das vezes, percebem os afro-brasileiros como inferiores, dessa forma, estigmatiza-se a diversidade cultural, compreendida como inferior em comparação com a apresentada pelo euro-ocidental.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996) alterada pela Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) traz a obrigatoriedade de trabalhar a temática da cultura afro-brasileira. Precisamos ficar atentos, pois, além de tornar obrigatória a temática no currículo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana abordam o seguinte:

É preciso ter clareza que o Art. 26A acrescido à Lei 9.394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivas tácitas e explícitas da educação oferecida pelas escolas (BRASIL, 2004, p. 17).

Além da legislação, citada anteriormente, comungamos de outros documentos importantes para o estudo da temática, pois referencia a obrigatoriedade para implementação da temática no currículo escolar. Dentre estes documentos destacamos os seguintes: Parecer CNE/CP Nº 003/2004 do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP, 2004a); a Resolução Nº 001/04 do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP, 2004b), pelos quais foram instituídas, pelo CNE, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-Raciais e para o ensino de História Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004)

A partir dos autores já citados e do marco legal torna-se necessário estabelecer um parâmetro de ligação entre cultura afro-brasileira e formação integrada no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Na visão de Moura, Lima Filho e Silva (2015), fomentar práticas que permitam a integração entre trabalho, educação, ciência e cultura constituiria o princípio educativo da escola unitária, em oposição à escola tradicional. Assim, emergiria uma escola com suportes igualitários para todos independentes de raça, de cor ou de classe social, uma escola inclusiva. Nessa direção, a cultura afro-brasileira precisa ser inserida para romper com esses paradigmas tradicionais de usurpação dos direitos humanos. Incluir os costumes do povo negro na construção de educação unitária é imprescindível para uma formação integrada.

2.2 DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS NO ENSINO TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO: O DESAFIO

Diante dos desafios surgidos durante este estudo entendemos que seria necessário abordar de forma mais direta alguns teóricos que fundamentam a vertente da arte e cultura afro-brasileira e suas contribuições para este estudo. Começamos pelos desafios de definir estas vertentes num contexto amplo, e assim, abordar, por meio do contato com a cultura afro-brasileira, uma visão respeitosa e aberta que identifique as manifestações afro-brasileiras como uma das mais ricas vertentes da cultura brasileira. Para Cunha (1992) a cultura se configura como um mundo de invenções proclamadas pelo homem que envolve seus pensamentos e costumes, criados e adaptados pela mão humana, que funciona como um coração, sem o qual o homem não permanece vivo. Neste sentido, a cultura é a essência do homem e o afeta em todos os aspectos.

A cultura brasileira recebe influência da cultura européia, indígena, africana entre outras. Este diálogo entre raízes culmina com a diversidade cultural brasileira, o colorismo, onde todas as manifestações culturais merecem respeito. Precisamos respeitar a diversidade. Podemos dizer que a arte, em sua complexidade, é “conhecimento”, e que proporciona um aprendizado subjetivo do mundo, algo que diverge da razão prática e converge para a razão/emoção possibilitando uma apreensão rica e diversa da realidade à nossa volta (SILVA, 2011, p. 22). Compreendemos aqui que a arte tem o poder de desenvolver competências, habilidades e possibilita a aquisição de conhecimento nas mais diferentes áreas de conhecimento.

Para Cogo (2010) a cultura afro-brasileira resulta da cultura africana introduzida no Brasil, somando os elementos de vários povos que se exemplifica em várias expressões, entre

elas a música, a dança, as religiões afro-brasileira, culinária, literatura e muitas outras. Quando falamos destas expressões artísticas culturais e sua aceitação na sociedade, devemos entender sua origem e significado para o povo negro.

Conforme Conduru (2007) para entendermos a Arte afro-brasileira perpassamos por vários questionamentos. Para o autor, são muitas as indagações, e as mesmas suscitam vários debates, mas o nosso caminho aqui não é atribuímos conceito, e sim, fazermos uma reflexão mediada por um diálogo artístico/étnico/cultural, onde buscamos compreender a temática de forma simples. Neste sentido, o autor destaca o seguinte:

A arte afro-brasileira seria, assim, a produção decorrente da confluência e fusão de princípios, práticas e elementos da arte africana aos da brasileira, sendo ou uma interpretação brasileira da arte africana, ou a arte brasileira feita com sotaque africano, ou, ainda, um artístico caminho do meio entre África e Brasil. (CONDURU, 2007, p. 9)

Com a vigência da Lei nº 10.639/03, a partir de 2003 (BRASIL, 2003), a temática relacionada à cultura afro-brasileira tornou-se obrigatória nos currículos escolares. Nesta direção surge a necessidade de uma conversação entre a cultura afro-brasileira e as artes visuais, dança, música, poesia e demais linguagens artísticas. Na visão de Silva (2011) o diálogo entre os saberes tradicionais culminam em novas aprendizagens. Precisamos conhecer esses saberes, resgatá-los e contextualizá-los com os saberes contemporâneos, e, assim, produzir novas expressões culturais. Conforme o autor, este diálogo é rico e indispensável para uma formação contemporânea.

De acordo com Silva “[...] a contribuição africana é valorosa, e pode ser notada em diversos campos das artes visuais ou plásticas, como a dança, arquitetura, escultura acessórios corporais, indumentárias, pintura, etc” (SILVA, 2011, p.25). Neste sentido, a pesquisa utilizou-se destas linguagens como meios para uma formação integrada, mas vale destacar que são inúmeros os desafios, primeiro porque existe uma rejeição por parte de uma grande parte da sociedade, muitas vezes por não conhecer o valor das raízes africanas na formação da cultura brasileira.

De início devemos destacar que a cultura afro-brasileira constitui a memória e história do povo brasileiro, mas que muitas destas memórias são descaracterizadas de seu contexto. Na visão de Conduru (2007) são várias as restrições que dificultam a difusão e configuração de estudos com vertentes africanas no Brasil, mesmo estando presentes em várias manifestações da cultura brasileira, como na fala, culinária, espiritualidade, música, dança, gestos, literatura, dentre outras. Buscar elementos reflexivos sobre o estudo da temática em

sala foi uma forma criar métodos que descaracterize a visão do colonizador que ainda está presente na sociedade brasileira.

Nesta direção apresentaremos algumas formas de arte afro-brasileira que estão inseridas em contexto cultural e que foi essencial para nossa pesquisa como a religião afro-brasileira, a dança, a música, a poesia, a culinária e a pintura, as mesmas foram abordadas neste estudo com o intuito de conhecer para refletir. Para Mielzynska (2022), a religiosidade afro-brasileira, suas divindades, rituais representam boa parte da arte afro-brasileira, pois traduzem uma grande quantidade de obras. A religiosidade afro-brasileira influenciou músicas, danças e artes visuais afro-brasileiras.

Conforme Silva (2011), o sincretismo religioso, foi de suma importância para a criação e fruição artístico-cultural de negros no Brasil até a atualidade. Buscou-se com esta vertente quebrar alguns paradigmas preconceituosos presentes na realidade do negro no Brasil, trazendo artistas e obras de diversos períodos da história brasileira que abordasse a temática afro-brasileira.

Este tópico foi destacado como desafio no sentido da complexidade de inserir a temática no currículo integrado, quebrar barreiras preconceituosas. Mostraremos a seguir que os desafios contribuíram para o crescimento dos participantes da pesquisa e que as manifestações artísticas culturais afro-brasileiras possibilitaram o entendimento a respeito da diversidade cultural.

2.3 A FORMAÇÃO INTEGRADA: A BUSCA

Nesta direção, mostraremos que os caminhos, traçados até aqui, tiveram como finalidade buscar uma formação integrada para os estudantes. Entendemos que cabe às instituições de ensino desenvolver metodologias, projetos que gerem debates reflexivos, rompam com o dualismo que diferencia as pessoas pela classe social e pela cor da pele. Ciavatta (2005a) discorre sobre a dualidade que contamina a sociedade brasileira, impedindo que as minorias possam usufruir de bens e serviços frutificados pelos grupos sociais, corroborando com séculos de dominação e intolerância. Isso se torna pior ainda quando nos deparamos com as questões étnico-raciais. O dualismo entre os negros e brancos torna mais severo ainda e está presente em todos os setores. Nesse contexto, corroboramos com a concepção de Silva (2019), que aponta a necessidade de discutir as falas que menosprezam o que configura como diferente, no sentido de projetar uma educação ancorada na diversidade cultural. Para a autora, os currículos e práticas pedagógicas necessitam conter uma visão abrangente que abarcam a todos independentes da idade, gênero, etnia, etc.

Acredita-se que os currículos precisam ser revisados e embasados com as novas mudanças e exigências das literaturas que discorrem sobre a temática e as normativas legais. Os direitos do povo negro e as pesquisas com a comunidade escolar devem comungar com os movimentos interculturais.

Na visão de Duarte e Silva (2015), a sociedade passa por momentos que exigem mudanças sociais, as matrizes predominantes precisam ser confrontadas, os processos contra hegemônicos precisam ser visualizados. A globalização e os movimentos políticos devem unir-se em torno do saber, buscando os efeitos dos mesmos para com a sociedade em suas diversas esferas. Diante dessas mudanças, surge um novo movimento cultural que busca uma nova vertente entre desigualdade, diversidade cultural e conhecimento, os chamados oprimidos reagem e exigem serem visualizados. Costa e Grosfoguel (2016), no artigo e “Decolonialidade e perspectiva negra”, versam o seguinte:

O Brasil, em decorrência dos projetos de ações afirmativas em curso nas universidades públicas do país desde o início desse milênio, depara-se com a possibilidade de incorporar a experiência negra e indígena não apenas na formulação de conhecimento, mas também na busca de soluções para os problemas que enfrentamos. A partir deste lócus epistêmico, podemos construir um pensamento decolonial em âmbito nacional, assim como podemos construir um diálogo intercultural com outros sujeitos que vivenciam processos de subordinação no sul global (COSTA; GROSFOGUEL, 2016, p. 22).

Ao trabalhar a cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras, confrontamo-nos com conteúdos que são priorados e outros que são menosprezados, a maioria dos currículos são hegemônicos e eurocêtricos. Neste sentido discorro sobre o pensamento de Sacristán (2012) que trata dos currículos priorizados e menosprezados, conforme o autor, esse tipo de política desfavorece “sujeitos com direitos”, comparando com a realidade dos nossos currículos, sabemos que a vivência e as práticas culturais do povo cabem nesse contexto.

Ramos (2007) discute sobre a base para uma formação integrada, em que os itinerários para a formação unitária correspondem ao acesso de todos à educação, independente da raça, da cor e da classe social. A autora discorre da importância do acesso ao saber e à cultura. Aqui, cabe interagir com a história e com a cultura afro-brasileira nas matrizes curriculares do ensino médio integrado, buscar resgatar a história de um povo que durante muito tempo teve seus direitos negados.

Ainda sobre o pensamento de Ramos (2007), para um projeto de ensino médio no sentido da formação omnilateral, devemos levar em conta o conhecimento, a história, cultura e anseios dos sujeitos, que apesar de serem diferentes em sua essência, anseiam por direitos iguais. Entender que os conhecimentos são construídos de forma coletiva e social, configura como um patrimônio a ser apropriado por todos independente de sua classe social.

O que a autora discorre nesse fragmento conduz à temática *Falas de um povo: práxis da valorização da cultura afro-brasileira na Educação Profissional Tecnológica*, pois retrata sujeitos que têm história, direitos e luta de um patrimônio da humanidade construído ao longo da nossa vida. Trazer o tema para sala de aula será um passo na caminhada para uma formação omnilateral, que se constitui até o momento como uma possibilidade.

Diante do exposto, percebemos a importância de a Educação Profissional e Tecnológica desenvolver projetos interculturais em uma visão emancipadora. Nesse sentido, corroboramos ainda com o pensamento de Ciavatta (2005a, p. 43) em “[...] defesa de um projeto de ensino médio que integre trabalho, ciência e cultura, perspectiva de uma formação unitária, politécnica e omnilateral”. Elencar as concepções da educação integrada aos princípios formativos e reflexivos da cultura afro-brasileira é necessário para romper com as barreiras do preconceito e para criar caminhos para uma formação integrada no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Quando discorremos sobre essa formação unitária, omnilateral torna-se necessário entender a origem e o significado destes termos e sua importância para o contexto da pesquisa. Para Ciavatta (2014, p. 190) “[...] sua origem remota está na educação socialista que pretendia ser omnilateral no sentido de formar o ser humano na sua integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica”. Assim, entendemos que a formação omnilateral traz elementos críticos e reflexivos, ou seja, pressupõem formar o ser humano em todas as dimensões necessárias para uma vida digna.

Pautada nos argumentos apresentados para o estudo da cultura afro-brasileira e para a formação integrada em uma perspectiva intercultural, a criação de caminhos para a mediação do conhecimento é necessária. Para Vygotsky (1987) o desenvolvimento cognitivo não ocorre sem a interação com o contexto social, cultural e histórico. Dessa forma, percebe-se que o desenvolvimento está nitidamente relacionado com o desenvolvimento sociocultural em que o ser humano vive com seu grupo, sendo assim, os sistemas simbólicos funcionam como mediadores para o desenvolvimento da pessoa. Neste caso as linguagens artísticas ancoradas na cultura afro-brasileira, os debates, a visita à Comunidade Quilombola Ilha de São de Vicente, contribuíram para mediação simbólica dos participantes da pesquisa propiciando-os uma formação com pressupostos integradores.

De acordo com Vygotsky (1988), os processos de funcionamento mental do homem são fornecidos pela cultura, através da mediação simbólica. Partindo desse pressuposto, tornou-se significativo elencar as bases dessa teoria, a temática desta pesquisa, pois as mesmas requerem mediação entre os saberes sociais, culturais e históricos com a premissa de mostrar que os elementos da cultura afro-brasileira podem contribuir para uma formação

integrada, ou seja, a cultura tem um papel significativo na formação humana, sendo assim, articulação da teoria da mediação ofereceu subsídios para os discentes lutarem por uma sociedade mais igualitária, em que as pessoas não sejam excluídas pela cor da pele, deficiência, gênero e outras formas de exclusão.

Outro ponto chave para a formação integrada é a promoção de uma aprendizagem significativa. Conforme Moreira (2011), a aprendizagem significa parte de premissas que fomentam uma educação crítica, emancipatória, na qual o educando possa construir um conhecimento com significados. Ramos (2010) salienta que a definição de integração não se restringe a um único desenho de curso, engloba as esferas da formação humana atrelada a processo de desenvolvimento cultural e tecnológico, relacionando os processos do trabalho e o ensino. Na sua visão, a formação integrada não pressupõe só uma soma de conteúdos ou carga horária, ou habilitações profissionais, mas sim integrar a realidade escolar, prezar pelo desenvolvimento de competências e habilidades que culminam no ensino-aprendizagem, unir conhecimento específico e conhecimento geral, ciência, cultura e trabalho, humanismo e tecnologia. É um processo de mediação.

Integrando os pressupostos apontados por Moreira (2011), Vygotsky (1988) e Ramos (2010), percebemos que a aprendizagem significativa ocorre através da mediação entre trabalho, vivência cultural e saberes científicos. Com esta mediação o ser humano se torna capaz de crescer de forma intelectual, humana e profissional. Neste sentido, Ramos (2010) aponta as dimensões que tornam o currículo integrado e que tornam o ensino e a aprendizagem significativos, analisa a ciência, o trabalho e a cultura na relação entre educação profissional e educação básica e apresenta os pressupostos orientadores do currículo do ensino técnico integrado ao ensino médio:

a) o sujeito é concebido como ser histórico-social concreto; b) a finalidade do processo educativo visa à formação humana; c) o trabalho como princípio educativo no sentido de permitir, concretamente, a compreensão do significado econômico, social, histórico, político e cultural das ciências e das artes; d) a seleção de conteúdo é baseada numa epistemologia; e) o processo de ensino visa à construção de conhecimentos gerais e específicos; f) a profissionalização não se limita à dimensão técnico-operacional dos processos de trabalho, mas se centra nos fundamentos científico-tecnológicos, sócio históricos e culturais da produção moderna em geral e da área profissional em particular; g) a compreensão histórica do processo de produção da área profissional e de suas contradições, como parte de uma totalidade constituída pela produção material e pelas relações sociais modernas, possibilita uma formação politécnica e omnilateral dos sujeitos (RAMOS, 2010, p. 52-53).

Nessa direção, a Teoria da Mediação de Vygotsky (1988) foi o suporte essencial para preparar o ambiente acolhedor para o debate pluriétnico e intercultural na direção de uma formação integrada, ancoradas na cultural e na ciência, construindo alicerces para romper com

as práticas monoculturais que permeiam a sociedade com um discurso europeizado e ultrapassado.

A pesquisa *Falas de um povo: práxis da valorização da cultura afro-brasileira na Educação Profissional Tecnológica*, ofereceu suporte para os alunos desenvolverem suas capacidades mentais e intelectuais, preparando-os para uma “práxis”, em que todo processo apresentou significado conforme teorias apresentadas e refutadas no decorrer da pesquisa.

Acreditamos, assim que nossas ações possam ter contribuído para a formação integrada, e que suscitem uma reflexão consciente de valorização do ser humano, ultrapassem as fronteiras da violência, do preconceito e do racismo, superem a dualidade entre uma educação propedêutica e uma educação para o trabalho, e busquem uma formação ancorada na ciência e na cultura rompendo com o pensamento ultrapassado e europeizado.

3. METODOLOGIA

Na realização da pesquisa, acerca da temática *Falas de um povo: práxis da valorização da cultura afro-brasileira na Educação Profissional Tecnológica*, buscamos aportes metodológicos diversificados. Conforme Minayo (2008) é importante pensarmos a metodologia não somente como um conjunto de técnicas a serem aplicadas, mas enquanto uma articulação entre os caminhos de operacionalização da pesquisa e as suas questões de natureza mais epistemológica. Dessa forma, como afirma a autora, discutir metodologia significa debater ideias, práticas e opções, o que pretendemos percorrer nesta proposta de pesquisa. Foi partindo desses pressupostos que buscamos descrever e justificar nesta seção os caminhos metodológicos escolhidos para a presente pesquisa, em consonância com os objetivos aqui propostos e com o aporte teórico utilizado.

A presente pesquisa foi alicerçada na abordagem quali-quantitativa. Com a finalidade de entender e identificar de forma mais abrangente e significativa os dados pesquisados. Neste sentido, partimos do pressuposto que a pesquisa qualitativa comporta várias metodologias. Marconi e Lakatos (2001, p. 43) defendem que a metodologia qualitativa “Preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”, além de possibilitar análises mais precisas a respeito da investigação. Denzin e Lincoln (2006) afirmam que a pesquisa qualitativa configura um grupo de técnicas interpretativas e materiais que pressupõem a visibilidade do grupo em análise, são práticas que transformam a realidade, e pode-se utilizar de diversas técnicas para coleta e análise de dados, envolvendo o pesquisador e a realidade pesquisada. Este tipo de pesquisa possibilitou o entendimento dos dados subjetivos de maneira aprofundada e dinâmica, compreendendo os diversos procedimentos adotados.

Quanto à abordagem quantitativa contribuiu para conhecer o perfil dos participantes da pesquisa. Na visão de Fonseca (2002, p.20) “Os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa”. Neste sentido foi possível estabelecer os padrões de comportamento dos estudantes envolvidos. De acordo com Fonseca (2002) a pesquisa quantitativa se configura no concreto, apresenta matrizes positivistas, compreende que os fatos reais só são entendidos com a apresentação de dados objetivos, coletados com instrumentos adequados e imparciais. A pesquisa quantitativa busca a quantificação para coletar e explicar as consequências do fenômeno, as configurações entre variáveis. O trabalho

conjunto entre a pesquisa qualitativa e quantitativa tende a assentir mais detalhes do que de forma isolada.

A pesquisa quantitativa, por ter ramificação positivista lógica, foi importante para interpretar os dados lógicos e as experiências do cotidiano dos participantes. Enquanto, a pesquisa qualitativa compreende fatos variados e individuais da realidade humana. As duas pesquisas permitiram agrupar um maior número de informações.

Ainda sobre a tipologia da pesquisa, quanto aos objetivos esta pesquisa caracterizou-se como exploratória e explicativa. Gil (1999) considera que a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Para Marconi e Lakatos (2001), a pesquisa de caráter explicativo visa estabelecer relações de causa-efeito por meio da manipulação direta das variáveis relativas ao objeto de estudo, buscando identificar as causas do fenômeno.

Quanto aos procedimentos e técnicas adotadas, foi utilizada a pesquisa participante, a mesma ocorreu com a chegada e com a vivência da pesquisadora no campo de investigação. Na visão de Marconi e Lakatos (2001), a pesquisa participante pressupõe atuação efetiva do pesquisador com a comunidade ou grupo. O mesmo se insere no grupo, agrega-se com ele, e se torna parte integrante do grupo em estudo. A escolha pela pesquisa participante teve como base a interação que a técnica oferece entre participantes e pesquisador do estudo, essa interação foi significativa para o estudo e categorização dos resultados.

Podemos destacar o outro aspecto significativo sobre a pesquisa participante, citado por Brandão (2006, p. 12) “Ela determina um compromisso que subordina o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer porque se quer agir”. Nesta direção, os procedimentos utilizados favoreceram o estreitamento de uma relação de trocas entre pesquisador e os participantes do estudo, o que foi de encontro com a temática da cultura afro-brasileira e formação integrada.

Para socialização dos saberes dos afro-brasileiros no município de Araguatins, foi realizada uma roda de conversa com representantes da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, com objetivo de trazer, a vivência, a memória da cultura, os desafios, as lutas e as conquistas desse povo. A Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, fica no Município de Araguatins, extremo norte do Tocantins, localizada no Rio Araguaia, o qual por sua vez, encontra-se na fronteira entre os estados brasileiros do Tocantins e do Pará. Segundo relatos de representantes da referida comunidade, sua origem remonta ao final do século XIX, período

pós-abolição da escravidão negra no Brasil. Dessa forma, as diversas gerações desta comunidade inscrevem sua história de vivência na Ilha de São Vicente há mais 132 anos.

Para verificar se os estudantes participantes da pesquisa conseguiram entender as várias vertentes da cultura afro-brasileira após as atividades desenvolvidas pelo Produto Educacional aqui proposto, foi utilizado o formulário *Google Forms*². Para Marconi e Lakatos (2021, p. 344), “O formulário é um dos instrumentos essenciais para a investigação social, cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações diretamente do entrevistado”. As mesmas o caracteriza por facilitar o contato entre os participantes da pesquisa e o pesquisador de forma mais dinâmica.

Esta pesquisa teve como finalidade a formação omnilateral no ensino técnico integrado ao ensino médio, no Campus Araguatins-IFTO, sob o olhar da práxis da valorização da cultura afro-brasileira e a formação integral. Quanto a sua natureza, o estudo proposto foi caracterizado como pesquisa aplicada, tendo em vista que objetiva criar conhecimentos a partir de atividades práticas com a aplicação do Produto Educacional.

3.1 TÉCNICAS DE COLETAS DE DADOS

A coleta de dados aconteceu por intermédio de revisão bibliográfica, roda de conversa, aplicação de formulários *Google Forms*, em que:

A revisão bibliográfica foi o norte que a pesquisa necessitou para ser construída. A mesma foi constituída com base nos que teóricos dissertaram sobre a temática e pelos marcos legais que implementaram o trabalho em sala de aula, como a Lei 10639/2003 (BRASIL, 2003), Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008) e as Diretrizes Curriculares Étnicos Raciais.

O questionário de percepção aplicado com os estudantes (Apêndice A) foi desenvolvido com o objetivo de analisar os conhecimentos prévios dos discentes sobre a cultura afro-brasileira e a sua implementação no contexto educacional, questionário respondido pelos discentes antes da aplicação do produto educacional.

O questionário final aplicado com os estudantes (Apêndice C) teve como finalidade verificar se os discentes participantes das atividades conseguiram entender as várias vertentes da arte e cultura afro-brasileira após as atividades desenvolvidas pelo produto educacional proposto e se o estudo proporcionou suporte para uma formação integrada.

O roteiro para a roda de conversa realizada com representantes da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente em Araguatins, teve como objetivo trazer a vivência, os

² O Google Forms é um serviço gratuito, da plataforma Google, para criar formulários on-line. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções.

desafios, as lutas e as conquistas desse povo para que os alunos pudessem entender as ações da comunidade. A roda de conversa seguiu o roteiro de perguntas (Apêndice B).

3.2 ETAPAS DA PESQUISA

A operacionalização da pesquisa seguiu as seguintes etapas:

Etapa 1 - Sondagem da percepção discente sobre a temática: realização de levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos envolvidos diretamente na pesquisa, com formulário, em que foi analisada a concepção dos mesmos acerca da temática, os desafios, a empatia.

Etapa 2 - Aplicação do Produto Educacional (PE) da pesquisa, que culminou na criação de um site *Falas de um povo*, criado pela pesquisadora para exposição das atividades, além de criação de um perfil no Instagram, no qual os estudantes expuseram o material produzido nas oficinas, nos registros fotográficos, nos vídeos e visita à comunidade quilombola.

O Quadro 1, apresenta as etapas do PE:

Quadro 1 – Etapas do PE: entre cenas e práticas culturais afro-brasileiras.

ATIVIDADE	OBJETIVOS	DURANTE A AULA	CONTRA TURNO	Nº DE AULA
Apresentação da proposta	Propiciar aos participantes da pesquisa conhecimentos acerca da proposta, objetivos, cronograma, etapas.	x		01
Pesquisa e ciclo de estudos realizado pelos estudantes sobre os aspectos relacionados à cultura afro-brasileira na base de dados disponíveis sobre a temática, orientada pela pesquisadora.	Oferecer ferramentas para os estudantes conhecerem a cultura afro-brasileira, e, assim, despertar o senso crítico acerca da temática.		x	01
Roda de conversa com representantes da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente.	Promover o intercâmbio cultural entre os estudantes e os representantes da comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, conhecer os relatos de experiências, lutas e conquistas.		x	01
Realização de ensaio fotográfico com os estudantes do curso intitulado: “Eu sou negro”.	Demonstrar a força e o empoderamento de homens e mulheres negras.		x	01
Oficina de desenho e pintura afro-brasileira.	Proporcionar meios que despertem o interesse dos estudantes sobre a arte visual afro-brasileira, quebrando tabus e fortalecendo a diversidade.	x	x	02
Organização e ensaios de apresentação de música, dança e poesia afro-brasileira.	Conhecer, apreciar e apresentar poesias que exaltam a população negra, romper com o preconceito;	x	x	02

	Apreciar a beleza das danças e das músicas afro-brasileiras, compreender seu valor para a formação da cultura brasileira.			
Realização da <i>Mostra Cultural Fala de um Povo: Gerlândio Moraes</i>	Contribuir com a formação integral do estudante por meio do desenvolvimento do senso artístico e cultural.		x	04
Criação do site <i>Falas de Um Povo</i> (https://www.falasdeumpovo.site/)	Divulgar os frutos da pesquisa realizada, bem como fomentar estudos e pesquisas sobre a história e cultura afro-brasileira.		x	04

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

A *Mostra Cultural Fala de um Povo: Gerlândio Moraes* ocorreu no Auditório Pioneiro do Campus Araguatins, organizada pelos alunos participantes da pesquisa, juntamente com a pesquisadora. A exposição ficou aberta ao público interno e externo do *Campus Araguatins* por seis horas. Durante a mostra, teve exposição de culinária, artesanato, fotografias e pinturas afro-brasileiras, bem como apresentações de palco: desfile *Eu Sou Negro*, declamação de poesia, música e danças referentes à temática. Foram montados dois *stands*, um para as modalidades visuais, como fotografia, desenho, pintura e artesanato; e outro para a culinária, sendo que a turma foi dividida em dois grupos, que ficaram responsáveis pela organização do material. Para apresentação de palco, foram formados quatro grupos, seguindo as seguintes modalidades: música, poesia, dança e desfile.

Etapa 3 - Validação do produto por meio de aplicação de um questionário com os estudantes participantes da pesquisa que buscou identificar se houve aprendizagem significativa sobre a abordagem da temática;

Etapa 4 -Contextualização dos dados com as referências/relatos, o processamento, a sistematização e a análise dos dados coletados na pesquisa à luz dos referenciais teóricos, com posterior disponibilização dos resultados para a comunidade, após a finalização da pesquisa.

3.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta dissertação apresenta a análise de conteúdo como ferramenta de análise e de interpretação dos dados ancorada na proposta da professora Bardin (2011). Para a autora, o termo “análise de conteúdo” compreende um grupo de técnicas de análise, buscando se agrupar por métodos sistemáticos de compreensão do conteúdo das mensagens que abrem espaços para inferências. Para ela, a utilização da análise de conteúdo aponta três fases importantes: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e

interpretação. Nesse sentido, apontam-se essas fases para análise dos dados coletados, relacionando-as aos objetivos, às hipóteses e aos resultados esperados.

3.4 LÓCUS, CONSIDERAÇÕES ÉTNICAS E O UNIVERSO DA PESQUISA

O universo de nossa pesquisa foram os estudantes do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal do Tocantins, *Campus* Araguatins. O estudo foi direcionado para uma amostra de pelo menos 10% desse universo, sendo 35 estudantes, que corresponde aos alunos da 3ª série.

3.4.1 Aspectos éticos

A Resolução nº 466/2012 (BRASIL, 2012), sobre normas e critérios éticos, garante que o projeto será submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), e para as demais disposições do Conselho Nacional de Saúde, que envolve pesquisas em seres humanos.

A Plataforma Brasil, de acordo com a Resolução 466/2012 (BRASIL, 2012), considera o progresso da ciência e da tecnologia, que desvendou outra percepção da vida, com reflexos não apenas na concepção e no prolongamento da vida humana, como nos hábitos, na cultura, no comportamento do ser humano nos meios reais e virtuais disponíveis, e que alteram e inovam em ritmo acelerado e contínuo, dessa forma considera-se progresso da ciência e da tecnologia buscar benefícios para o ser humano, comunidade onde ele vive, e sociedade proporcionando o bem-estar e a qualidade de vida, estimulando a defesa e a preservação do meio ambiente. Dessa forma, a Plataforma Brasil favorece a promoção da ciência de forma segura, seguindo os princípios éticos, valorizando o ser humano.

A presente Resolução adota inúmeras definições, das quais citaremos aquelas que são indispensáveis para o nosso projeto:

II.2 assentimento livre e esclarecido – anuência do participante da pesquisa, criança, adolescente ou legalmente incapaz, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação. Tais participantes devem ser esclarecidos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa lhes acarretar, na medida de sua compreensão e respeitados em suas singularidades;

II.3 assistência ao participante da pesquisa:

II.3.1 – assistência imediata – é aquela emergencial sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situação em que este dela necessite;

II.3.2 – assistência integral – é aquela prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente da pesquisa;

II.23 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – documento no qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante e/ou de seu responsável legal, de forma escrita, devendo conter todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual se propõe participar; e

II.24 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE – documento elaborado em linguagem acessível para os menores ou para os legalmente incapazes, por meio do qual, após os participantes da pesquisa serem devidamente esclarecidos, explicitaram sua anuência em participar da pesquisa, sem prejuízo do consentimento de seus responsáveis legais. (BRASIL, 2012).

A ética da pesquisa implicou em: respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida. Destaca-se que este trabalho foi submetido junto ao Comitê de Ética em Pesquisa que recebeu parecer favorável conforme documento Nº 5.228.579, CAAE: 54096921.7.000.8111 de 07 de fevereiro de 2022.

3.4.2 Riscos

Dos riscos: levando em consideração que o formulário para os alunos continha perguntas abertas realizadas em sala de aula, pode-se ocasionar algum desconforto ou retração. Diante disso, o participante da pesquisa poderia, a qualquer momento, não responder ou desistir da pesquisa, sem que gere nenhuma penalidade. Houve outros pontos que poderiam gerar receios: o ensaio fotográfico, o desfile, a apresentação musical e de dança, pois essas atividades geram exposição ao público. A quantidade de atividades (questionário de validação, atividades no contraturno) poderia ocasionar alguns desconfortos e cansaços, mas, em nenhum momento, os alunos foram obrigados a participar das atividades. Foi livre a escolha de cada um, podendo desistir caso não se sentisse à vontade.

Da utilização das informações coletadas: os dados coletados nesta pesquisa ficaram sob a responsabilidade das pesquisadoras, garantindo o sigilo e o zelo pela integridade de seus participantes. O material coletado ficou disponível aos participantes sempre que eles desejarem avaliar. Houve exposição de fotografia, de vídeos de apresentação de danças, de músicas, de poesia e de desfile no Instagram e no Espaço de Vivência do *Campus* Araguatins, com consentimento do discente maior de 18 anos ou de seu responsável, caso o discente seja menor. Esse responsável assinou uma declaração de uso de voz e imagem em conformidade com a legislação vigente.

Formas de minimizar os riscos: a Resolução nº 466 (BRASIL, 2012), em seu item V.3, V.6 e V.7, determina que, quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los, e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes.

V.3 – O pesquisador responsável, ao perceber qualquer risco ou dano significativos ao participante da pesquisa, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido, deve comunicar o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, e avaliar, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender o estudo.

V.6 – O pesquisador, o patrocinador e as instituições e/ou organizações envolvidas nas diferentes fases da pesquisa devem proporcionar assistência imediata, nos termos do item II.3, bem como responsabilizar-se pela assistência integral aos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa.

V.7 – Os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa. (BRASIL, 2012)

A indenização, nos termos da resolução, é a cobertura material para reparação do dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Destacamos ainda que o participante da pesquisa não teve qualquer tipo de despesa ou remuneração e garantimos seu direito de indenização ou ressarcimento por todo e qualquer gasto ou prejuízo caso seja comprovada a causa e esteja relacionada a algum dano decorrente dessa pesquisa

Ressaltamos que os nomes ou imagens dos participantes da pesquisa não apareceram em momento algum sem o consentimento dos mesmos ou de seus responsáveis. Os participantes que aceitaram expor seu material, fotos, áudios e vídeos, assinaram uma declaração de uso de imagem e som em conformidade com a legislação vigente, sendo de responsabilidade da pesquisadora a proteção e o sigilo das identidades dos envolvidos.

3.4.3 Dos Benefícios

Os participantes tiveram a oportunidade de conhecer e de aprender sobre a diversidade da cultura afro-brasileira, além de identificar as várias formas de preconceitos que a cultura em questão sofre em diversos setores da sociedade, e, assim, criar caminhos para combater qualquer forma de preconceito e de racismo. O estudo da temática promoveu suporte para uma formação integrada, culminando para a formação de sujeito crítico, sendo capaz de levar esse aprendizado para além da sala de aula.

Visitar os representantes da comunidade Quilombola Ilha de São Vicente proporcionou conhecimento sobre o contexto histórico do negro no Brasil, de suas lutas, conquistas, desafios. Todas as atividades que foram desenvolvidas com os discentes ofereceram uma enorme gama de conhecimento que os tornaram seres humanos ativos e reflexivos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE - RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

A relação teoria e prática nesta seção traz uma reflexão sobre as atividades teóricas e práticas desenvolvidas durante o estudo que visavam contribuir para uma formação omnilateral no ensino técnico integrado ao ensino médio em Araguatins, sob o olhar de ações que integrassem a valorização da cultura afro-brasileira. Relacionamos as atividades desenvolvidas durante a pesquisa com pensamentos de autores, ancorados numa reflexão transformadora, fruto da práxis capaz de transformar realidades. Para Vázquez (2002, p. 70) “A práxis é entendida como uma atividade prática humana, a um só tempo subjetivo e objetivo, ideal e real, espiritual e material, que desemboca na transformação prática, efetiva, do mundo do homem [...]”. Para o autor as atividades teóricas e práticas são somadas configurando como práxis.

Conforme Vázquez (2002), a prática proporciona em sua base ampla, ferramentas e metas reflexivas com o viés de transformar o mundo nas dimensões sociais e naturais. Nessa direção, entendemos que a teoria e a prática dialogam num sentido de transformação, como apontam os aportes teóricos da pesquisa, onde buscamos uma transformação consciente e libertadora através da valorização da cultura afro-brasileira.

Conforme Freire (2013), para que aconteça a práxis, em sua essência, é necessário que os sujeitos assumam uma postura ativa como ser social e histórico, superando todas as formas de dominação. Freire aponta a ideia de um conjunto de práticas buscando a transformação da realidade, onde os dominados podem reivindicar seu espaço de direito como sujeitos históricos. Trazendo essa reflexão para o campo da pesquisa, compreendemos que as teorias abordadas durante o estudo e as atividades práticas desenvolvidas no âmbito da cultura afro-brasileira pelos participantes, contribuíram para uma formação omnilateral conforme pressupostos da formação integrada.

No campo da formação integrada, Ciavatta (2005a) destaca que como formação humana, a que oferece ao ser humano, seja ele adolescente jovem ou trabalhador, condições para uma formação inteira para compreender o meio em vive, identificar-se como membro integrante de uma nação, inserindo-se forma digna à sua sociedade organizada.

Refletindo sobre a formação integrada, entendemos que o diálogo entre teoria e prática é significativo, pois se trata de formar o indivíduo em suas dimensões social, cultural, científica tecnológica e para o mundo do trabalho. Esse tipo de formação exige práticas que desarticulem ações opressoras articuladas por uma elite dominante. Sem práxis, “[...] é

impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (Freire, 2013, p. 52). A partir do momento que o participante da pesquisa conheceu a teoria e prática foi possível somar elementos para uma práxis libertadora.

Nesse diálogo entre teoria e prática, este tópico buscou entender se os participantes da pesquisa, a partir das práticas desenvolvidas com a *Mostra Cultural falas de um povo: Gerlândio Moraes*, conseguiram estabelecer relações produtivas para sua formação como estudantes do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico. Para análise, foram utilizados depoimentos apresentados pelos discentes em algumas atividades, tais como, a roda de conversa com a comunidade quilombola, pesquisas e práticas artísticas culturais, além de fotografias e telas produzidas pelos participantes. Nesta perspectiva apresentamos o ponto de vista de Ciavatta (2005a) que considera o trabalho, a ciência e a cultura como pressupostos essenciais para a integralidade no currículo. Isto é, para Ciavatta estes são os elementos básicos para formação baseadas nos princípios da integração. E, desta forma, acreditamos que a presente pesquisa pode favorecer estes pressupostos integrativos.

Nesta perspectiva, serão apresentados a seguir as atividades que deram aporte para a pesquisa e para o Produto Educacional: o Questionário inicial, a Roda de conversa com a Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, a *Mostra Cultural falas de um povo: Gerlândio Moraes*, e o Questionário final. Estes tópicos culminaram de elementos que corroboram com o recorrido nesta categoria, onde apresentou-se ferramentas que comprovam a correlação entre teoria e prática, a autopercepção de experiências formativas e protagonismo/emancipação.

4.1 QUESTIONÁRIO INICIAL

No primeiro momento, foi aplicado questionário investigativo para avaliar a percepção dos estudantes participantes da pesquisa sobre a temática. Os dados obtidos por meio do questionário inicial contribuíram para criar um delineamento dos participantes no estudo. A construção desse desenho é essencial, pois aponta para os conhecimentos prévios dos participantes, a compreensão de sua realidade, já que a pesquisa participante corrobora para a interação entre pesquisador e seu campo de estudo (GIL, 2002). Dessa forma, o questionário apontou caminhos para entender mais sobre os participantes e a percepção destes a respeito da temática da cultura afro-brasileira, criando-se um norte para esse estudo, tais como: situação que leva ao preconceito, racismo relacionado à cultura do negro no Brasil e a vivência do estudante participante neste contexto interracial.

Nessa perspectiva, a primeira pergunta questionou aos participantes como se autodeclararam em relação à classificação apresentada pelo IBGE. Dos 34 respondentes da pesquisa, 73,3% se definem como pardos, enquanto 13,3% como brancos e 13,3% como pretos. Dessa forma, percebe-se que o perfil dos participantes não vai ao encontro com os dados apresentados pelo IBGE (2018), pois, dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões se assume como pretos, enquanto 89,7 milhões se declaram pardos. Identificar esse perfil foi importante para que fosse dado os primeiros passos para delinear o estudo, pois despertou o interesse da pesquisadora em entender qual critério os participantes usaram para encaixar-se nesta classificação do IBGE, percepção esta que fomenta a segunda indagação desta análise.

Gráfico 1 – Classificação dos participantes conforme IBGE.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Para complementar a primeira indagação, foi realizado o segundo questionamento para compreender por que os participantes se classificaram preto, pardo ou branco. No sentido de entender a percepção dos participantes, trabalhou-se com a análise de conteúdo de Bardin (2011), onde os motivos explicitados foram divididos em categorias conforme as opiniões suscitadas pelos participantes. A análise de conteúdo apresenta uma metodologia de pesquisa usada para caracterizar e interpretar conteúdo de diversas categorias, tais como textos, documentos, podendo ser usada para analisar dados quantitativos ou qualitativos (MORAES, 1999).

Os participantes foram questionados sobre sua percepção para definir-se como preto, pardo ou branco. Os motivos explicitados formaram duas categorias, a saber: a primeira compreende os motivos relacionados à situação físico-genética (cor da pele, cabelo, família).

A segunda categoria representa os que definem sua cor de pele pelos documentos oficiais (Quadro 2).

Em relação à primeira categoria, que é os que se classificam como pretos, pardos ou brancos, com a situação genética, percebe-se que o Brasil é um país miscigenado, e que essa miscigenação precisa ser analisada com cuidado para não criar estereótipos preconceituosos. Dentre os motivos apresentados pelos participantes do estudo, apontamos a fala de um estudante como ponto chave para esta análise: “Cor da pele, branca demais pra ser negra e negra demais pra ser branca”. No entendimento de Gomes (2019) este tipo de assertiva monopoliza o processo de identidade racial do pardo e denota expressivamente as inconformidades que ocorrem constantemente. Os conflitos em torno desta classificação é uma estrada longa e cheia de espinhos que acompanha o povo brasileiro desde o período colonial.

Com este pensamento, partimos para categoria referente às percepções dos participantes relacionados à classificação presentes em seus documentos oficiais, tais como, certidão de nascimento, carteira de vacina, etc. Neste quesito somente três motivos foram explicitados levando-nos a compreender que o fator físico-genético (primeira categoria aqui apresentada) foi o mais abordado pelos participantes para usarem a classificação abordada pelo IBGE. A seguir serão apresentados os resultados da pesquisa, seguindo a análise de conteúdos (Quadro 2). Vale destacar que, a quantidade de falas não representam a quantidade de alunos participantes da pesquisa, e sim, os motivos, considerações ou opiniões escolhidas para formar as categorias de análise.

Quadro 2 - Percepção dos estudantes sobre sua cor.

CATEGORIAS	FALAS DOS ALUNOS
Relacionados à situação físico-genética (cor da pele, cabelo, família)	• Por causa das minhas características, cabelo cacheado, tom de pele escura e descendência. Genética. • Cor da pele, branca demais para ser negra e negra demais para ser branca. • Porque tenho cor de pele branca. • Porque o meu tom de pele não é muito claro e nem muito negro, com isso, sou parda. • Por ter um pai negro e uma mãe branca. • Não tenho pele de cor escura e nem muito clara, e um pouco amarelada. • Por conta da minha cor e meus traços de negro.
Relacionados à documentação	• Porque está no meu registro • Eu me defino assim pela sua coloração visual, ou seja, quem me vê, percebe que sou pardo e também por meios documentais. • Apesar de falarem que não existe essa classificação, consta na carteirinha de vacinação.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

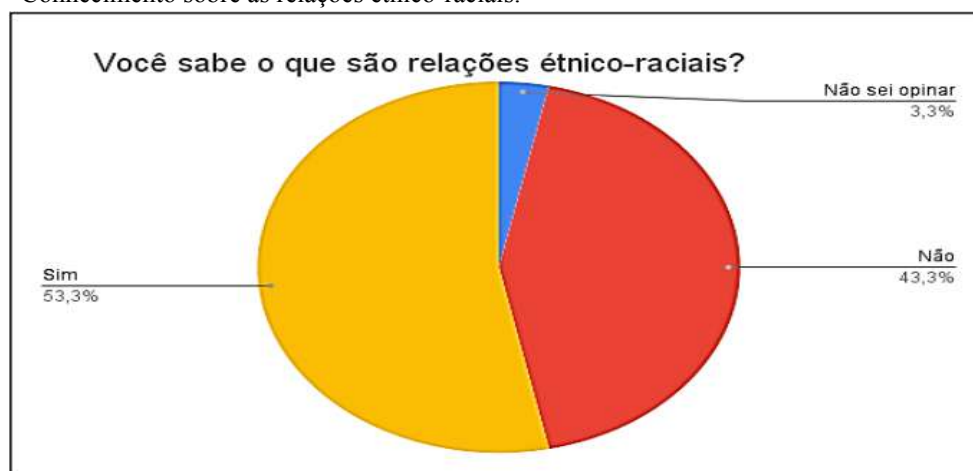
Em relação a esta exposição de motivos relacionada à raça apresentada no Quadro 2, conforme visão de Djamila Ribeiro a mistura de elementos de diferentes culturas, etnias que na maioria das vezes é aclamado no Brasil, de certa forma em muitas ocasiões foi fruto de estupros para com as mulheres negras. Essa tentativa de romantização da miscigenação procura esconder a violência. Isso significa que muitas vezes a miscigenação apresentada por estas classificações é para fazer desaparecer cenas de racismo e preconceito, bem como, violência sexual (RIBEIRO, 2019).

Foi também perguntado sobre o conhecimento dos alunos a respeito das relações étnico-raciais. Conforme dados apresentados no Gráfico 2, uma parcela de 53,3% dos participantes diz saber o que são relações étnico-raciais, enquanto 43,3% afirmaram não saber definir, não ter conhecimento sobre esta temática e 3,3% disseram não saber opinar.

Apesar da maioria dos participantes afirmarem saber o que é relação étnico-racial, ainda tem-se de considerar que há um grande número que dizem não saber ou não saber opinar. Sabemos que a relação étnica racial refere-se às questões relacionadas à população afro-brasileira, que de certa forma busca suprir as discordâncias entre os conceitos de raça e etnia. Conforme as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana “[...] a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime”. (BRASIL, 2004, p. 14). Desta forma, acredita-se que esse processo de aprendizagem foi essencial para os participantes da pesquisa, pois vai além da questão de definir conceitos, características físicas, e sim conhecer a dimensão simbólica, cultural, territorial, mítica, política e identitárias dos afro-brasileiros, e acima de tudo respeitar.

Nesta direção o estudo das relações étnico-raciais foi necessário para que todos os participantes da pesquisa pudessem compreender as principais dimensões das relações étnico-raciais. Na visão de Gomes (2021) as relações étnicas raciais estão envolvidas historicamente em vertentes de poder das hierarquias raciais brasileiras e que a raça funciona como meio para classificações sociais e envolve questões políticas, econômicas e culturais.

Gráfico 2 – Conhecimento sobre as relações étnico-raciais.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Para complementar a análise do Gráfico 2, traz-se o que aponta Resolução CNE nº 1, de 17 de junho de 2004, onde discorre em seu Art. 2º, § 1º “A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial [...]” (CNE/CP 2004b). Partindo deste pressuposto, reforça-se ainda mais a necessidade desta abordagem com os participantes da presente pesquisa.

Perguntamos também para os participantes se já presenciaram atos racistas, e se sim, qual o sentimento ocorrido no momento. As afirmativas e sentimentos sobre questionamento estão explicitados no Quadro 3, onde as categorias foram explicitadas em dois tipos: sentimentos relacionados à tristeza e sentimentos relacionados à indignação e repúdio. Um total de 20 (vinte) participantes disse ter presenciado e citaram os sentimentos, enquanto 15 (quinze) afirmaram nunca terem presenciado. Aqui analisamos as categorias abaixo e não a quantidade de respostas.

Quadro 3 – Sentimentos em relação aos atos racistas.

CATEGORIAS	FALAS DOS ALUNOS
Relacionados à tristeza	• Sim. Fiquei muito triste. • Sim, fiquei triste e com nojo. • Sim, muitas vezes. Sentimento de triste decepção, decepção por alguém ser tão cruel ao ponto de ser racista. • Sim, durante uma partida de futebol com amigos, um dos nossos adversários chamou nosso amigo de macaco, muito triste. • Sim na escola. Muito triste.
Relacionados à indignação/repúdio	• Sim, foi de indignação. • Sim, ódio do racista, sentimento de repugnância. • Já, um sentimento de ódio e ao mesmo tempo nojo. • Sim, de desconforto, raiva e incompreensão. • Ódio da pessoa que praticou o ato racista. • Sim, quando há de presenciar tamanha crueldade, o maior sentimento que se desperta é da injustiça, a dor do próximo passa a ser minha.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Prosseguiremos para a primeira categoria: “Sentimentos relacionados à tristeza por ter presenciado ato racista”. Os participantes que já presenciaram atos racistas, afirmaram sentir sentimentos de tristeza, decepção, injustiça, considerando o racismo como crueldade e injustiça. Conforme relatos apresentados pelos participantes esta ação desrespeitosa ocorre na escola, futebol, e outros espaços de convívio social. Para Leal (2015) a discriminação racial perpassa tanto pelo meio social como pelo meio racial e destaca ainda que o mesmo ocorre pelo simples fato de indivíduos se acharem melhor que os outros, ancorados em elementos sociais e étnicos. Neste contexto, devemos abordar o que descreve a Constituição Brasileira de 1988 “[...] a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (Brasil, 1988, art. 5º - XLII). Como apresentaram os participantes, estes atos estão presentes no dia a dia da sociedade brasileira, mesmo sendo considerado crime em nossa lei máxima.

Passamos para segunda categoria que trata da “Indignação/ repúdio dos participantes em relação ao racismo”. Analisando os sentimentos apresentados percebeu-se que os participantes desprezam estes atos, sendo assim comungam do que implementa a nossa lei maior “[...] promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988, Art. 3º, IV). Cabe aqui destacar a importância da escola, um currículo integrado que quebre barreiras e crie ações de combate ao racismo. Na visão de Leal (2015) os espaços escolares são beneficiados, pois apresenta uma diversidade expressiva, e os incluídos no processo educativo devem ficar atentos e entender a importância de interceder nas ações que culminam em discriminação. Nesta perspectiva, destacamos a importância deste estudo para suscitar este tipo de debate.

Ainda sobre a análise do Quadro 3, Almeida (2019b, p. 26) descreve que “A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”. Percebe-se ainda que a discriminação racial está ligada diretamente a relação de poder, força que diminui, inferioriza os afro-brasileiros. Retrato este que nos abastecemos ainda mais destes sentimentos abordados pelos participantes para criar movimentos que quebrem este cimento que sustenta esta sociedade racista.

Para complementar as informações da questão anteriormente apresentada, analisamos o Quadro 4, onde se perguntou aos participantes sobre os efeitos do racismo na percepção de cada um. Para análise foi dividida as opiniões explicitadas pelos participantes em duas categorias, a saber: efeitos na autoestima e/ou danos psicológicos e danos sociais.

Quadro 4 – Efeitos do racismo.

CATEGORIAS	FALAS DOS ALUNOS
Problemas de autoestima e/ou danos psicológicos	• Causa perda de autoestima, exclusão. • O efeito do racismo é que coloca muito as pessoas para baixo. • Muito sofrimento. • O racismo possui um efeito destruidor na vida de uma pessoa, a autoestima baixa, sentimentos de dor e raiva. • O efeito é no trauma que traz nas pessoas e isso afetará seu futuro. • Depressão, ansiedade entre outros. • O efeito do racismo gera mais chance de doenças crônicas ao longo da vida, é uma violência dentro da comunidade. • O racismo pode causar vários problemas entre eles no psicológico
Danos sociais	• O racismo tem um impacto muito grande na sociedade, gera meio que uma divisão entre as pessoas. • O efeito do racismo é bastante impactante na sociedade, pois através desse horrível ato muitos problemas são desencadeados. • Desigualdade escancarada para todos com aqueles que vêm a ter a cor da pele escura e discriminada por muitos. • O racismo ao ser praticado pode influenciar outras pessoas a o praticarem. • O racismo prejudica a vida de muitas pessoas negras, dificuldade para arrumar emprego.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

A primeira categoria está relacionada aos “Efeitos do racismo na baixa autoestima”. Para esta categoria, analisamos de forma conjunta, cinco opiniões onde os participantes explicitaram que o racismo causa: perda de autoestima, exclusão, coloca muita as pessoas pra baixo, sofrimento, possui um efeito destruidor na vida de uma pessoa, trauma que traz nas pessoas e isso afetará seu futuro. Neste contexto, vale corroborar com o pensamento de Almeida (2019b) que aponta as consequências da discriminação, na opinião do autor, o processo de práticas discriminatórias traz efeitos nocivos que determina a posição social que cada individuo ocupa, um fenômeno presente nas relações entre as gerações, que afeta o processo de mudança social de determinados grupos sociais. A discriminação poda a acessão social.

Conforme o apresentado pelos participantes e fundamentado na visão de Almeida (2019b), o racismo afeta a vida do ser humano, destrói sonhos, perspectiva de vida. Afeta a vida não somente no momento do ato, mas acompanha o percurso de vida. Para complementar o entendimento da primeira categoria, apontamos as opiniões relacionadas às indisposições causadas pelos efeitos do racismo na visão dos participantes “depressão, ansiedade, doenças crônicas ao longo da vida, problemas psicológicos”. Diante do exposto entendemos com mais nitidez as consequências que esse tipo de ato causa no ser humano.

Na visão de Leal (2015), para buscar reverter esta realidade torna-se necessário criar momentos de discussão para promover a conscientização no meio escolar castrando todos os tipos de racismo presente, seja ele implícito ou explícito. Segundo a autora devemos buscar a implementação políticas mais acertadas e igualitárias. Corroborando com seus apontamentos,

entendemos que a presente pesquisa possa trazer elementos significativos para os participantes da pesquisa.

Prosseguimos agora para a última categoria do Quadro 4, que corrobora das opiniões dos participantes sobre os efeitos do racismo na sociedade, onde trouxemos opiniões dos participantes para análise de que o racismo tem impacto muito grande na sociedade, gera meio que uma divisão entre as pessoas, muitos problemas são desencadeados, desigualdade, o racismo ao ser praticado pode influenciar outras pessoas a praticarem, prejudica a vida de muitas pessoas negras, dificuldade para arrumar emprego. Assim, percebe-se que há um entendimento de parte dos entrevistados o quão danoso pode ser o racismo para a sociedade como um todo e que devemos sim ter mais trabalhos que abordem o tema para que haja mais consciência coletiva da sociedade atual.

Na visão de Ribeiro (2017) a herança escravocrata brasileira em pleno século XXI ainda proporciona experiências opressoras, o negro continua sendo objeto de opressão, a cor da pele conforme uma elite branca vai definir qual é o papel e o lugar do negro na sociedade. Entendemos que estes atos opressivos configuram uma doença crônica para o povo negro, as opiniões relatadas pelos participantes da pesquisa fundamentam ainda mais a visão dos estudiosos que afirmam que o povo negro grita por visibilidade e lugar de fala.

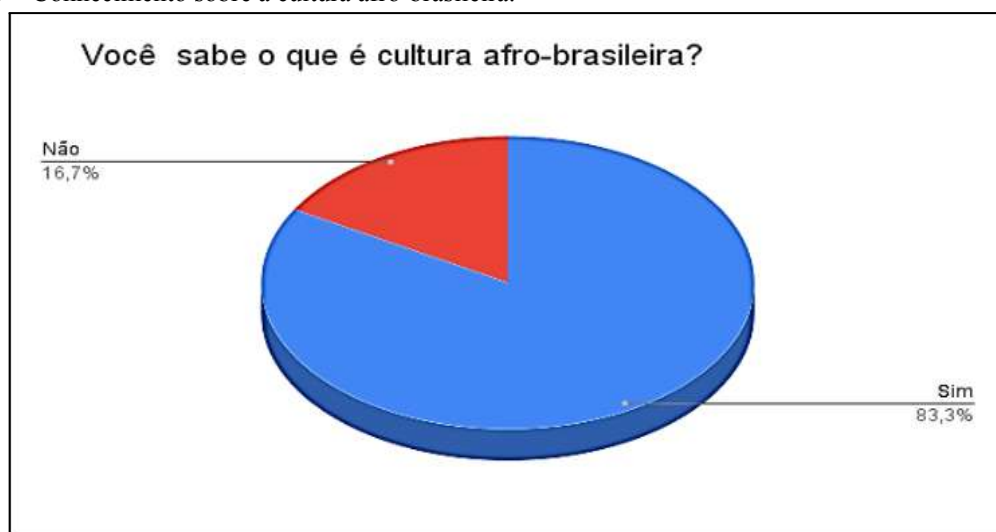
Para complementar o exposto no Quadro 4 trazemos a opinião de Silva (2019) onde aponta a importância de criar debates que confrontem narrativas que desqualificam o outro ou o diferente, dando lugar à construção de uma educação que visualize as diferenças, e mostre como elas devem ser tratadas e respeitadas. Como buscamos uma formação integrada esses pontos não podem ficar camuflados ou justificados por atos racistas, precisamos ficar atentos às opiniões abordadas pelos alunos participantes e implementar currículos que favoreçam esse tipo de debate. Neste sentido vale destacar os marcos legais que implementam debates que desfavoreçam qualquer tipo de preconceito, e assim criar caminhos para acabar com os males causados pelo racismo. Apontamos o que determina Estatuto da Igualdade Racial, Lei Nº 12.288/2010, Art. 1ª “[...] destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”. (BRASIL, 2010). Quando falamos de igualdade racial comungamos de direitos iguais para todos, significa quebrar com essa estrutura racista e preconceituosa que sustenta a sociedade brasileira, e para isto acreditamos numa formação integrada como fomenta Ciavatta:

[...] um tipo de formação que seja integrada, plena, vindo a possibilitar ao educando a compreensão das partes no seu todo ou da unidade no diverso. Tratando-se a educação como uma totalidade social, são as múltiplas mediações históricas que concretizam os processos educativos. (CIAVATTA, 2014, p. 198)

Buscamos neste estudo oferecer aos participantes uma formação em sua integralidade, onde o educando compreenda o homem como um ser social imerso em transformações que não devem ser consideradas naturais, em decorrência de um passado de opressão, como descreve a autora uma formação plena. Neste sentido buscamos entender a percepção dos participantes sobre a temática da pesquisa, os estudantes foram questionados sobre o seu conhecimento a respeito da cultura afro-brasileira. Partindo da temática apresentada e o conhecimento dos participantes sobre a mesma, analisaremos os dados apresentados no Gráfico 3 pelos estudantes.

No sentido de entender a percepção dos participantes sobre a temática da pesquisa, os estudantes foram questionados sobre o seu conhecimento a respeito da cultura afro-brasileira. Partindo da temática apresentada e o conhecimento dos participantes sobre a mesma, analisaremos os dados apresentados no Gráfico 3 pelos estudantes.

Gráfico 3 – Conhecimento sobre a cultura afro-brasileira.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

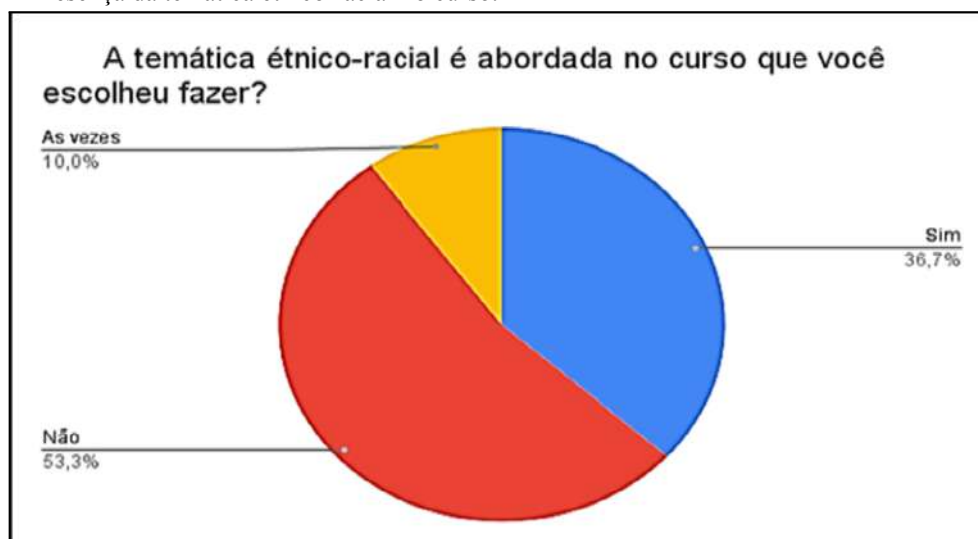
Como pode ser percebido no Gráfico 3, a grande maioria (83%) afirmou conhecer a temática da cultura afro-brasileira, enquanto 16,7% expressaram não conhecer. Neste contexto, entendemos que uma boa parte dos alunos associava cultura somente às manifestações artísticas, mas durante o estudo esta visão foi sendo mudada, puderam ampliar os horizontes acerca da temática, entendendo que a cultural é bem mais ampla e que vai além das artes. Dessa forma, para implementar a temática e ressignificar os conhecimentos já adquiridos, apontamos alguns teóricos que falam sobre a temática. Partimos com a visão de

Silva (2019, p. 27) “[...] o povo africano e seus descendentes expressaram suas práticas culturais, ressignificando seus costumes e tradições trazidos da África, dando origem à história e cultura afro-brasileira”. Entendemos que a cultura afro-brasileira surgiu da fusão de elementos da cultura africana trazidos por milhares de africanos, forçados a vir para o Brasil como escravos, e referências da cultura indígena e europeia. Através do exposto os participantes compreenderam que dessa fusão surgiu uma cultura diversa que tá presente no nosso dia a dia de várias formas

Em relação à porcentagem de alunos que não conheciam a cultura afro-brasileira, permitiu elaborar atividades que foram além da implementação dos conhecimentos, e sim criar meios para conhecer. Nesta direção, vale destacar que a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003)) foi o norte para implementação da temática nas escolas.

Para fomentar o exposto acima, apresentamos a visão de Silva (2019), que destaca a importância das escolas introduzirem em seus currículos os estudos da História da África, dos africanos e dos afro-brasileiros e suas manifestações culturais. A autora fomenta que a educação escolar através de um diálogo reflexivo pode desconstruir pensamentos racistas. Diante do exposto por Silva (2019), percebe-se a importância de conhecermos sobre a cultura afro-brasileira. Partindo das fomentações abordadas no Gráfico 3, direcionamos nossa análise para o Gráfico 4, onde vamos reforçar o que já foi abordado nesta análise. Perguntamos para os participantes se a temática étnico-racial é abordada no curso que escolheu fazer.

Gráfico 4 – Presença da temática étnico-racial no curso.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Como pode ser observado no Gráfico 4, um percentual de 53,3% afirmou que a temática não é abordada no curso que escolheu fazer, já 36,7% disseram que a temática é abordada e 10% disseram que de forma esporádica. A partir da análise dos dados,

percebemos que muitos alunos afirmaram que a temática não está presente no curso que escolheu fazer. Para Silva (2019) torna-se necessário que a educação multicultural, seja inserida no currículo, aponte caminhos para que as várias identidades ecoem no ambiente da instituição de ensino, quebrando barreiras para condecorar a identidade do povo negro.

Para complementar a análise do Gráfico 4, trazemos a visão de Maciel (2016) que discorre sobre os pressupostos para formação integrada, onde para o autor devemos apontar caminhos para dialogar com a formação omnilateral, além de pensar em meios para emancipação social, formar um estudante reflexivo e crítico diante do processo de transformação da sociedade. O autor aponta para direção de uma formação completa onde o homem se torna senhor de si mesmo, emancipando-se, ou seja, formado em sua totalidade. Neste sentido não podemos fechar os olhos diante de práticas que usurpam os direitos dos menos favorecidos.

Como nos mostrou o Gráfico 4, 53,3% dos participantes da pesquisa afirmaram que a temática étnico-racial não é abordada no curso que escolheu fazer. Neste caso, entendemos que os princípios de uma formação integrada não estão sendo cumpridos, pois o ambiente para este tipo de educação exige uma base unitária, que liberte o ser humano das amarras de uma sociedade racista. Diante dos anseios e necessidades dessa tão sonhada formação integrada, as instituições educacionais precisam se adequar. A escola deve ser esse lugar de busca, de transformação, pois conforme Ciavatta (2005b, p. 2) “[...] a formação integrada busca garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política”. Entendemos assim, que a formação integrada pressupõe a compreensão das relações sociais em todas as dimensões da vida humana.

E para corroborar com esta discussão, de uma formação completa, seguimos para análise do Quadro 5, que complementa o exposto no Gráfico 4. Interrogamos os estudantes participantes da pesquisa, como perceberam a presença da temática étnico-racial no curso que estuda, caso não fosse abordada, explicassem o porquê. As considerações explicitadas foram expostas em duas categorias: os que tiveram a abordagem em sala de aula e os que não tiveram a abordagem em sala de aula.

Quadro 5 – Considerações sobre a temática étnico-racial em sala de aula.

CATEGORIAS	FALAS DOS ESTUDANTES
Considerações sobre a abordagem da temática étnico-racial em sala de aula.	• Em palestras, com o tema abordado: cota não é esmola. • Discutido em debates em sala de aula e atividade. • Através de alguns eventos do Neabi - Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena. • Em rodas de conversas feitas em sala de aula. • Percebi durante as aulas de extensão rural/ cooperativismo.
Considerações sobre a não abordagem da temática em sala de aula.	• Por não ser o principal conteúdo nos livros. • Acho que pelo racismo ainda está enraizado na sociedade. • Não é abordado, pois é voltado para o curso de Agropecuária.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

A primeira categoria trata sobre a abordagem da temática étnico-racial em sala de aula. Esta argumentação completa o exposto na questão anterior, em que a maioria dos estudantes afirmou que a temática não é abordada em sala de aula. E, para complementar a análise, no Quadro 5 mostramos as considerações sobre as formas de abordagem da temática, que, dentre as falas explicitadas, estão: palestras, debates, evento do NEABI, aula de arte, aula de extensão rural. Através das considerações apontadas percebemos que a temática é abordada no curso através de atividades diversificadas.

Dentre as considerações, vale frisar as ações do NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígenas do Campus Araguatins do IFTO, que tem em suas premissas atividades voltadas para toda comunidade escolar: alunos, professores, servidores em geral e comunidade externa. Tem como objetivo fomentar a discussão da temática, criar debates que corroborem como o combate ao racismo, não só na escola, mas em todas as esferas e que abordem a cultura afro-brasileira. “[...] a implantação e implementação das políticas de ação afirmativa, os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - NEABIs - atuam nas instituições de ensino para o fortalecimento de uma educação antirracista [...]” (CUSTÓDIO; OLIVEIRA, 2021, p.2). As duas autoras fomentam que os NEABIs contribuem de forma significativa para que esses debates sejam integrados nas políticas institucionais, sendo assim entendemos que as falas dos estudantes são pertinentes ao citarem o NEABI.

A segunda categoria apresentada no Quadro 5 discorre sobre as considerações da não abordagem da temática étnico-racial, segundo a visão dos estudantes. Dentre as considerações apresentamos as seguintes: por não ser o principal conteúdo nos livros, o racismo ainda está enraizado na sociedade, não é abordado, pois é voltado para o curso de Agropecuária. Esta última fala, onde o participante justifica a não abordagem da temática em sala de aula por ser um curso de Agropecuária é uma visão equivocada, pois a temática étnico-racial é transversal perpassa por todo currículo.

A Lei nº. 10.639/2003, fruto das lutas do Movimento Negro no Brasil, fomentou ainda mais os debates sobre a temática. Ela tem como objetivo reconhecer e valorizar as relações étnicas-raciais nas instituições educacionais. O parágrafo segundo do art. 26-A implementa que o estudo da temática em questão deve ser ministrado no âmbito de todo currículo escolar (BRASIL, 2003). Dessa forma entende-se que a falta do conteúdo nos livros e o fato do curso ser de agropecuária não é justificativa para que a temática não seja trabalhada em sala de aula.

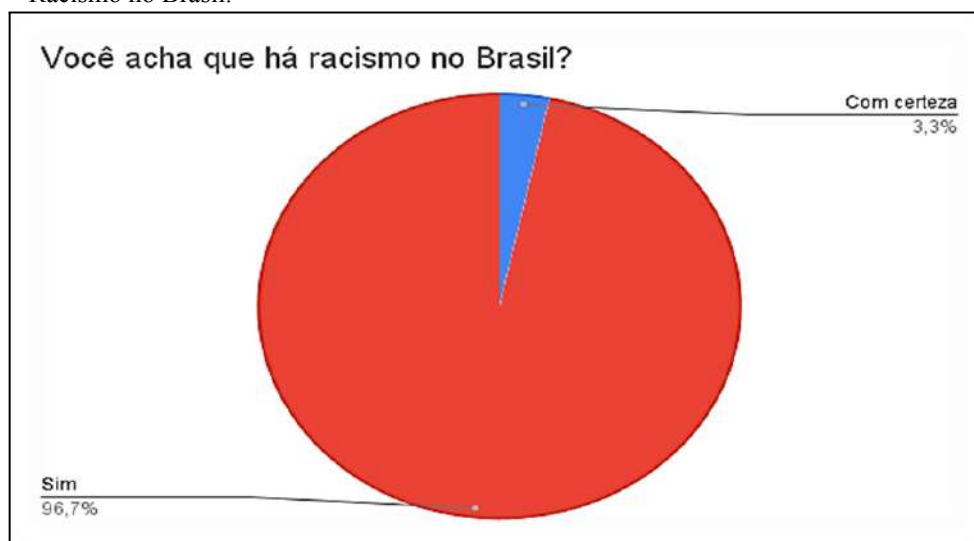
As considerações explicitadas pelos participantes despertam várias situações que incomodam, descumprem o apresentado nas leis que tratam da temática ou que talvez sejam superficiais tais abordagens, a ponto de serem imperceptíveis aos olhos de alguns estudantes.

Sabemos que as lutas em relação às questões raciais deixaram de ser só uma causa do movimento negro. Hoje esta é uma obrigação do Estado, sendo assim, é uma responsabilidade das universidades, escolas e todos agentes que compreendem estas esferas. Através da análise das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (CNE/CP, 2004b), entendemos que o combater o racismo, a discriminação racial deve ser a luta de todos os educadores, independente de ser negro ou adepto de uma crença religiosa ou posição política. Nesta perspectiva não deve haver justificativa, sendo que a não-abordagem é considerada como um descumprimento das legislações já descritas anteriormente neste trabalho.

Dando continuidade às discussões, apresentamos o Gráfico 5 onde os participantes opinam sobre a presença do racismo no Brasil. À primeira vista, a pergunta pode até parecer redundante, mas o objetivo era entender de todos os pontos de vista como os participantes visualizam o racismo em diferentes esferas da sociedade. Partindo deste pressuposto, visualizamos o apontado pelos discentes, onde somando, todas as opiniões, percebemos que 100% dos participantes concordam que há racismo no Brasil. Dialogar sobre o racismo no Brasil, é de suma importância para entender que o mesmo é estrutural e está enraizado na sociedade brasileira. E essa triste história percebe-se que perpassou por várias gerações e ainda se encontra nos dias atuais, tanto de oprimidos, quanto de opressores, corroendo as estruturas do povo negro no Brasil.

Djamila Ribeiro, no livro Manual Antirracista, diz que “[...] reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo” (RIBEIRO, 2019, p.21). Neste sentido, entendemos como positivo que a totalidade de entrevistados da pesquisa afirma que há racismo no Brasil, sendo que o caminho agora é traçar estratégias para combatê-lo.

Gráfico 5 – Racismo no Brasil.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Pela abrangência do enunciado no Gráfico 5 complementamos nossa fundamentação com Ribeiro (2019) onde menciona que devemos nos questionar o tempo todo sobre o que cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista. Este autoquestionamento é o ponto chave para não reproduzir esse tipo de violência que exalta uns e oprime outros. O pior é saber que as práticas racistas no Brasil não é algo que surgiu agora na contemporaneidade, e sim, acompanha o negro desde sua chegada às terras brasis quando foram arrancados do seio de suas terras, de suas culturas e trazidos para cá como mercadorias. Cabe muito bem o colocado pela autora o que temos feito e o que podemos fazer.

Na direção de uma autorreflexão, nos direcionamos para a análise apresentada no Quadro 6. Perguntamos para os participantes se os mesmos já sofreram preconceito, e caso tenha sofrido, foi pedido que estes descrevessem a situação. Foi apresentado um grande número de ocorrências racistas vivenciadas pelos alunos entrevistados. Alguns participantes descreveram o ato racista, como ser chamado de “neguinha” ou “preta pobre”. Ou ser chamado de “cabelo ruim” ou “macaco”. Ou, ainda, com falas e ações preconceituosas tais como a mãe que não aceitou que seu filho brincasse com o outro devido ser preto ou ser questionado o porquê não alisou o seu cabelo.

Quadro 6 – Já sofreu preconceito por questões étnico-raciais?

CATEGORIA	FALAS DOS ALUNOS
Preconceito racial	• Sim. Eu fui chamada de negrinha. • Sim, me chamaram de preta pobre. • Sim. Como sou branco, a mãe de um menino negro que eu brincava com ele, mas ela nunca gostou que eu brincasse com ele por conta da minha cor. • Sim, pelo meu cabelo ser afro as pessoas já julgaram e julgam até hoje ele como “ruim”. • Sim, chamaram de macaco durante uma partida de futebol. • Sim, porque o meu cabelo é cacheado e já me perguntaram o porquê que eu não alisei ele.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Alisando os motivos declarados pelos participantes, reafirmamos quão grave é o racismo, que é notadamente degradante e excludente para quem o sofre, sendo que cenas como estas acontecem rotineiramente em nossa sociedade. Silvio Almeida, no livro *Racismo Estrutural*, aponta que o racismo é parte de uma estrutura social, sendo assim, precisa de um motivo para se manifestar. E calar-se diante de um ato racista não nos torna legalmente culpado, na verdade o silêncio nos torna eticamente e politicamente culpado pela manutenção de uma estrutura racista (ALMEIDA, 2019b).

Para criar espaço de debate e combate ao racismo precisamos de um currículo que corrobore com práticas pedagógicas integradoras. Para Araújo e Frigotto (2015), é necessário buscarmos princípios orientadores para organização curricular ancorados na contextualização, interdisciplinaridade e principalmente o comprometimento com a transformação social. Tendo em mente que esta transformação, na forma de pensar do estudante, entendemos que a pesquisa em questão dá voz para os povos que muitas vezes foram e são silenciados e a escola é o lugar para mudar a condição social destes atores por meio do pensamento crítico.

Para completar, o apresentado no Quadro 6 corrobora com o pensamento de Freire (2013), que defende uma educação que conte com práticas libertadoras, onde o homem possa refletir sobre o mundo que está inserido, e seja um ser questionador capaz de criar caminhos para livrá-lo das amarras opressoras. A escola deve ser o lugar para formar este ser reflexivo, apontado pelo autor. Criar este lugar de fala nas nossas instituições de ensino, não ficar calado diante de práticas opressoras, romper as estruturas racistas nas várias esferas da sociedade deve ser meta em qualquer instituição.

Um participante afirma ter sido chamado de macaco num jogo de futebol, notamos que este ato racista já ecoou e ecoa por repetidas vezes durante partidas de futebol espalhadas pelo mundo. Logo, nos questionamos: “O que tem sido feito socialmente e juridicamente para punir os culpados? Quais ações foram criadas no sentido fomentar debates?” São várias as

indagações, mas as respostas ficam sucumbidas diante das barbáries racistas. Para corroborar com o discorrido pelos participantes, trouxemos uma fala de Djamila Ribeiro apresentada no livro *Manual Antirracista* “O início da minha vida escolar foi um divisor de águas: por volta dos seis anos de idade entendi que ser negra era um problema para sociedade, neguinha do cabelo duro, neguinha feia foram alguns dos xingamentos que comecei escutar” (RIBEIRO, 2019, p. 23). Diante do discorrido por Djamila, está entranhada na sociedade brasileira e que precisamos levar para sala de aula e outras entidades um debate antirracista, ações que quebrem as barreiras da colonialidade que usurpam os direitos do povo negro.

Neste sentido destacamos mais uma vez a importância do currículo integrado que, para Ciavatta (2005a), o mesmo oferece espaço para a democracia participativa, formação coletiva, quebra com as barreiras autoritárias, e, assim, articula conhecimento, ciência e cultura. O currículo apontado por Ciavatta oferece suporte para uma educação emancipatória, onde não haverá espaço para ocorrer atos racistas como os mencionados pelos participantes da pesquisa.

Foi perguntado também para os participantes sua opinião sobre como a sociedade vê o jovem negro no Brasil. Dividimos as opiniões explicitadas em três categorias: incapacidade; mundo do crime; sucesso e crescimento profissional (Quadro 7).

Quadro 7 – Percepção sobre o jovem negro no Brasil.

CATEGORIAS	FALAS DOS ALUNOS
Opiniões relacionadas à incapacidade	• Vê como uma pessoa que não tem capacidade, que não tem vez. • Alguém que não tem capacidade de frequentar universidade. • Vê como um ser que não irá alcançar bons resultados pessoais e profissionais. • Infelizmente como alguém que não tem futuro, sendo visto por não querer um “futuro” escolar.
Considerações relacionadas ao mundo do crime.	• A sociedade hoje em dia, vê o jovem negro como ladrão, malandro, etc. • E hoje a sociedade vê o jovem negro muito marginalizado, um exemplo, cerca de 60% dos homicídios de jovens negros no Brasil são por consequências do racismo. • A maior parte da sociedade só associa o jovem negro com o crime. • Como uma pessoa que nunca vai crescer na vida e que provavelmente irá para o mundo do crime.
Opiniões relacionadas ao sucesso, crescimento profissional.	• Vê como um possível político, médico, enfermeiro etc.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Em relação à primeira categoria, trata das opiniões relacionadas à incapacidade do jovem negro que participantes, diante do imaginário social, suscitadas pelo questionamento, percebem a pessoa negra como “sem capacidade, sem vez”; que “não tem capacidade de frequentar universidade”; ou ainda “um ser que não irá alcançar bons resultados pessoais e

profissionais”; ou pior “alguém que não tem futuro”. Essa primeira categoria aponta situações que inferioriza o jovem negro, diminui sua capacidade de ser humano, um ser que pensa, cria, reconstrói.

Para discorrer sobre o explicitado pelos participantes apontamos novamente Djamila Ribeiro que discorre “Como muitas pessoas negras que circulam em espaços de poder, já fui confundida com capoeira, faxineira ou no caso de hotéis de luxo, prostitutas” (RIBEIRO, 2019, p. 25). Corroborar com o apresentado pela autora não é menosprezar estas profissões, e sim, refletir o porquê da sociedade imaginar que a cor da pele pode definir qual profissão deva seguir. Nestes pensamentos está presente o típico racismo estrutural, onde as profissões que oferecem uma alta remuneração são, por direito, de pessoas brancas.

Conforme os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua 2019, divulgados pelo IBGE, mostram o retrato do jovem negro no Brasil.

Mais de dez milhões de jovens de 14 a 29 anos não completaram alguma das etapas da educação básica, seja por abandono da escola, seja por nunca a terem frequentado. Isso representa 20,2% das 50 milhões de pessoas na faixa etária. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos. (BRASIL, 2020b)

Estes jovens fora da escola contribuem para exclusão e desigualdade social. Daí a importância de fomentar políticas públicas para inserção e manutenção dos mesmos na escola básica, bem como no ensino superior.

A segunda categoria apresentada no Quadro 7 destaca as considerações relacionadas ao mundo do crime, demonstradas em falas como: “A sociedade hoje em dia, vê o jovem negro como ladrão, malandros, etc.”; “Cerca de 60% dos homicídios de jovem negros no Brasil são por consequências do racismo”; ou ainda “A maior parte da sociedade só associa o jovem negro com o crime”; “Como uma pessoa que nunca vai crescer na vida e que provavelmente irá para o mundo do crime”.

Para contribuir com as discussões nesta categoria, discorreremos sobre a reportagem apresentada “Os riscos de ser jovem e negro no Brasil”, apresenta no Jornal Extra Classe pelo jornalista Gabriel Grabowski, publicado em 05 de janeiro de 2021. A reportagem, on line, traz um triste cenário do jovem negro no Brasil.

[...] A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Todo ano, 23.100 jovens negros de 15 a 29 anos são mortos. Grande parte destas mortes são provocadas por agentes do Estado, representados pela Polícia Militar. O risco de morte de jovens negros aumenta 2,7 mais em relação aos brancos. A violência contra mulheres negras aumentou 12,4% enquanto a taxa de vítimas teve uma redução de 11,7%. (GRABOWSKI, 2021).

Os dados apresentados por Gabowski corroboram com o apresentado pelos participantes da pesquisa, e destacamos aqui que artigos como este são importantes para

mantermos viva a nossa indignação e ação que combata tantas situações de racismo que os jovens negros são submetidos. Sabemos que essa matança de jovens negros não é algo atual. Muitos jovens negros são mortos ou presos por serem confundidos com bandidos ou ladrões, e certamente por não ter sido oportunizado condições de melhoria de qualidade de vida destes jovens oprimidos pela estrutura societária colonial.

Na terceira categoria do Quadro 7 percebe-se que apenas um participante da pesquisa relacionou o negro ao sucesso e/ou crescimento profissional o vendo “Como um possível político, médico, enfermeiro, etc.”. Este retrato significa que poucos consideram os jovens negros como capazes de exercer uma profissão que durante anos pertenceu a uma elite branca, mas devemos buscar suporte na formação integrada. Conforme opinião de Ciavatta (2005b), entender o termo formação integrada, formação politécnica e educação tecnológica é uma forma de compreender as demandas do mundo do trabalho de forma científica, tecnológica, social e cultural como diálogo que pressupõem valores, fontes de riqueza. Buscar esta forma envolve práticas educacionais que corrobore não com o mundo do trabalho, como também a ciência, cultura, ou seja, uma formação humanizada que enxergue o estudante negro em todas às dimensões.

Para Ramos (2010), o homem é contemplado como ser histórico-social, prático e que possui a capacidade de modificar a realidade em que vive. Dessa forma, entendemos que professores, alunos, gestores pressupõem caminhos para transformar e reformular a realidade e conforme a ocorrência de novos fatos. E assim, acreditamos que a pesquisa *Falas de um povo: práxis da valorização da cultura afro-brasileira na Educação Profissional Tecnológica* trouxe ações significativas para uma formação em sua integralidade.

Diante do exposto pelos participantes, no Quadro 7, trazemos os dados apontados pelo Atlas da Violência de 2020, que confirma um crescimento de 11,5% de assassinatos de negros nos últimos 10 anos (BRASIL, 2020a). Fazendo um paralelo com o apontado pelos participantes e o que diz o Atlas da Violência 2020, entendemos que as opiniões explicitadas pelos participantes culminam nesta triste realidade, a falta de oportunidade, a desconfiança da sociedade em relação à capacidade do jovem negro.

Ainda sobre o Quadro 7, trazemos uma reflexão de Grabowski (2021) apresentada no artigo “Os riscos de ser jovem negro no Brasil”. O autor condena a violência contra jovens negros no Brasil, sugere a criação de projetos e políticas públicas que integre educação, renda e emprego. O tema do artigo escrito por Gabriel é assustador e exige urgência de projeto que proporcione a formação integrada. “É uma geração inteira que a gente está matando e é algo

que não nos sensibiliza, infelizmente, que vai passando. As vítimas são sujeitos considerados descartáveis” (GRABOWSKI, 2021).

Na certeza de que necessitamos de um projeto de políticas públicas e educacionais que integrem geração de renda, emprego, educação para os jovens negro, caminhamos para análise do Quadro 8, na qual questionamos os participantes a forma como os professores da instituição que eles estudam veem o jovem negro. Discorremos as considerações dos participantes na categoria nomeada “Considerações sobre o olhar do professor em relação ao jovem negro”. Conforme as considerações apontadas pelos estudantes participantes, na instituição onde estudam não há exclusão, preconceito em relação ao estudante negro por parte dos professores. Os estudantes afirmam ser acolhidos, respeitados, logo, entendemos estas considerações como um ponto positivo, e neste sentido há estrutura para criar ações de mobilização do corpo educacional e alunos para desmistificar práticas racistas e abrir espaço para uma formação integrada.

Quadro 8 – Considerações sobre olhar do professor em relação ao jovem negro.

CATEGORIA	FALAS DOS ALUNOS
Considerações sobre olhar do professor em relação ao jovem negro, sob a percepção dos estudantes do Campus Araguaatins do IFTO.	• Como um ser humano de verdade que pode sonhar, que pode ir longe, que deve e pode correr atrás dos seus sonhos. • Do mesmo jeito que uma pessoa de cor clara, não há diferença. • Acolhem e querem ajudar. • Veem os jovens negros com um presente incrível e um futuro excepcional. • Na minha instituição não há desigualdade racial, todos são tratados da mesma forma. • Como pessoas capazes de ter um futuro próspero.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Criar práticas que corroboram com a cultura afro-brasileira é um caminho que pode ser permeado pela ação dos professores e, para isso, precisamos implementar os currículos. Para Nascimento, Silva e Scalabrin (2020), criar diálogo entre currículo integrado e ensino da temática afro-brasileira proporciona uma discussão dos meios de conhecimento que mobiliza a promoção de práticas pedagógicas voltadas para a vida do estudante negro. Para isso acontecer, os professores precisam participar da construção desse tipo de currículo, criando atividades e ações que contribuam para tal formação.

Na perspectiva de criar diálogos para quebrar barreiras estruturais, prosseguimos com a análise do Quadro 9, analisando a percepção dos participantes sobre as maiores dificuldades enfrentadas pelos jovens negros dentro e fora da escola. E, para facilitar a análise, dividimos as opiniões explicitadas pelos alunos participantes em duas categorias:

Quadro 9 – Considerações relacionadas às dificuldades do jovem negro dentro da escola.

CATEGORIAS	FALAS DOS ALUNOS
Relacionadas às dificuldades do jovem negro dentro da escola.	• O preconceito. • <i>Bullying</i>. • Muitas vezes, quando um jovem negro entra em uma instituição composta em sua maioria por brancos, pode ocasionar em uma não aceitação. • Nos dois ambientes o racismo e apelidos, tais como: pretinho, negro seboso. • Dentre as diversas dificuldades das mais enfrentadas dentro e fora do colégio, é a exclusão social, ocasionando um baixo desempenho escolar, tendo como efeito um maior índice de desemprego e pobreza.
Relacionadas às dificuldades do jovem negro fora da escola.	• Na sociedade racismo e exclusão social. • O preconceito enraizado na sociedade. • Falta de oportunidades de ter um bom emprego, está sempre relacionado ao crime. • Os negros enfrentam dificuldade na progressão de carreira, na igualdade de salários e são os mais vulneráveis ao assédio moral no ambiente de trabalho, apesar da proteção constitucional contra o racismo e a discriminação.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Em relação à primeira categoria, classificou-se quanto às dificuldades enfrentadas pelo jovem negro dentro da escola. O relatado pelos participantes não é algo novo, pois os apelidos, bullying e outras ações do gênero geram o preconceito. Além disso, traz consigo diversos tipos de transtornos que afetam a vida do jovem negro, ocasionando o baixo rendimento escolar, a exclusão e até mesmo o abandono escolar. Na visão de Moura; Cruz; Quevedo (2011), o bullying é um mal que assola as esferas educacionais, corroborando para as doenças psíquicas, a baixa autoestima. As pessoas que sofrem bullying tendem a se isolar, diminuindo o nível de aprendizado. A visão dos autores vai ao encontro com a fala dos estudantes, que apontam situações que são produzidas e reproduzidas dentro do seio de instituições que foram criadas para atender a todos com suas diferenças independentes do gênero, etnia, classe social. “O ponto de partida para a construção dos projetos deve partir das bases materiais de produção, não podemos negar que há uma pedagogia capitalista que nega as diferenças culturais” (NASCIMENTO; SILVA; SCALABRIN, 2020, p. 9). Para as autoras, é necessário criar projetos de construção de currículos que implementem o ensino da cultura afro-brasileira e da história dos africanos nas propostas educacionais contra hegemônica, e propor ações que descolonizem o currículo.

Para esta assertiva comungamos de base teórica e marco legal que fundamentam qualquer prática que rompa com a descolonização do currículo, e assim desmobilizar práticas preconceituosas e excludentes como as citadas pelos participantes da pesquisa. Para Sacristán (2000, p.19) “Uma escola sem conteúdo cultural é uma proposta irreal, além de descomprometida”. Neste sentido, trabalhar a cultura afro-brasileira em sala é uma forma de

fortalecer os currículos que, na maioria das vezes, vem recheados de estereótipos preconceituosos.

Outro ponto chave que deve ser levado em conta quando falamos de descolonização do currículo e implementação de ações de combate ao racismo seria focar na transversalidade e interdisciplinaridade. Para Souza (2008), a interdisciplinaridade didática tem como objetivo principal associar o que diz o currículo e sua imersão em situação de aprendizagem. É o espaço para reflexão do fazer pedagógico que deve tá em constante mudança, reformulando estratégias de ação e intervenção que não fazem efeito. As falas dos participantes revelam que os ambientes escolares precisam criar estratégias de ensino que reflitam mudanças na forma de pensar o papel do homem negro na sociedade. “[...] a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos” (BRASIL, 1998, p.30). Conforme o tema transversal “Pluralidade Cultural”, a escola deve oferecer ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e, algumas vezes, paradoxal. Oportunizando o conhecimento e a valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional e a crítica às relações discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira

Para Almeida (2019), situações como as abordadas pelos participantes ocorrem quando a escola se resume em criar projeto que motive o negro a comemorar sua libertação graças à bondade de brancos conscientes, deixando de lado um legado histórico de produções artísticas, bem como, na ciência.

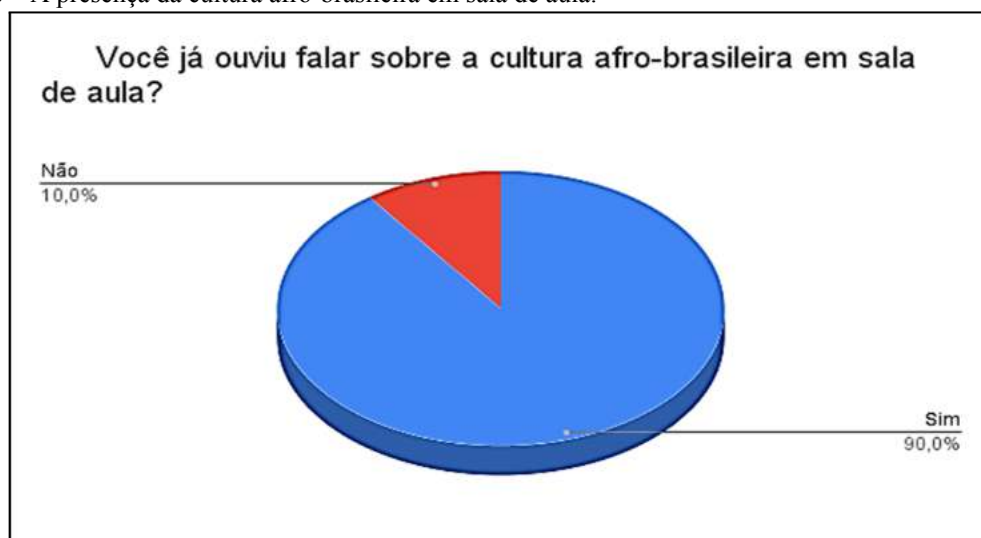
A segunda categoria apresentada no Quadro 9 diz respeito às opiniões relacionadas às dificuldades do jovem negro fora da escola. O que foi citado pelos alunos são situações que perpassam os muros da escola, ficando enraizado nas estruturas sociais. Na visão de Almeida (2019b, p.66) “[...] a soma do racismo histórico e da meritocracia permite que a desigualdade racial vivenciada na forma de pobreza, desemprego e privação material seja entendida como falta de mérito dos indivíduos”. O apontado por Almeida traduz situações que fundamentam as opiniões apresentadas pelos participantes, onde muitas vezes a sociedade atrela o insucesso do negro à sua falta de capacidade e pela falta de oportunidade. Conforme o autor, esse tipo de situação revela a exclusão e marginalização, a discriminação ordenada das pessoas com base numa sociedade que determina o valor do outro pela cor e etnia estão presentes em nosso cotidiano e revela a marcante presença do fenômeno que é denominado racismo estrutural.

Foi também perguntado aos participantes sobre a presença da cultura afro-brasileira em sala de aula (Gráfico 6), sendo que, do total de alunos abordados, 90% disseram ter

ouvido falar sobre a cultura afro-brasileira em sala de aula, enquanto 10% disseram não ter ouvido falar sobre a cultura afro-brasileira em sala de aula.

Diante do exposto pela maioria, entendemos como ponto positivo para desenvolver uma proposta que discorra sobre a temática, pois entendemos que o conhecimento é o primeiro passo para aceitação. Para Krauss e Rosa (2010) a inserção da temática afro-brasileira nas escolas possibilita aos estudantes e professores debater e refletir sobre a presença do negro na escola e na sociedade brasileira, tirando-os da invisibilidade que muitas vezes permeiam as diversas estruturas da sociedade. O que devemos entender é que existem leis direcionadas para o ensino desta temática em sala, se é obrigatório e traz benefícios para sociedade.

Gráfico 6 – A presença da cultura afro-brasileira em sala de aula.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Para entender sobre a importância do ensino da cultura afro-brasileira, precisamos compreender o objetivo da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) que, conforme Krauss e Rosa (2010), não é trocar uma educação eurocêntrica pela educação afro-brasileira. Mas sim reconhecer os elementos que fundamentam a cultura dos africanos e afro-brasileiros que, durante séculos, foram silenciados, distorcidos de seu contexto real na educação brasileira, e este é papel crucial do professor: educar para a diversidade. No entanto devemos entender que abordar esta temática vai além de superar o eurocentrismo, significa criar lugar de fala para o povo negro ou qualquer outra diversidade.

Em relação à autoidentificação do entrevistado com a cultura afro-brasileira, as opiniões dos participantes foram selecionadas e agrupadas em uma categoria (Quadro 10). E, através da análise das opiniões, percebemos que algumas vertentes desta cultura são de

conhecimento e apreciação dos estudantes. Dentre as manifestações culturais apresentadas pelos participantes, a maioria está relacionada à culinária, danças, música e relacionadas às religiões de matriz africana.

Quadro 10 – Identificação com a cultura afro-brasileira.

CATEGORIAS	FALAS DOS ALUNOS
Relacionados à identificação com a cultura brasileira.	• Sim. Gosto da culinária (feijoada, pamonha e outros). • Sim. Capoeira, maculelê, afoxé entre outras. • Sim, samba e carimbó. • Sim. A comida afro-brasileira, amo cozinhar. • Sim, as danças e religiões. • Sim. Sim, com muitas manifestações culturais afro-brasileiras, como a capoeira e danças relacionadas. • Sim, capoeira. • Sim, me identifico muita nas manifestações afro-brasileiras como as presentes em expressões como Samba, Jongo, Carimbó, Maxixe, Maculelê, Maracatu. Eles utilizam instrumentos variados, com destaque para Afoxé, Atabaque, Berimbau e Tambor.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Na visão de Cogo (2010), este legado cultural, que é conhecido e apreciado pelos participantes da pesquisa, por muitos anos foram proibidos e perseguidos por não integrarem o universo cultural europeu. Conhecer as manifestações culturais afro-brasileira com o tempo está saindo dos eventos folclóricos e invadindo novos cenários, isso pode ser percebido nas respostas dos participantes, assim também como sua veiculação nos meios de comunicação como televisão, rádio e em plataformas digitais.

Um tópico importante, citado na fala dos alunos, foi quanto à culinária afro-brasileira. Ao falarmos da rica culinária afro-brasileira não podemos deixar de abordar sua importância em rituais para explicar sobre a temática, corroborando com o pensamento de Cogo (2010). Na visão do autor os afro-brasileiros, praticantes dos rituais do Batuque consideram o alimento sagrado ou santo e está sempre presente em suas expressões, pois fortalece a comunicação entre o devoto e os orixás e seus ancestrais. O alimento não fortalece só o corpo, mas também a alma.

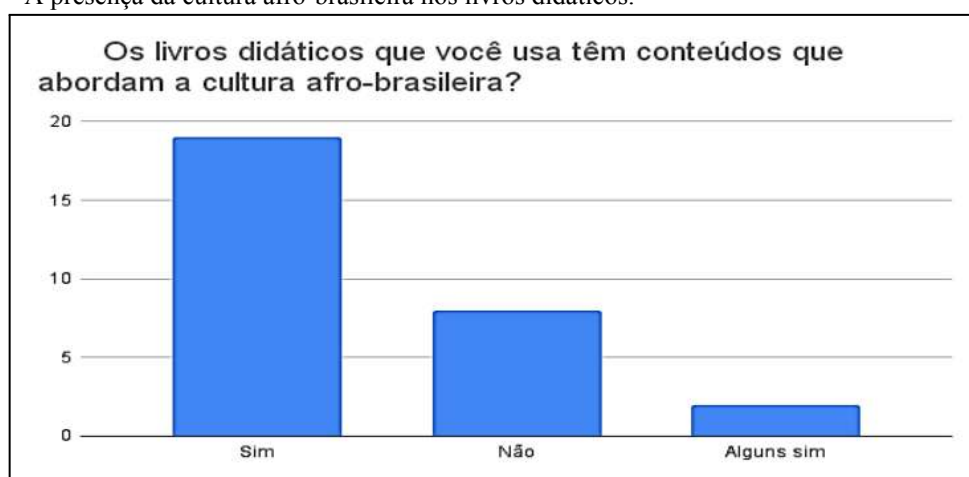
Falar da culinária afro-brasileira nos leva a refletir sobre a importância da mesma na mesa do brasileiro, o que era exclusivo dos escravos, hoje passa ser de todos. Partindo do observado nesta citação, que nos traz informações sobre o ritual que envolve a cultura afro-brasileira, partimos para outra consideração dos participantes da pesquisa sobre as religiões afro-brasileira que permeiam a sociedade brasileira, desde o período colonial e até hoje os praticantes ainda enfrentam preconceito. Cogo (2010) apresenta a religião afro-brasileira como um processo de luta e resistência, no período colonial e, após abolição da

escravidão, esta fé religiosa foi perseguida de forma violenta pelas autoridades, pelos agentes e pelos adeptos de outras denominações religiosas.

Devemos ficar atentos não por apreciar estas manifestações culturais afro-brasileira, mas sim precisamos conhecer o contexto em que cada uma surgiu e os desafios do povo negro para manter essas manifestações vivas até hoje.

Para finalizar os questionamentos sobre a percepção dos participantes da pesquisa sobre a temática deste estudo, prosseguimos para análise do Gráfico 7, onde perguntamos se os livros didáticos, usados por eles, abordam a cultura afro-brasileira.

Gráfico 7 – A presença da cultura afro-brasileira nos livros didáticos.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Como podemos observar, a maioria disse que sim, somando mais de 50%. Sabemos que, com o advento da internet, proporcionou um grande aumento de recursos didáticos a serem utilizados em sala de aula. No entanto, o livro didático é o mais acessível pelos estudantes. Somos cientes que a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) modificou a Lei 9394/96 (BRASIL, 2008), tornando obrigatório o ensino da temática principalmente nas áreas de Artes, Literatura e História Brasileira. Para o exposto, partimos do princípio de que vai além do abordar, mas sim analisamos a forma que este conteúdo é abordado.

Para Alves e Leite (2018), os livros didáticos abordam a temática da cultura afro-brasileira, mas apresentam uma série de estereótipos que deturpam o sentido desta cultura. Veremos a visão das autoras, onde apontam que estruturas dos livros didáticos, às vezes, aclamam vertentes da cultura dominante, ofuscando os conteúdos referentes à cultura dos menos favorecidos. Os livros didáticos, quando não exclui, apontam uma visão distorcida e trazem estigmas preconceituosos acerca do povo negro (ALVES; LEITE, 2018). Diante do exposto, o docente tem em suas mãos o papel de quebrar com esses estereótipos, desenvolvendo, em sala de aula, debates construtivos, desfazendo as controvérsias que

permeiam a realidade do negro. Ainda sobre os dados do Gráfico 7, percebemos que um grande percentual afirmou a não presença da temática no livro didático.

Para Alves e Leite (2018), entende-se que, para o cumprimento da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e para promoção de uma educação notadamente inclusiva, que corrobore com a história e cultura de todos os povos que compõem a nação brasileira, é preciso não só o livro didático, mas práticas e instrumentos diversificados.

Diante do exposto, com as opiniões dos participantes, fundamentadas por bases teóricas e legislações que corroboram a temática, entendemos que as ferramentas, instrumentos e práticas pedagógicas efetivas sejam o caminho para uma formação completa. O povo negro precisa de um lugar de fala, seja na escola, no trabalho, nas ruas, nos meios de comunicação ou em qualquer outro espaço.

Conforme o explicitado pelos participantes sobre os conhecimentos prévios acerca do estudo, entendemos que cabe a nós, profissionais da educação, mediante diálogo com as políticas públicas, estabelecer estratégias para que a escola deixe de ser um mecanismo de exclusão social, mobilizando nossos estudantes para que reconheçam a problemática, reflitam e assumam o compromisso de gerar mudanças. Foi nesta perspectiva que pensamos os objetivos, fundamentos teóricos e metodologia para a pesquisa *Falas de um povo: práxis da valorização da cultura afro-brasileira na Educação Profissional Tecnológica*.

4.2 RODA DE CONVERSA: COMUNIDADE QUILOMBOLA ILHA DE SÃO VICENTE

A visita à Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente ocorreu no dia 02 de setembro de 2022, ocasião esta na qual contamos com 33 (trinta e três) estudantes participantes, acompanhados pela professora pesquisadora da disciplina de Artes e a professora de Geografia do Campus Araguatins do IFTO, e 06 (seis) representantes da comunidade quilombola. Os participantes quilombolas identificaram-se como lavradores, mulheres donas de casa e membros de associação.

Quanto à técnica, adotou-se a pesquisa participante, conforme Gil (2002). A pesquisa participante identifica-se por oferecer suporte para o diálogo entre o pesquisador e os componentes das realidades investigadas. Para esta interação houve toda uma preparação até chegar o dia da atividade. O líder da comunidade quilombola assinou uma declaração dizendo que a comunidade aceitaria participar da pesquisa, havendo assim todo um planejamento entre os participantes.

Para chegarmos até a Ilha foram necessários dois barcos: um barco escola cedido pela de Secretaria Municipal de Educação de Araguatins e outro alugado pela professora

pesquisadora, a professora de geografia e a diretora de ensino do Campus Araguatins. Antes da ida ao quilombo, apresentamos as questões da roda de conversa aos alunos participantes da pesquisa para que os mesmos ficassem cientes do que seria abordado, deixando claro que teriam liberdade em perguntar à comunidade suas dúvidas.

Chegando à Comunidade Quilombola, a professora pesquisadora apresentou a temática da pesquisa, falando sobre os princípios éticos que validavam o estudo. Deu-se sequência à assinatura dos Termos de Consentimento Livre Esclarecido-TCLE e a declaração de uso de voz e imagem pelos participantes quilombolas.

Antes da ida à comunidade, a pesquisadora orientou como seria a roda de conversa com os alunos participantes da pesquisa e os membros da comunidade. Para tal, oito estudantes se dispuseram a fazer as perguntas para os participantes quilombolas e todas as respostas foram gravadas.

Apresentamos, a seguir, os pontos abordados na roda de conversa, que foram interpretados através da análise de conteúdo de Bardin (2011). Usamos essa metodologia fundamentada na visão de Moraes (1999), a análise de conteúdo, que traz uma metodologia de pesquisa que pode ser usada para entender e dialogar com temas de diferentes categorias. Nessa direção, apresentamos um questionário semiestruturado com sete questões que foram respondidas pelos representantes quilombolas.

“A análise conduz a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (MORAES, 1999, p. 2). Neste contexto usamos a abordagem qualitativa, que proporciona caminhos para um estudo mais minucioso sobre a realidade em análise, perpassando por comportamentos diversos (MARCONI; LAKATOS, 2005). Dessa forma abordamos as discussões realizadas com os quilombolas.

Para categorizar as falas dos representantes quilombolas utilizamos os códigos R1, R2, R3, R4, R5, R6, como sendo “Respondente 1”, “Respondente 2” e assim por diante. À medida que os estudantes participantes da pesquisa faziam as perguntas, os representantes quilombolas da comunidade tinham liberdade em decidir entre eles quem responderia.

Quadro 11 – Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente.

CATEGORIAS	FALAS DOS QUILOMBOLAS
Relacionada à origem da comunidade quilombola	• Nossos antepassados chegaram à Ilha há mais de 100 anos. • Vou completar 90 anos e nasci aqui na Ilha. • Em 2010 tivemos a comunidade reconhecida pela Fundação Palmares. • Meu bisavô veio para Araguatins no início da criação da cidade, vendido como um animal, era assim que eram chamados os escravos. • Não deram a terra de presente foram jogados pra cá para morrer.
Desafios e dificuldades enfrentadas na atualidade.	• Temos dificuldades de quase tudo. • Falta de transporte. • Dinheiro para trabalhar a terra. • Falta água potável. • Não temos posto de saúde. • Não temos escola na comunidade.
Escola para população quilombola na região	• Não temos escola aqui na comunidade. • Não temos escola específica para quilombolas. • Tem que se deslocar para cidade, estudar em uma escola “normal”. • Tem uma lancha escola que leva os alunos para a cidade, mas muitas vezes a lancha fica desmantelada por vários dias. • Quando a lancha não vem buscar, as famílias que tem barco levam seus filhos para escola, as que não têm ficam sem aula.
Escolas do município que atendem o maior número de alunos da comunidade quilombola.	• Alunos menores estudam na Escola da Paróquia. • Ensino Fundamental II e Ensino Médio estudam no Leônidas e Denise. • Não tem transporte para levar os alunos do cais onde a lancha deixa até as escolas. • Estudantes maiores e vazes mães como eu levo os filhos a pé até a escola. • Muitos alunos daqui da comunidade já estudaram, outros ainda estudam o Ensino Superior no Campus Araguatins.
Relacionado aos quilombolas, sua cultura e seus costumes são trabalhados na escola?	• Não tenho conhecimento. • As escolas escolhem o mês de novembro para visitar o quilombo. • Fazem festas nas escolas com danças, comidas, etc. • Quando acaba o mês de novembro, só no ano seguinte, ouvimos falar.
Abordagem sobre a questão anterior a ser discutida.	• Quando vou matricular meus filhos nas escolas não tem nos documentos a opção para quilombolas. • Acho uma fatalidade não puder declarar como quilombola
Auxílio do governo para implementar ações voltadas para melhoria da educação, saúde, moradia e saneamento.	• Às vezes sim, tem uma data que a Ruraltins manda uma cesta básica. • Difícil suprir nossas necessidades. • São muitas necessidades como poço, é muito difícil trazer água potável da rua, não temos escola, nem posto de saúde, não temos saneamento básico. • As promessas chegam muito ao período das eleições. • Tudo que temos aqui é com a força do nosso trabalho manual.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

O Quadro 11 demonstra as respostas dos participantes quilombolas distribuídas em sete categorias e utilizamos o tema enquanto unidade de análise. Para Franco (2018), fazer a análise de conteúdo com base em temas é pertinente devido às dimensões que ele pode representar como unidade de registro, podendo ser usado em vários estudos. Neste contexto, apontamos a análise do conteúdo abordado, conforme categorias temáticas. A seguir apresentamos as sete categorias, sendo a resposta transcrita pelo representante quilombola e na sequência a discussão com a literatura.

4.2.1 Relacionado à origem da comunidade quilombola

A fala do representante discorreu sobre a origem da Comunidade Quilombola Ilha de São de Vicente, destacando pontos que representam muito bem como eram tratados os negros escravos: “como animais”, mercadorias que não tinham mais utilidade e eram abandonados, descartados.

Nossos antepassados chegaram à Ilha há mais de 100 anos. Vou completar 90 anos e nasci aqui na Ilha, em 2010 tivemos a comunidade reconhecida pela Fundação Palmares. Meu bisavô veio para Araguaatins no início da criação da cidade, vendido como um animal, era assim que eram chamados os escravos, não deram a terra de presente foram jogados pra cá para morrer. (R1)

Como aponta Costa (2016, p. 2) “A revelação da saga libertária dos negros no Brasil é o elemento desmistificador da ideologia da democracia racial, utilizada para manter a ordem social que emanava das classes dominantes”. Acredita-se que a elite branca possa ter contribuído com elementos de poder criados por eles para a dominação do povo negro. Na visão de Barros (2005), a prática racista colabora para a existência da desigualdade social porque categoriza os indivíduos com base em sua cor/raça. Sendo assim, quem é apontado como branco é considerado superior ao que é identificado como negro. Esta diferença, que é comum a nós seres humanos, numa sociedade racista termina sendo uma justificativa para a desigualdade.

Outro ponto abordado foi o registro de reconhecimento pela Fundação Palmares³. Na própria fala do representante quilombola, a comunidade existe há mais de 100 anos e somente em 2010 foi reconhecida e, até o momento da entrevista, ainda não tinham recebido o registro de posse e titulação das terras da Ilha de São Vicente. Isto demonstra o descaso com esta comunidade por sabemos que o reconhecimento dos territórios quilombolas é direito garantido em nossa Constituição Cidadã de 1998 conforme (Art. 68). “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). O texto constitucional refere-se às respectivas comunidades como “remanescentes das comunidades dos quilombos”, cabendo ao Estado conferir-lhes os títulos definitivos de propriedade (BRASIL, 1988).

³ A Fundação Cultural Palmares (FCP) é uma entidade vinculada ao Ministério da Cidadania (MC). Foi criada com objetivo de promover e preservar a cultura e a arte afro-brasileira e suas diversas expressões. (BRASIL, Fundação Cultural Palmares). Apresentação: Fundação Palmares 34 anos. Disponível em: https://www.palmares.gov.br/?page_id=95. Acessado em 20 de fev. 2023.

4.2.2 Desafios e dificuldades enfrentadas na atualidade

Para o Respondente 2, “São vários os desafios. Temos dificuldades de quase tudo: falta de transporte, dinheiro para trabalhar a terra, falta água potável, não temos posto de saúde, não temos escola na comunidade, tinha uma agente de saúde mais foi tirada.”(R2)

Diante do exposto, nesta categoria percebemos que é quase impossível viver nestas condições: morar numa ilha, e não possuir as condições para suprir as necessidades básicas deste povo. Na visão de Amaral (2014), o negro foi trazido para o Brasil na condição de servo, sem perspectivas de direitos, e sim com muitos deveres, com a sua força de trabalho para oferecer formas de enriquecimento daqueles que detinham o capital, dessa forma, foram excluídos da base econômica e política da nação brasileira. Assim, notamos que os direitos dos negros no Brasil são camuflados por uma sociedade que, em pleno Século 21, ainda encontra os vestígios do colonialismo, onde, para os menos favorecidos, só existe deveres a serem cumpridos. Desta forma questiona-se: Onde estão as políticas sociais? Por que tanta invisibilidade?

4.2.3 Escola para população quilombola na região

Conforme as respostas atribuídas para essa categoria percebe-se a negação do que é de direito ao povo quilombola, além de não atender aos direitos dos remanescentes, não oferece condição para o deslocamento dos estudantes. Neste sentido não atende o que é proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (CNE/CEB, 2010).

Não temos escola aqui na comunidade, não temos escola específica para quilombolas. Temos que nos deslocar para cidade, estudar em uma escola normal. Tem uma lancha-escola que leva os alunos para a cidade, mas muitas vezes a lancha fica desmantelada por vários dias. Quando a lancha não vem buscar, as famílias que têm barco levam seus filhos para a escola. Já as que não têm ficam sem aula. (R3)

A elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (CNE/CEB, 2012) segue as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (CNE/CEB, 2010). De acordo com tais Diretrizes, a Educação Escolar Quilombola deve ser desenvolvida em unidades educacionais dentro do território quilombola reivindicando um ensino próprio que expresse sua cultura, as especificidades étnico-raciais de cada comunidade, respeitando os marcos constitucionais, a base nacional comum. Todo processo deve levar em conta a valorização e reconhecimento de sua diversidade cultural.

Como menciona a referida legislação, os quilombolas têm direitos de receber uma educação escolar no cerne de sua comunidade, respeitando suas especificidades. Conforme relatos dos participantes da pesquisa, os responsáveis pelos sistemas educacionais não

proporcionam ambientes escolares que atendam às necessidades na própria comunidade, e nem transporte adequado para o traslado dos alunos.

4.2.4 Escolas do município que atendem o maior número de alunos da comunidade quilombola

Mais uma vez, o abordado pelo Respondente 4, vai contra ao que implementam os marcos legais para educação escolar quilombola, pois:

Alunos menores estudam na Escola da Paróquia⁴. Já o Ensino Fundamental II e Ensino Médio estudam nas escolas Leônidas⁵ e Denise⁶. Não tem transporte para levar os alunos do cais onde a lancha deixa até as escolas e os estudantes maiores. Às vezes mães como eu levo os filhos a pé até a escola. Muitos alunos daqui da comunidade, já estudaram e outros ainda estudam o Ensino Superior no Campus Araguatins⁷. (R4)

Os estudantes dessa comunidade precisam se deslocar para a cidade de Araguatins. Precisam ir de barco ou lancha até o cais, que fica afastado das escolas onde os alunos do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Ensino Superior estudam. Na fala de R4, não é oferecido transporte para os alunos às instituições educacionais citadas.

4.2.5 Relacionado às tradições quilombolas: sua cultura e seus costumes são trabalhados na escola?

Em relação a fala do Respondente 5, tocamos no ponto chave da educação escolar quilombola, que é o respeito às especificidades étnico-culturais de cada comunidade: sua história e memória. “Não tenho conhecimento. As escolas escolhem o mês de novembro para visitar o quilombo, fazem festas nas escolas com danças, comidas e etc. Quando acaba o mês de novembro, só no ano seguinte ouvimos falar novamente.” (R5)

O Parecer CNE/CEB Nº 16/2012, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola descreve o seguinte: “Zelar pela garantia do direito à Educação Escolar Quilombola, respeitando a história, o território, a memória, a ancestralidade e os conhecimentos tradicionais”. (CNE/CEB, 2012, p.5)

Este documento deixa claro como deve ser a educação escolar quilombola e como preconiza a legislação. Torna-se necessário respeitar, dar lugar de fala para o povo negro, que

⁴ Escola Paroquial São Vicente Ferrer, localizada na Praça Rui Barbosa, 297, Centro, Araguatins-TO, 77950-000.

⁵ Colégio Estadual Leônidas Gonçalves Duarte, localizado na Rua Quintino Bocaiúva, 585, Centro, Araguatins-TO, 77950-000.

⁶ Escola Estadual Girassol de Tempo Integral Denise Gomide Amui, localizada na Rua Quintino Bocaiúva, 1372, Nova Araguatins, Araguatins-TO, 77950-000.

⁷ Instituto Federal do Tocantins, Campus Araguatins. Localizado no Povoado Santa Tereza, Km 05 S/N, Zona Rural, Araguatins-TO, 77950-000.

ao longo dos séculos vem sofrendo com o descaso em relação aos seus direitos. Para Complementar, apontamos a Lei nº 11.645, de 2008 que: [...] “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena’.” (BRASIL, 2008).

4.2.6 Abordagem sobre a questão anterior a ser discutida

Ao analisar essa categoria percebe-se que ainda há muito que evoluir em nossas instituições de ensino. Além de todos os desafios como: não ter escola na comunidade, transporte precário para o traslado dos alunos, ainda há a falta de visibilidade na ficha de matrícula da escola, como nos relata a Respondente 6: “Quando vou matricular meus filhos nas escolas não tem nos documentos a opção para quilombolas. Acho uma fatalidade não poder declarar como quilombola.” (R6)

Essa situação foge de todo o marco legal que fundamenta as especificidades dos remanescentes quilombolas da Ilha de São Vicente. Para dialogar com os apontamentos mencionados, trazemos o que menciona o Parecer CNE/CEB nº 16/2012, que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola:

A Educação Escolar Quilombola organiza principalmente o ensino ministrado nas instituições educacionais, fundamentando-se, informando-se e alimentando-se de memória coletiva, línguas reminiscentes, marcos civilizatórios, práticas culturais, acervos e repertórios orais, festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país. (CNE/CEB, 2012, P.26).

O citado acima fundamenta e programa o que foi abordado nas categorias anteriores, discorrendo sobre a necessidade de modificação no sistema alienante, que é ancorado num processo excludente, presente na vida dos negros no Brasil. Sendo esta uma herança secular que perpassa pelas leis criadas com o intuito de reparar um passado usurpador de direitos.

4.2.7 Auxílio do governo para implementar ações voltadas para melhoria da educação, saúde, moradia e saneamento

Para esta categoria trabalhamos de forma diferente das anteriores, pois foram inseridas as respostas de vários participantes.

Difícil suprir nossas necessidades. (R1)
 Às vezes sim, tem uma data que a Ruraltins manda uma cesta básica. (R2)
 Tudo que temos aqui é com a força do nosso trabalho manual. (R3)
 As promessas chegam muito no período das eleições. (R4)
 São muitas necessidades como poço, por exemplo. É muito difícil trazer água potável da rua, não temos escola, nem posto de saúde, não temos saneamento básico. (R5)

Percebemos, pelos relatos dos moradores da comunidade quilombola, que as políticas para melhoria da qualidade de vida na comunidade não acontecem. O Respondente 2 deixou entender que, de forma esporádica, a Ruraltins distribui cesta básica, e sabemos que ainda é muito pouco para suprir as necessidades dos remanescentes quilombolas, como discorre a própria Respondente 1, em sua fala, pois são inúmeras e urgentes, conforme podemos entender nos enunciados abordados pelos representantes durante a roda de conversa.

Para entender a fala do Respondente 1 e Respondente 2 vamos falar um pouco sobre a Ruraltins – Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins, é um órgão estadual que, conforme site do governo do Estado do Tocantins, desenvolve ações na área ambiental, assistência técnica e extensão rural, compra direta, assistência técnica, capacitação de agricultores familiares, conservação e recuperação de agroecossistemas (TOCANTINS, 2019). E, mesmo o órgão tendo essa missão de desenvolver várias ações para comunidade quilombola Ilha de São Vicente, percebemos, pelos relatos dos moradores, que estas ações são quase invisíveis.

A fala do Respondente 5, sobre as muitas necessidades da comunidade, ecoou durante a roda de conversa e deixou indignados os alunos participantes da pesquisa que estavam fazendo as perguntas. Vale abordar a fala da aluna participante, que aqui será identificada como AL, jovem esta que é uma estudante negra que participa de movimentos em prol do povo negro, deu o seu depoimento, ressaltando a importância dos estudantes cobrarem da sociedade e das instituições, posições a respeito dos povos quilombolas, conforme podemos analisar a seguir: “Nós estudantes, negros ou brancos, temos que cobrar da sociedade, dos órgãos públicos, posições a respeito do povo quilombola, exigir ações efetivas, fazer com que a voz deste povo seja ouvida.” (AL)

Percebe-se assim, o protagonismo estudantil na fala da aluna. O protagonismo estudantil acontece quando oferecemos meios para o estudante aprender como autor, é um caminho tipicamente pedagógico e cidadão (DEMO; SILVA, 2020). O aluno protagonista cria metas e desenvolve um trabalho coletivo. Conforme Demo e Silva (2020), o estudante do século XXI deve ser formado em sua integralidade, compreender-se como um autor de seu destino, precisa ser autor, cientista, pesquisador, ou seja, desenvolver as habilidades que a contemporaneidade exige, seja na área científica, tecnológica, socioemocional. Como apontam os teóricos, o estudante protagonista cria metas, trabalha de forma coletiva e encara desafios. A fala dos estudantes aponta para este caminho.

O que disse a estudante corrobora ainda com o que diz Djamila Ribeiro sobre o lugar de fala: “Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi

subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (RIBEIRO, 2017, p. 51). Neste sentido, precisamos fazer ouvir o grito deste povo que pede escola, posto de saúde, água potável, saneamento básico, recursos para trabalhar a terra, dentre outras ações.

Ainda sobre esta última categoria, o representante quilombola, Respondente 4 mencionou algo grave, mas que é comum na realidade da sociedade brasileira menos favorecida no Brasil: as promessas que chegam sempre no período das eleições, mas que ficam silenciadas quando acaba o referido período. Na visão de Costa (2016), o diálogo sobre realidade quilombola é atual e precisa surgir por viés antropológico e, sobretudo, político. O quilombo precisa ser entendido como um elemento no sentido territorial e social do Brasil, e assim buscar novas concepções sobre a realidade do negro na História do Brasil.

Desta forma, apresentou-se aqui as análises da Roda de Conversa com a comunidade quilombola, que teve como objetivo promover o intercâmbio cultural entre os estudantes e os representantes da comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, conhecer os relatos de experiências, desafios e conquistas. A realização da roda de conversa proporcionou experiências significativas para os estudantes, onde todos participaram ativamente do diálogo, externando a importância da atividade e visita à comunidade. Após a roda de conversa, os participantes visitaram as residências dos quilombolas, ouviram relatos e retornaram à residência onde ocorreu a roda de conversa para um almoço coletivo, oferecido pela pesquisadora.

A roda de conversa com os remanescentes quilombolas da Ilha de São Vicente foi significativa para pesquisa, pois contribuiu para formação dos estudantes participantes, este contato face a face proporcionou um diálogo reflexivo sobre a causa dos quilombolas e trouxe significado para a pesquisa. Entende-se que os objetivos foram alcançados pela interação entre os estudantes e os representantes quilombolas, pois após atividade, notou-se que os estudantes ficaram inquietos diante do exposto pelos remanescentes do quilombo Ilha de São Vicente. Questionaram a falta de políticas públicas para a estrutura da comunidade, assim como a falta de escola, água potável, posto de saúde e até mesmo uma embarcação segura para o transporte das crianças até às escolas na cidade.

4.3 MOSTRA CULTURAL FALA DE UM POVO: GERLÂNDIO MORAIS

A *Mostra Cultural Fala de um Povo: Gerlândio Moraes* corresponde a uma etapa da presente pesquisa. A Mostra aconteceu no dia 14 de setembro de 2022, no auditório Pioneiro do Campus Araguatins do IFTO, das 13h30min às 16h30min, tendo como organizadoras a pesquisadora e a professora de Geografia do campus. A mostra foi direcionada para um

público diverso, como alunos dos Cursos Técnicos em Agropecuária, Redes de Computadores Integrados ao Ensino Médio, acadêmicos do Curso de Agronomia e servidores em geral.

Na visão de Assis (2020), ainda não há uma construção ativa para compreender a questão étnico-racial nas escolas, a identidade de cada instituição, a formação de professores, assim como o currículo são questões ainda conflitantes. Neste sentido a Mostra “Falas de um Povo: Gerlândio Moraes” teve como objetivo contribuir com ações pedagógicas de valorização da cultura afro-brasileira, enquanto base de saber relevante para formulação de um currículo que contemple e integre, nas disciplinas curriculares, práticas (inter)culturais afro-brasileiras, com vistas à formação geral do público estudantil participante da pesquisa.

Em paralelo, visou contribuir com movimentos socioeducacionais em favor da igualdade racial - via ação pedagógica intercultural - que auxiliem a concretização da legislação vigente de direitos humanos de afro-brasileiros.

A *Mostra Cultural Fala de um Povo: Gerlândio Moraes* recebeu este nome para homenagear um egresso do campus Araguatins. Gerlândio era natural de Sítio Novo-MA. Foi aluno do Instituto Federal do Tocantins, Campus Araguatins, onde cursou o Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, entre os anos de 2016 a 2018. O mesmo era um artista nato, desenhava, pintava, fotografava, atuava e um apreciador da arte e cultura afro-brasileira. Contribuiu de forma significativa em vários eventos realizados no campus, mas hoje, infelizmente, não está mais entre nós.

A mostra ocorreu em dois momentos. No primeiro contou com a exposição “Entre Cenas e Práticas Culturais Afro-Brasileiras”, onde o público apreciou pinturas, desenhos e fotografias que expressam o povo negro na sua magnitude, uma voz que constrói sua história em um espaço que é seu de direito. Contamos também com a rica culinária afro-brasileira que usa de ingredientes trazidos pelos povos africanos e adaptou algumas receitas tradicionais dos portugueses e indígenas, criando uma gastronomia própria e rica. Veja a seguir algumas imagens que destacam o que foi produzido pelos participantes.

A Imagem 1 apresenta uma releitura da tela *O Samba* do artista afro-brasileiro Heitor dos Prazeres e que foi recriada pela aluna participante, aqui identificada por CS. Segundo a estudante, a tela *Liberdade* “[...] simboliza uma festa de samba em que o povo negro tem sua liberdade e pode expressar suas músicas e cultura, onde e como quiser” (SC). A técnica utilizada foi acrílica sobre tela, dimensão 60cmx90cm, suporte lona.

Imagem 1 – Liberdade.



Fonte: SILVA (2022)

A Imagem 2 tem como título *Nanã*, que, conforme a autora AJ “A tela representa uma divindade dos pântanos, da lama e da vida, um orixá das religiões de matriz africana e um de seus aspectos era a calma, gentileza, benevolência e a dignidade”.

Imagem 2- Nanã.



Fonte: ARAÚJO, 2022

As Imagens 3 e 4 da artista, aqui identificada como WT, representam traços da cultura afro-brasileira. Para WT, a tela apresentada na Imagem 3, com o título *A Força te representa*, é uma representação da mulher negra. O leão, ao lado dela, simboliza sua identidade, a força de uma guerreira e de uma rainha.

Imagem 3- A força te representa.



Fonte: TAVARES, 2022

Já a tela apresentada na Imagem 4, com o título *Iemanjá Deusa do mar*, é um orixá de matriz africana. Para a artista, a pintura representa “A Deusa do mar ou da água salgada (a mãe dos peixes). Conhecida pelo nome de Iemanjá é um Orixá afro-brasileira e representa as religiões de matriz africana”.

Imagem 4- Iemanjá Deusa do mar.



Fonte: TAVARES, 2022

Quando reuni com os participantes da pesquisa, apresentei algumas imagens de orixás que representam as religiões de matriz africana para fazer leitura e releitura, expliquei o significado de cada orixá. No momento não houve rejeição. Uma participante escolheu uma imagem para releitura. No dia seguinte relatou que os orixás eram coisa do demônio e que falaram para ela não fazer a pintura.

Diante deste episódio, percebemos que a falta de conhecimento da sociedade distorce o verdadeiro significado dos cultos, divindades e orixás de matriz africana, perpetuando o racismo e preconceito contra os rituais e religiões afro-brasileiras. “Para entender as religiões afro-brasileiras e a sua importância, devemos retornar às origens e verificar que a crença mantém viva as lutas, as esperanças e os sonhos” (GOGO, 2010, p. 15). Trabalhar a religiosidade afro-brasileira é uma forma de apresentar sua diversidade, reconhecimento e resistência.

Dando seguimento, o espaço também contou com a exposição de fotografia do ensaio fotográfico *Eu sou negro*, onde os fotógrafos, modelos e maquiadores foram estudantes participantes da pesquisa. O ensaio ocorreu durante o horário de almoço, em vários espaços do campus Araguatins e uma parte das fotos foram impressas para exposição. Demonstramos um pouco do ensaio na Imagem 5.

Imagem 5 – Ensaio fotográfico *Eu sou negro*.



Fonte: OLIVEIRA, (2022).

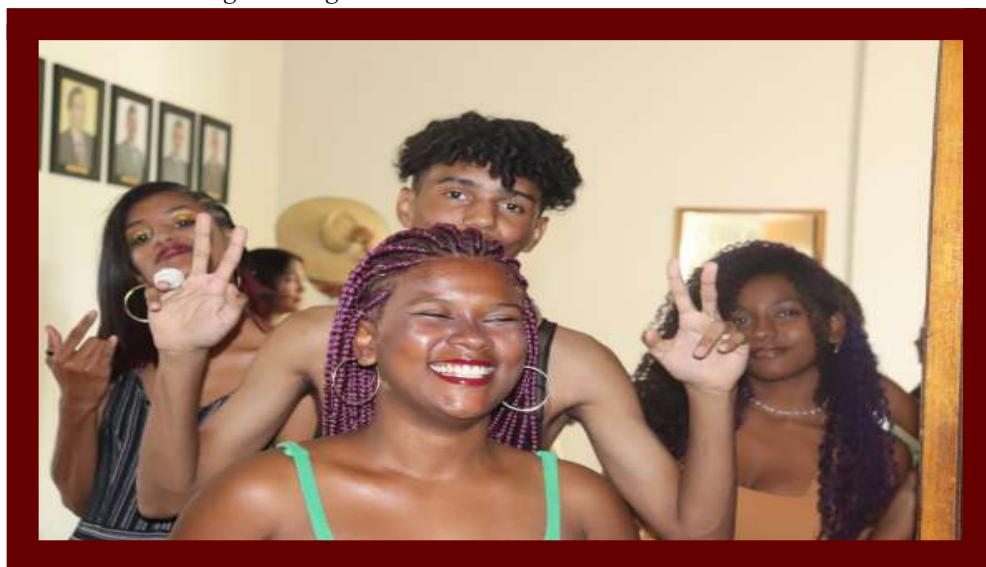
No segundo momento ocorreram as apresentações de palco, na parte interna do auditório, onde os participantes da pesquisa mostraram seus talentos na dança, música, poesia e desfile *Vozes negras: um grito de resistência*. Apresentados da seguinte forma:

4.3.1 Desfile – Vozes negras: um grito de resistência

Precisamos combater o racismo, o sexíssimo e a discriminação social enfrentados até hoje pelos homens e mulheres negras. E, pensando nisso, o desfile foi realizado pelos alunos que participaram do ensaio fotográfico, *Eu sou negro*, como forma de ampliar a voz, o peso e o poder que o negro possui quando se une em prol do mesmo objetivo – dar voz a quem também tem lugar de fala. Para Assis (2020), os estudantes negros (as) estão se empoderando, suas lutas deixam isso visível, as vozes e reações nos remetem a indivíduos em que o poder vem sendo constituído.

O desfile *Vozes negras: um grito de resistência* mostrou isso quando jovens negros resolveram mostrar sua identidade transbordada “[...] o cabelo natural, tranças ou *black power* é um dos aspectos mais evidentes, mesmo que ainda invisível, o corpo negro ganha visibilidade, e luta contra os mecanismos do racismo que tentam desumanizá-lo” (ASSIS, 2020, p. 23). O relatado pelo autor ficou visível quando os alunos entraram no espaço para desfilar, evidenciando pelas roupas e pelo cabelo, como pode ser percebido nas Imagens 6 e 7.

Imagem 6 – Desfile – *Vozes negras: um grito de resistência* 1.



Fonte: FEITOSA (2022).

Imagem 7 – Desfile – *Vozes negras: um grito de resistência 2*.

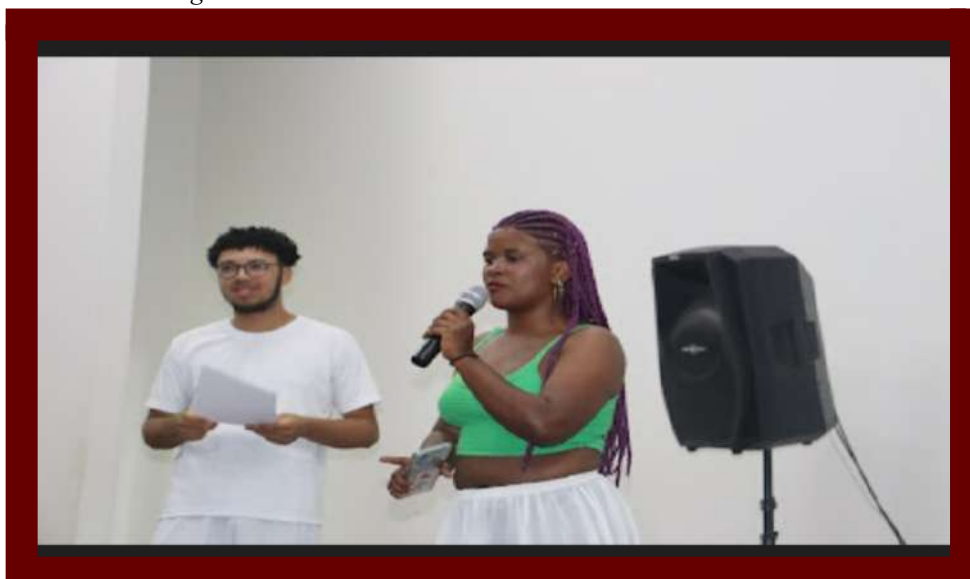


Fonte: FEITOSA, (2022).

4.3.2 Poesia afro-brasileira

A *Poesia afro-brasileira* vem como uma ferramenta importante para o combate ao preconceito contra os negros e como denúncia à exclusão em que vive grande parte deles no Brasil. E essa linguagem artística (arte da palavra) que, de certa forma, mostra os ideais de quem produz o texto foi utilizada neste produto educacional para divulgação da arte escrita. Nesta ideia, a participante AL declamou o poema *Gritaram-me negra*, de Victoria Santa Cruz. A poesia trouxe uma lição de aceitação e transformação. Nele está presente o grito de inúmeros negros que foram dizimados de seus direitos, tal como pode ser notado na Imagem 8.

Imagem 8 – *Gritaram-me negra*.



Fonte: FEITOSA, (2022).

4.3.3 Música afro-brasileira

A música afro-brasileira já passou por momentos difíceis de discriminação. Hoje, inúmeros cantores e compositores abordam a temática negra em suas músicas. Conforme conteúdo abordado no Portal da Cultura Afro-brasileira, esta vertente musical demorou ser aceita por uma elite europeizada. Os vários estilos de música criada pelos afro-brasileiros tem influência indígena e africana, dessa mistura temos o samba, o maracatu, ijexá, maxixe, lambada, carimbó, funk, passinho, entre outros. Até o século XX era altamente discriminada, considerada “música para marginais” (PORTAL CULTURA AFRO - BRASILEIRA, 2023).

Os estudos e transmissões musicais, oferecem ferramentas para romper barreiras preconceituosas, sendo hoje uma linguagem que está presente no cotidiano dos jovens. Nesta direção, a estudante HR cantou duas músicas “Guerreiras Quilombolas”, de Célia Sampaio, e “Cota não é esmola”, de Bia Ferreira. A música de Célia Sampaio fala da resistência negra, a luta das mulheres quilombolas, empoderamento e liberdade. Já a música de Bia Ferreira trata do preconceito que o negro sofre. Tal música traz uma verdade, ou seja, a cota não é um favor e sim uma forma de inclusão, uma forma de equidade. Para Tavares (2007), a música proporciona inúmeras habilidades ao ser humano, através da qual o homem pode criar, comunicar-se, adquirir e transformar conhecimento. Neste sentido a música em sala de aula torna-se uma ferramenta de empoderamento, uma forma de desenvolver habilidades, competências e transformar a realidade.

Neste contexto de diálogo e empoderamento, tivemos a participação da aluna JM que cantou “Shimbalaiê”, de Maria Gadu. “Shimbalaiê” - palavra de origem africana onde você recebe dos orixás africanos um conforto de paz e coisas boas de forças positivas, sendo também uma forma de estar bem com a natureza. A aluna cantou ainda “Iemanjá”, da dupla Rosa Amarela - Para além da festividade, Iemanjá é símbolo da luta negra no país. Padroeira dos pescadores e um dos orixás mais importantes da mitologia afro-brasileira. Associada aos oceanos, à fertilidade feminina e à maternidade.

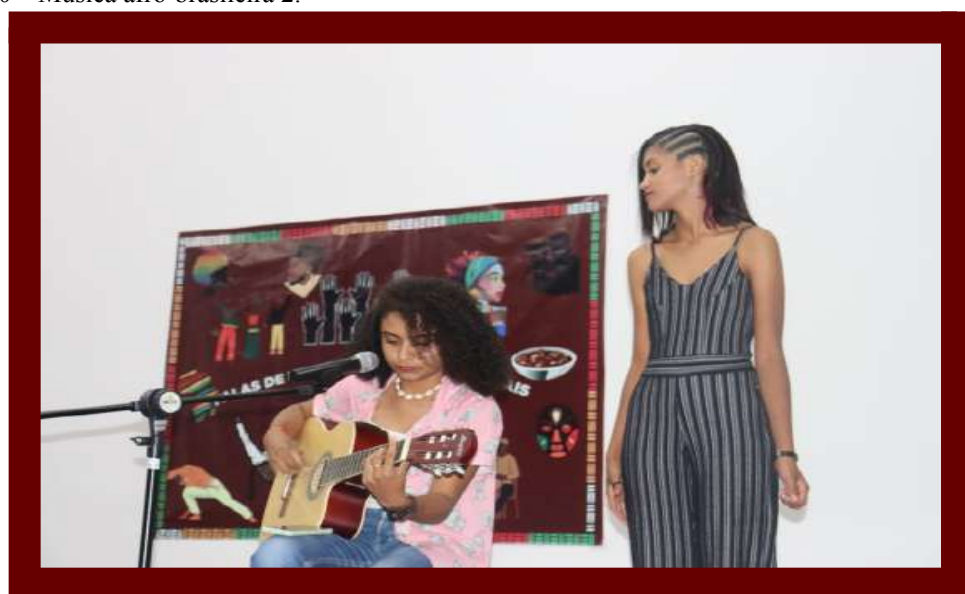
A música proporciona uma boa convivência entre os grupos sociais, traz a tolerância e aceitação entre os estudantes. Através da música podemos criar laços de relacionamentos fortes e significativos no contexto social (JOLY, 2003). As músicas trabalhadas nas atividades da pesquisa têm letra com mensagens fortes e reflexivas sobre a realidade do negro no Brasil e é eixo norteador para buscar mudar tal realidade. As Imagens 9 e 10 mostram uma montagem do momento de canção negra para a comunidade acadêmica no evento.

Imagem 9 – Música afro-brasileira 1.



Fonte: FEITOSA, (2022).

Imagem 10 – Música afro-brasileira 2.



Fonte: FEITOSA, (2022).

4.3.4 Danças afro-brasileiras

A dança afro-brasileira compõe-se de um conjunto de diferentes danças e dramatizações, que apresentam em comum à raiz negra africana. Recriada no Brasil, nas diferentes épocas e regiões, essa herança foi ganhando novos significados e expressões. Podemos citar como exemplos: Tambor de Crioula, Capoeira, Maculelê, Samba de roda, Maracatu. Para Petit (2015), o corpo na dança afro-brasileiro é aquele que vai além da dança, é um corpo que fala, conta história, dramatiza e traz a simbologia da luta em sua ancestralidade. Desta forma, as danças afro-brasileiras não são só movimentos corporais, mas formam o “SER” pessoa afro-brasileiro, com elementos que dialogam com suas ancestralidades. Praticar a dança na escola oferece suporte para que o estudante crie caminhos que reflita no comportamento do ser humano (VERDERI, 2009). Para o autor devemos entender a dança como uma abordagem pedagógica capaz de mudar o

comportamento humano. Levar para sala de aula as danças afro-brasileiras é uma forma de conhecer os movimentos que foram e são símbolos de resistência do povo negro. A imagem 11 traz a dança da capoeira, uma dança secular que surgiu nas senzalas como uma forma de defesa do escravo negro.

Imagem 11 – Dança afro-brasileira.



Fonte: FEITOSA, (2022).

Diante do exposto, onde os alunos participantes da pesquisa conheceram a teoria e desenvolveram atividades práticas, entendemos que as atividades que fundamentaram este estudo ofereceram suporte para uma aprendizagem significativa a respeito da cultura afro-brasileira. Cada movimento executado conta um pouco da história do negro, sua alegria, seus anseios e suas lutas. Na opinião de Laban (1990), a expressão corporal através da dança possibilita meios para relacionar o mundo interior com o exterior, com a dança podemos criar e expressar através de movimentos que tem voz, que comunica. Os estilos de dança apresentado pelos participantes da pesquisa traz a fala do povo negro, simboliza sua cultura, sua alegria e também sua luta. Para Freire (1979) As instituições educacionais devem oferecer metas que culminem com a cidadania, oferecer uma formação que corrobore para existência de seres humanos críticos e pensantes, preparados para enfrentar os obstáculos que a vida lhes proporciona, neste sentido terão maiores oportunidades. É nessa visão de uma educação plena e cidadã que a *Mostra Cultural Falas de um Povo: Gerlândio Moraes* desenvolveu atividades diversificadas incentivando a criatividade e proporcionando boas vivências entre os participantes da pesquisa.

4.3.5 Protagonismo/emancipação

Acreditamos que este estudo contribuiu consideravelmente para o “Protagonismo/Emancipação” por acreditar que a reflexão sobre as contribuições do diálogo

entre a cultura afro-brasileira está diretamente relacionada à busca de uma formação integrada. Para Gomes e Novo (2017, p. 15) o protagonismo “[...] significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afetam a todos. Significa tomada de posição dianteira em face de obstáculos que ameaçam a espécie”. Neste sentido, a participação dos estudantes neste trabalho promoveu uma reflexão acerca da cultura afro-brasileira, a vida do negro no Brasil e a pensar ações que combatam o racismo e o preconceito, ou seja, agir afirmativamente, tomando partido diante dos fatos que usurpam os direitos do jovem negro, e assim lutar por uma causa, estabelecer um lugar de fala para sua tomada de decisão, mesmo não sendo o estudante protagonista negro ou alvo de racismo.

Para Maciel (2016), falar da educação integrada, torna-se necessário pensar no pressuposto do diálogo com a formação omnilateral. A mesma apresenta os meios necessários para emancipação social, motivando o estudante a participar, de forma crítica reflexiva, do processo de transformação da sociedade. Diante do exposto pensamos a categoria emancipação, de modo a promover a reflexão ativa, bem como, tirar o aluno de sua zona de conforto e sair de um estágio de inércia, pois, o homem omnilateral não se curva diante do que já sabe. Ele luta, busca, tem disponibilidade para aprender sempre, aí presencia a emancipação, através da totalidade, uma formação em todas as dimensões humana. Assim, entendemos que a ação deste estudo “Falas de um povo” apresenta aporte para busca da emancipação e trilhar caminhos para formação integrada e o protagonismo juvenil.

Conforme Maciel (2016), formar na integralidade exige que o homem busque seu lugar de fala, seja dono de si mesmo, desenvolva competências e habilidades em várias dimensões da vida. Entender o homem como senhor de si mesmo corrobora pelo viés do protagonismo e emancipação, pressupõe capacidade, criar, recriar. Gomes e Novo (2017, p. 25) diz o seguinte sobre o protagonismo “[...] Ele age e diz, portanto, num processo humanizador e humanizante, de conhecimento e reconhecimento, político, social e cultural, de defesa da polis e dos destinos de cada um e de todos nós, por atos e palavras”. Em pleno século XXI, não existe mais espaço para uma educação centrada no autoritarismo, uma formação focada só em uma dimensão humana. Precisamos desse embate político, social e cultural em defesa de uma sociedade mais justa.

Em torno das discussões apresentadas, nota-se a conexão entre protagonismo, emancipação do estudante participante da pesquisa e a discussão das temáticas abordadas na pesquisa “Falas de um povo”. Durante as ações desenvolvidas dos participantes da pesquisa culminaram momentos de protagonismo, quando se percebeu o engajamento dos alunos no

processo criativo do evento, o desejo em participar das ações, a busca por novos olhares que contribuíssem para o processo, dentre outros. Logo, a pesquisa deu lugar de fala a estes participantes, e promoveu a emancipação enquanto estudante, cidadão e membro de uma sociedade que grita por liberdade.

Durante as etapas do estudo, oferecemos momentos para que os participantes pudessem manifestar sua opinião e relatar sobre o seu aprendizado, conforme podemos destacar alguns depoimentos a seguir. Para identificar os participantes usamos iniciais de seus nomes.

A pesquisa contribuiu para a valorização da cultura afro-brasileira, como também, para os movimentos sócio-educacionais em favor da igualdade racial. Sabemos que essa cultura está enraizada e naturalizada em nosso meio, e faz parte da nossa formação. Logo, é necessário dar voz a quem também tem lugar de fala. (DP)

Diante do exposto, percebemos que o participante construiu seu ponto de vista, relatando a necessidade deste lugar de fala, além de fomentar um diálogo para atividades, tanto no meio escolar, como na sociedade, em favor da igualdade racial. Na visão de Ribeiro (2017), a população negra subalternizada reivindica seu espaço, dizem que existem e que sua luta precisa ser vista e ouvida. Para os jovens, hoje esse lugar de fala é bem diversificado, principalmente quando nos referimos à internet, às redes sociais.

Outro ponto que mostrou o protagonismo, durante a pesquisa, foram as apresentações artísticas culturais afro-brasileiras, onde a população negra e sua voz foram ecoadas através de poesias, músicas, danças, fotografias, pinturas e desenhos, apresentados pelos participantes. Neste sentido de emancipação, pensamos o lugar de fala não de forma individual, mas como ação social coletiva.

Outro relato de estudante, após o estudo será apresentado, foi: “O estudo abriu espaço para debater a questão étnico-racial e os aspectos da cultura afro-brasileira e que ajudam no empoderamento dos alunos.”(AM)

Esse empoderamento, citado pelo participante, diz respeito ao protagonismo e emancipação, que pode ocorrer de forma individual ou coletiva. Conforme Gomes e Novo (2017), o protagonismo acontece quando o sujeito se faz ativo na sociedade, compreende seu papel social, traz suas experiências e realidades para a coletividade. Acredita-se que o protagonismo dos participantes no contexto desta pesquisa, se deu no momento em que estes reconhecem e expõem seu ponto de vista a respeito dos conflitos étnico-raciais que envolvem a sociedade e quando eles compreendem esta realidade e reagem diante da mesma. Nesta direção veremos a opinião de outro participante:

Primeiramente, convém destacar a importância de um trabalho e atividade como essa para a construção de uma sociedade bem estruturada e sem retrocesso. Ademais, estudar a cultura afro-brasileira é estudar sobre nossos povos, sobre a nossa origem e adquirir grandes ensinamentos.

As atividades extracurriculares como essa, serão sempre necessárias, pois há muita falta de informação acerca do passado da cultura afro-brasileira, e estudar toda essa história de resistência e luta, é saber que a luta não é de hoje, e o que todos buscam por equidade. (JO)

Este relato aponta para a satisfação do estudante em ter participado da pesquisa, as contribuições que este tipo de estudo traz para sociedade e, além de tudo, a necessidade de conhecermos mais sobre a cultura afro-brasileira.

Para finalizar a discussão sobre protagonismo/emancipação pensamos que não pode haver espaço para uma formação integrada sem buscar equidade, sem mostrar resistência diante de uma sociedade excludente. Intensificar a argumentação, com base em concepções socialistas de educação integral. Ampliar o debate, através do resgate das concepções socialistas de educação integral, é perceber que existem meios concretos diante de ideias predominantes. (MACIEL, 2016). Nesta perspectiva espera-se que o protagonismo e emancipação dos jovens não se curvem diante de práticas dominantes e excludentes.

4.4 QUESTIONÁRIO FINAL

O questionário final foi aplicado após último encontro realizado com os estudantes participantes da pesquisa, sendo que o mesmo foi enviado para os trinta e cinco alunos que faziam parte do estudo, mas somente trinta e três responderam. Logo, temos uma amostra significativa, visto que corresponde a mais de 93% dos participantes da pesquisa. O questionário propôs uma autoavaliação sobre a participação dos mesmos no estudo, qual a percepção destes estudantes, envolvendo suas dificuldades e aprendizagens. A autoavaliação permite que o participante faça uma reflexão sobre seus pontos fortes, erros e dificuldades durante a pesquisa.

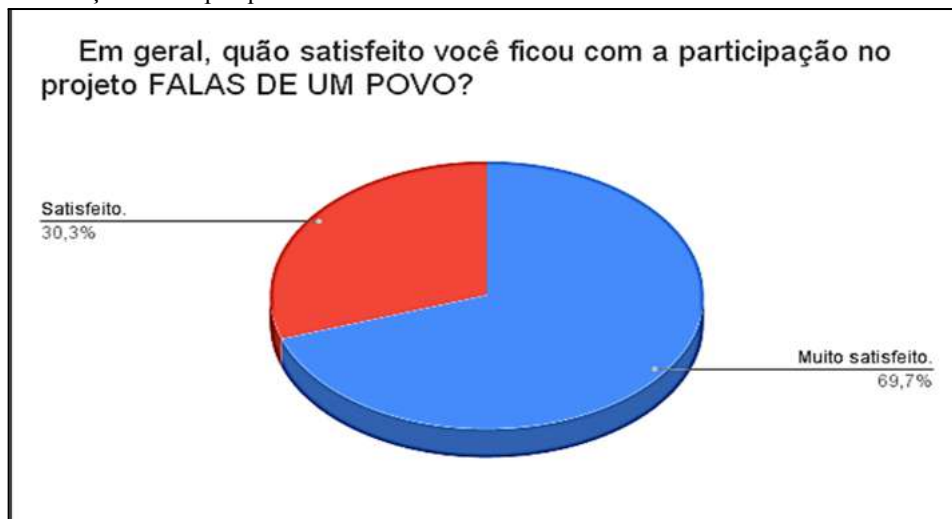
A interpretação dos dados corrobora com os pressupostos da análise de conteúdo, uma vez que, como

[...] método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto [...].” (MORAES, 1999, p. 2).

A análise de conteúdo apresenta características adaptáveis para a interpretação dos dados, que, comungando com o anunciado, fizemos uma análise dos dados selecionando por temas e formando categorias.

Neste sentido, a primeira sondagem do questionário foi sobre quão satisfeito o estudante ficou com sua participação na pesquisa. Como aponta o exposto no Gráfico 8, 69,7% disseram que ficaram muito satisfeitos com a pesquisa, enquanto 30,3% apontaram ter ficado satisfeitos.

Gráfico 8 – Satisfação com a pesquisa.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

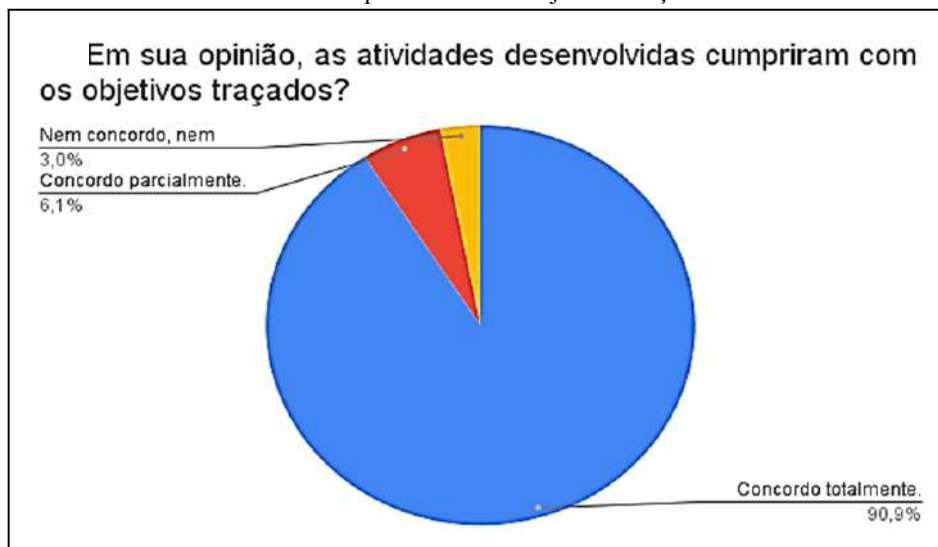
Durante o processo de desenvolvimento das atividades houve uma boa interação entre os participantes, contribuindo para o bom andamento da pesquisa. Para Ramos (2008), a integração oferece bases para formação omnilateral dos estudantes, pois possibilita a integralidade das dimensões essenciais da vida que fundamenta a vida em sociedade. Um dos pilares deste estudo era o desejo dessa formação unitária, perpassando pelo viés cultural e científico.

Partindo das considerações expostas no Gráfico 8, seguimos para o questionamento abordado no Gráfico 9, onde questionamos aos participantes se as atividades desenvolvidas cumpriram com os objetivos traçados. Para este questionamento foram apresentadas três tipos de categorias, sendo que 90,9% marcaram a categoria “concordar totalmente”. Para os que disseram concordar totalmente, entendemos que as atividades desenvolvidas com a pesquisa e aplicação do produto promoveram um aprendizado satisfatório.

Diante do número expressivo dos estudantes que declararam que as atividades desenvolvidas para a aplicação do produto educacional terem cumprido com os objetivos propostos, Luvizotto, Fusco e Scanavacca (2010) apontam que trabalhar com atividades relacionadas a sites favorece o desenvolvimento de habilidades significativas para o processo ensino-aprendizagem. Trouxemos este apontamento porque todo material produzido durante a

pesquisa culmina com o site “Falas de um povo”, e foi criado ainda um Instagram específico para este estudo e que promoveu a aprendizagem desenvolvida pelos estudantes.

Gráfico 9 – As atividades desenvolvidas cumpriram com os objetivos traçados?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Ainda, sobre o exposto no Gráfico 9, passamos para o entendimento relacionado aos que marcaram a afirmativa “concordo parcialmente” que corresponde a 6,1%. Para estes participantes entendemos que faltou alguma motivação para que as atividades desenvolvidas cumprissem com os objetivos de forma geral. Houve ainda um participante que manteve a neutralidade marcando que nem concorda e nem discorda, o que corresponde a 3,0%.

Prosseguindo com a análise, partimos para a interpretação dos dados explicitados no Quadro 12, onde perguntamos para os participantes se as ações fomentadas na pesquisa contribuíram para sua formação, pedindo que em seguida justificasse a sua escolha. Todos os alunos envolvidos no estudo disseram que sim e fizeram a sua justificativa. Para facilitar o processo de análise dos dados, fizemos a análise do conteúdo criando três categorias com alguns dos motivos explicitados. Conforme Franco (2018, p.25) “[...] os resultados da análise de conteúdo devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas”. Neste sentido, categorizamos as respostas que refletissem o questionado no problema e explicitasse o almejado nos objetivos. Nas falas explicitadas afirmaram e justificaram que a pesquisa contribuiu para sua formação de diversas formas.

Quadro 12 – As ações contribuíram para formação?

CATEGORIAS	FALAS DOS ALUNOS
Contribuições sobre os direitos do negro	• Sim, a inclusão social é muito importante para a formação de um indivíduo, o conhecimento e amplificação dos direitos aprendidos no projeto, vão com toda certeza ser usados em um futuro próximo. • Sim, eventos como este que fala sobre identidade, voz e vez sempre trazem ótimas contribuições para minha formação enquanto pessoa.
Conhecimento sobre a realidade do negro	• Com certeza, foram atividades extracurriculares que foram essenciais para o meu crescimento e desenvolvimento pessoal, além da contribuição acadêmica. • Sim, me abriram os olhos sobre culturas que ainda não conhecia e que são muito importantes. Tal tema foi citado até mesmo na redação do Enem, o que me ajudou muito. Sim. Pois me deu uma nova visão sobre a situação da comunidade Quilombola
Conhecimento sobre a cultura afro-brasileira	• Sim, agora sei muito mais sobre a cultura afro-brasileira. Expandiu meu conhecimento. • Sim, pois foi possível abranger mais informações, assim como o aprendizado acerca da cultura afro-brasileira. • Sim. O projeto abriu minha mente para talentos que eu não sabia que tinha.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

No entendimento de Cogo (2010), a articulação entre educação e etnia é imprescindível para popularizar o processo educativo, tornando-o acessível a todos. A educação enquanto direito social, precisa atender às diferenças. Neste sentido, lutamos por implementação de políticas públicas que superem as desigualdades sociais e raciais. Esta interlocução durante a prática educativa contribuiu para mudar a forma como era vista a cultura afro-brasileira, para formação pessoal, social e até mesmo para escrita da redação do ENEM (2022) Exame Nacional do Ensino Médio que teve como tema da redação os *"Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil"*.

Através do apontado no Quadro 12, foi possível entender que a pesquisa *Falas de um povo: práxis da valorização da cultura afro-brasileira na Educação Profissional Tecnológica*, implementada junto aos participantes contribuiu para a formação omnilateral destes estudantes participantes da pesquisa. Conforme Vázquez (2002), a práxis não se configura somente na mudança da consciência do ser humano, vai além, muda as estruturas sociais que oprime sua realidade, sua existência, ou seja, desestabiliza o opressor.

Isso é o que ocorre quando abordamos a temática da cultura afro-brasileira numa perspectiva construtivista, como a ocorrida na *Mostra Cultural Fala de um Povo: Gerlândio Moraes*, pois permitiu a junção da teoria com a prática, proporcionando um aprendizado significativo aos participantes. Para Moreira e Masini (1982) a aprendizagem significativa acontece quando atribuímos significados a um conhecimento através da interação dos conhecimentos prévios com conhecimentos novos e, para que esta aprendizagem ocorra, é

necessário condições tanto em relação ao material de aprendizagem como a vontade de aprender do aprendiz. Com base nas falas dos participantes da pesquisa e o apontado pelo autor entendemos que houve uma aprendizagem significativa.

Passamos agora para a apresentação do Quadro 13, que trata sobre a opinião dos entrevistados sobre mais ações, no sentido das abordadas na pesquisa, fossem necessárias executar e destacassem o porquê. Dividimos os motivos explicitados em três categorias, sendo a primeira trata dos motivos relacionados à preservação da memória.

Quadro 13 – Deseja que mais ações nesse sentido sejam executadas?

CATEGORIAS	FALAS DOS ALUNOS
Motivos relacionados à preservação da memória.	• Sim, porque são histórias de vidas e de lutas em que nem todos têm esse conhecimento. • Sim. Para mostrar a importância dessa cultura. • Sim. O estudo das culturas afro-brasileira e indígena no Brasil é importante para a formação dessa nova geração. • Sim. Pois a sociedade precisa conhecer mais sobre a história da cultura afro-brasileira, e assim preservá-la.
Motivos relacionados ao conhecimento	• Sim, porque isso leva muito conhecimento às pessoas. • Sim, traz ao público muitas informações necessárias. • Sim, porque melhorar nosso aprendizado.
Motivos relacionados ao combate ao preconceito.	• Sim, pois é de extrema importância na luta contra o preconceito enraizado na sociedade. • Sim. Tivemos nossas vozes caladas por muito tempo, que gritemos agora. • Sim, pois muitas pessoas têm visão diferente sobre diversas causas, com isso, deveria ser feito mais ações como essa para que erradique todo estigma sobre várias questões importantes para sociedade.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Diante dos motivos abordados percebemos que todos os participantes concordam que sejam abordadas ações neste sentido e justificaram: “Porque são histórias de vidas e de lutas em que nem todos têm esse conhecimento”; “Para mostrar a importância da cultura”; “Porque é importante para formação de novas gerações”; “Porque precisamos conhecer para preservar”. Assim, “[...] conhecer as lutas do povo negro contribui de forma significativa para aquisição de lugares que busca a igualdade social, cultural, educativa, política, através do fortalecimento coletivo da identidade étnica” (COGO, 2010, p. 24). As ações desenvolvidas motivaram os participantes a pensar ações que valorizem o povo negro e sua memória.

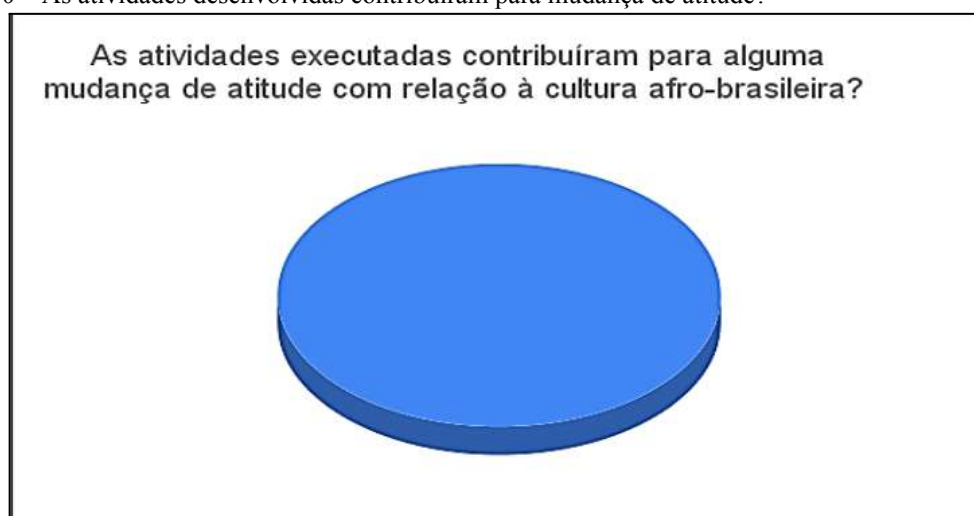
Já em relação à segunda categoria, foram apontados pelos estudantes participantes da pesquisa, os motivos relacionados ao conhecimento adquirido com a ação educativa. Alguns relatos podem ser destacados: “Porque adquirir conhecimento”; “Traz ao público informações necessárias”; “Porque a sociedade precisa conhecer mais sobre a cultura afro-brasileira”. Desta forma, percebemos que os participantes construíram conhecimento devido à propriedade com que abordam o tema.

Nesta mesma perspectiva, discorremos sobre os motivos apresentados na terceira categoria “motivos relacionados ao combate ao preconceito”. Algumas falas se destacam, tais como: “Sim, pois é de extrema importância na luta contra o preconceito enraizado na sociedade”; “Sim. Tivemos nossas vozes caladas por muito tempo, que gritemos agora”; “Sim, pois muitas pessoas têm visão diferente sobre diversas causas, com isso, deveria ser feito mais ações como essa para que erradique todo estigma sobre várias questões importantes para sociedade”. Como podemos perceber pelas falas, o relatado pelos participantes sugere luta, reflexão e grito de liberdade. Pensamos na práxis em Freire (2013), que pensa a ideia de um conjunto diverso de práticas buscando a transformação da realidade e a produção da história.

Para finalizar o exposto no Quadro 13, pensamos num lugar de fala para que estes estudantes construam uma práxis que transforme a cultura afro-brasileira, a educação étnico-racial. Para Freire (2013, p. 52), um dos sentidos da práxis é “[...] ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Diante do exposto acreditamos que ações como as fomentadas na pesquisa podem criar caminhos para visibilizar essas práticas em sala e ainda trazer reflexo para além dos muros da escola.

Prosseguimos com os dados da pesquisa, apresentando os resultados da pergunta onde foi questionado aos participantes se a pesquisa contribuiu de alguma forma na mudança de atitude com relação à cultura afro-brasileira, sendo unanimemente afirmado que sim, contribuiu para a mudança de atitude do estudante participante. Isto indica que ações como esta trazem mudanças importantes para a questão problema e pode contribuir para a práxis educativa.

Gráfico 10 – As atividades desenvolvidas contribuíram para mudança de atitude?

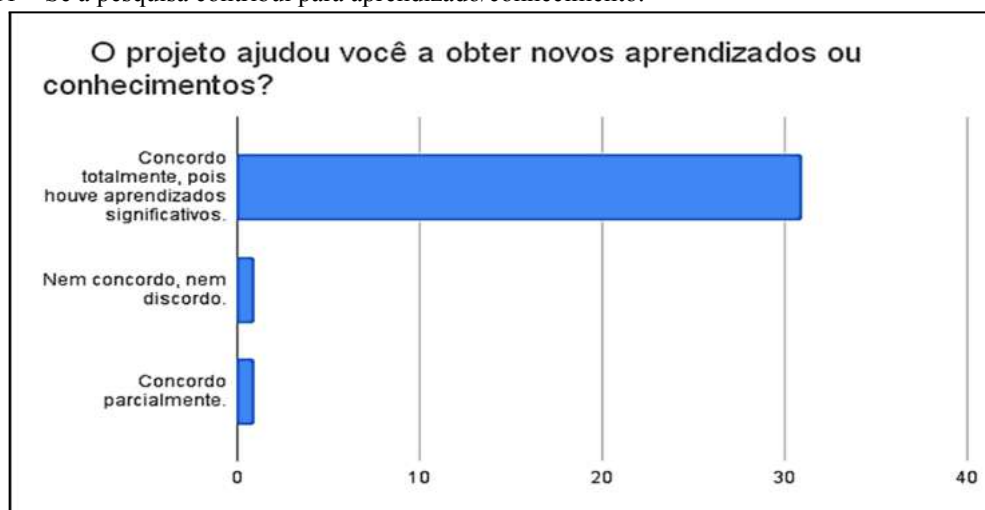


Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Para Nascimento, Silva e Scalabrin (2020), criar bases entre currículo integrado e o ensino de história e cultura afro-brasileira pressupõe um debate dos meios de conhecimento que tem trazido debate para uma organização de práticas pedagógicas libertadoras. Pensar em práticas pedagógicas libertadoras no sentido da cultura afro-brasileira e educação étnico-racial envolve ações interdisciplinares. As atividades práticas desenvolvidas pelos discentes participantes da pesquisa caminharam para este sentido, pois desenvolvemos atividades com música, dança, poesia, pintura, desenho e fotografia. Todas pensando numa práxis para formação integrada.

Partindo do pressuposto de práticas libertadoras direcionamos nossa análise para o Gráfico 11, onde perguntamos para os participantes se o projeto ajudou a obter novos aprendizados ou conhecimentos. Como observado, a maioria dos estudantes afirmaram ter havido aprendizado significativo, alguns ficaram neutros, e outros disseram concordar parcialmente. Quando falamos de aprendizados significativos, como o apontado pela maioria dos discentes participantes do estudo, entendemos que os objetivos da pesquisa foram alcançados.

Gráfico 11 – Se a pesquisa contribui para aprendizado/conhecimento.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Continuando com a análise do Gráfico 11, complementando o abordado pelos participantes e o objetivo do estudo, entendeu-se ter havido transformação na maneira de pensar dos estudantes participantes. Para Araújo e Frigotto (2015), abordando sobre práticas e ensino integrado, menciona que tanto professores como alunos, pressupõem-se como agentes da ação pedagógica. Se a função primordial do professor é mediar o elo entre cultura elaborada e o discente, proporcionando caminhos à aprendizagem, esta ação só oferecerá meios de produzir a autonomia discente e o entendimento da realidade social se permeada por

projetos educacionais de transformação da realidade. Foi nesta dimensão de transformação que desenvolvemos a pesquisa e aplicamos o Produto Educacional *Falas de um povo*.

Direcionamos nossa análise para interpretação do Gráfico 12, onde perguntamos para os estudantes participantes se houve dificuldades enfrentadas por eles durante a pesquisa e aplicação do PE.

Gráfico 12 - Dificuldade encontrada com a aplicação do produto.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

De acordo com o exposto pelos participantes, percebeu-se que a maioria não encontrou dificuldades. 36,4%, disseram não ter encontrado nenhuma dificuldade, 27,3% afirmaram ter encontrado algumas dificuldades, 9,1% optaram por ficar neutros e 3% disseram que houve dificuldades.

Passamos agora para análise do Quadro 14, onde perguntamos para os participantes se tinham outros comentários sobre o desenvolvimento da pesquisa e aplicação do produto educacional, onde foram selecionadas 13 (treze) considerações expostas pelos participantes. Diante do exposto na categoria das considerações sobre a pesquisa e aplicação do Produto Educacional percebemos que todas as considerações foram positivas em relação à prática desenvolvida. Dessa forma esperamos ter contribuído de forma significativa para a formação dos estudantes participantes da pesquisa.

Quadro 14 – Outros comentários sobre a pesquisa e aplicação do Produto Educacional.

CATEGORIAS	FALAS DOS ALUNOS
Das considerações sobre a pesquisa e aplicação do PE.	• Foi um projeto excelente, participar dele foi uma forma de aprendizado para todos os envolvidos. • Que trabalhar para execução desse projeto foi gratificante, apesar das dificuldades, foi uma experiência inesquecível. • Foi de suma importância tratar sobre esse tema na instituição e que para os alunos participantes veio a contribuir de forma significativa no conhecimento. • A pesquisa no geral contribuiu para os conhecimentos de todos que estavam presentes, e para quem acompanhou em redes sociais. • Só tenho a dizer que a pesquisa me ajudou muito a ver o que muitos afro-brasileiros passaram, e o quanto sofreram e ainda sofrem até hoje. • Queria parabenizar a professora Cassia, pela sua dedicação e agradecer pela confiança em entregar seu projeto nas mãos da nossa turma. • Foi um período de muito aprendizado, acredito que não foi só eu que mudei minha visão sobre essa pesquisa. • Deveria haver mais projetos dessa forma. • Só agradecer por terem me permitido participar de um projeto tão importante como este. • Só tenho a parabenizar pelo projeto desenvolvido com tanta dedicação. Pois foi um projeto maravilhoso, onde os alunos puderam conhecer diversas causas presentes na sociedade brasileira. • Só elogios, foi um trabalho perfeito. Uma pesquisa bem feita e interessante, fazendo despertar um lado maior de conhecimento sobre a cultura do meu povo. • Foi ótimo participar e conhecer de perto esse projeto, amei demais! • Sim, mais projetos como esses são significativos aos estudantes.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Para finalizar esta análise trazemos a fala de Ciavatta (2005b), onde a autora diz que o exercício da formação integrada é uma experiência de democracia participativa. Neste contexto de experiências integradoras apontamos para a fala dos participantes que traz significados para a formação integrada ancorada em um trabalho coletivo. Na visão de Ciavatta (2005b), a formação não ocorre em sua integralidade se o ambiente escolar apresenta viés autoritário e individual, pois a integração é coletiva e social, implica vários autores como professores abertos a novas ideias que apresentem disciplinas e temas propícios à integração. Neste caso, a autora aponta a ciência e a cultura como pressupostos para gerar conhecimento.

Diante do exposto, destaca-se a importância de uma formação integrada baseada no princípio educativo, a necessidade de articulação entre cultura, ciência, educação e trabalho, mas vale ressaltar que as controvérsias são inúmeras para perpassar a educação unilateral rumo a uma educação omnilateral, politécnica e integrada. Para que isso aconteça, necessita-se de muito debate entre escola, governos e sociedade em geral.

5. PRODUTO EDUCACIONAL

Neste item apresentamos o Produto Educacional (PE) elaborado a partir desta pesquisa, que é estruturado através do Site *Falas de um povo* (Imagem 12). Diante da exigência de um mundo cada vez mais globalizado, percebe-se a necessidade do uso das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) com o intuito de promover transformações na interação entre professores e discentes. Partindo deste princípio, a função das instituições educacionais foi transformada, pois, os espaços que favorecem a construção de conhecimentos, emanam de novas metodologias de aprendizagens, trazendo ao ambiente escolar uma nova forma de comunicação com o ser e seu meio.

Imagem 12 – Página inicial do site *Falas de um povo*.



Fonte: <https://www.falasdeumpovo.site> (2023)

O site é direcionado para educadores de diversas áreas de conhecimento e busca estruturar o conteúdo do estudo de forma dinâmica e interativa. Para Luvizotto, Fusco e Scanavacca (2010), o site é uma ferramenta que oferece ao estudante caminhos que corrobora com o desenvolvimento de competências e habilidades que favoreçam o conhecimento significativo, alcançando os objetivos educacionais almejados. Propostas de ferramentas educacionais com esta abordagem implementam o processo de fruição e produção de conhecimento.

Neste sentido, a proposta de intervenção “Fala de um povo”, traz a práxis com as vertentes das manifestações artísticas e culturais afro-brasileiras, com o objetivo proporcionar aos participantes da pesquisa elementos significativos para o ensino aprendizagem no contexto da formação integrada, relacionando teoria, prática e reflexão. Entendemos que este website pode possibilitar subsídios para educadores trabalharem em sala de aula a temática em estudo e que a mesma possibilita o processo de aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de competências e habilidades para os estudantes. Conforme Luvizotto, Fusco e Scanavacca

(2010, p. 38) “as vantagens e benefícios de usar esses recursos pode potencializar o processo de ensino-aprendizagem contemplando inúmeras habilidades e competências dos estudantes-usuários desse tipo de website”.

Tendo como foco a formação integrada, buscamos suporte no pensamento de Araújo e Frigotto (2015), que apresenta o ensino integrado como uma proposta educativa que busca uma formação em sua integralidade, que não se conforma com proposta fragmentada individualista, busca o sucesso coletivo, promove o desenvolvimento tanto físico como intelectual. Nesta perspectiva, buscamos com esta proposta suportes para educação integrada, na certeza de que os estudantes têm direito de uma formação completa que abarque os princípios da cultura, da ciência, da tecnologia e do mundo do trabalho. Ramos (2008), aponta que a educação unitária comunga com o princípio de que todos tenham acesso aos conhecimentos, à cultura e às mediações necessárias para trabalhar e para produzir a existência e a riqueza social.

A aplicação do PE ocorreu no segundo semestre de 2022 de forma presencial no Instituto Federal do Tocantins-Campus Araguatins com 35 (trinta e cinco) alunos da 3ª série do Curso Técnico de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio. No total, foram realizados 07 (sete) encontros, alguns durante as aulas de Artes, ministradas pela pesquisadora, outros no contraturno. A distribuição se deu da seguinte forma: apresentação da proposta; pesquisa e círculo de estudos; roda de conversa com representantes da comunidade quilombola Ilha de São Vicente; ensaio fotográfico *Eu sou negro*; apresentação de vídeos com danças afro-brasileiras; ensaio de poesias, músicas e danças afro-brasileiras; oficina de pintura e desenhos; produção de material para os stands e *Mostra Cultural Falas de um povo: Gerlândio Moraes*. Todo material apresentado, discutido e produzido nos encontros faz parte da produção do site *Fala de um povo*.

No primeiro encontro, apresentou-se a proposta para os participantes com intuito de estreitar laços e fornecer os amparos legais, objetivos, cronograma, e assim aproximar a pesquisadora e estudantes. Já que para Marconi e Lakatos (2001), a observação participante, se dá com a participação do pesquisador em seu campo de pesquisa, ou seja, o pesquisador vivencia seu objeto de estudo para coletar dados. Ao término deste encontro foi apresentado aos participantes um formulário com questões abertas e fechadas para conhecer a percepção dos discentes sobre a temática. A partir das respostas apontadas foi possível entender melhor o perfil dos estudantes.

O segundo encontro aconteceu com a pesquisa e círculo de estudos realizados pelos estudantes sobre os aspectos relacionados à temática na base de dados disponíveis sobre a

temática, orientada pela pesquisadora, com objetivo de oferecer ferramentas para os estudantes conhecerem a cultura afro-brasileira, e, assim, despertar o senso crítico acerca da temática. Neste encontro foi possível trabalhar conceitos sobre formação integrada, práxis, diversidade cultural, cultura, preconceito, racismo, cultura afro-brasileira, websites, dentre outros. No final do encontro, foram apresentados aos discentes exemplos de músicas, danças, pinturas, poesias, culinária e religiões afro-brasileiras que fariam parte do estudo na produção do site “Falas de um povo”. Aqui apresento o pensamento de Rego (1995):

[...] o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer um atuar do homem.” (REGO, 1995, p.98).

Os caminhos seguidos nesta fase consideraram que a formação integrada na Educação Profissional Tecnológica não considera o educando como uma caixa vazia que deve ser depositado o conhecimento, e sim um ser atuante no meio onde vive que interage com seu objeto de estudo. Ramos (2010) salienta que a integração pressupõe uma formação humana ligada ao desenvolvimento cultural e tecnológico aliados ao trabalho e ao ensino.

No terceiro encontro foi realizada uma roda de conversa com representantes da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente com o objetivo de promover o intercâmbio cultural entre os estudantes e os representantes da comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, conhecer os relatos de experiências.

Os participantes da pesquisa foram levados ao quilombo para conhecer a realidade dos moradores, seus desafios, lutas e conquistas. Os alunos orientados pela pesquisadora fizeram perguntas aos quilombolas, construíram um diálogo de interação, após a roda de conversa visitaram todas as moradias da ilha, e assim tiveram experiência com os moradores da comunidade. Vygotsky (1988), fundamentado nos princípios do materialismo dialético, destaca o desenvolvimento da complexa realidade humana como um estágio de apropriação da experiência histórica cultural. Com base nestes apontamentos entendemos que o homem é fruto de suas interações sociais, o mesmo transforma e é transformado nas relações produzidas no contexto de sua cultura.

O quarto encontro culminou com o ensaio fotográfico “Eu sou negro”, os alunos participantes foram convidados para o ensaio fotográfico, que aceitou participar assinou a autorização de uso de imagem, os participantes menores que assinou foram os responsáveis legais. Foi uma das etapas mais emocionantes deste estudo. Organizamos um espaço na sala

de arte com figurinos, maquiagens e adereços. As fotos e maquiagens foram feitas por participantes da pesquisa.

O ensaio foi feito em diversos espaços do campus. Participaram do ensaio 12 (doze) estudantes negros. Para eles, foi uma forma de fortalecer sua identidade e empoderar os estudantes negros do IFTO Araguaatins. Uma aluna chegou a falar: “Professora nunca tinha me sentido tão bela”.

As fotos foram impressas e fizeram parte da exposição “Falas de um povo: Gerlândio Moraes”. Nas palavras do fotógrafo, “A fotografia para mim é liberdade. É se ver através dos olhos de outra pessoa. É ter outra perspectiva. A fotografia tem poder suficiente para transformar sua mente e a sua vida”.

No quinto encontro foi realizada a oficina de desenho e de pintura afro-brasileira. Para esta intervenção, foram levados para sala de aula slides com artistas e obras de artes visuais afro-brasileiras e artistas brancos que abordaram a temática em suas produções. Os discentes conheceram obras que abordam a temática do negro no Brasil, em vários períodos da nossa história, dentre os artistas, destacamos Debret, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Heitor dos Prazeres, Mestre Didi, Aleijadinho, Rosana Paulino, Cândido Portinari. Os alunos conheceram o contexto histórico dos artistas e algumas produções.

Em seguida receberam material para desenho e pintura, tiveram a liberdade para escolher a técnica que iria escolher, alguns optaram por desenho, outros pinturas. Para ser concluída, esta etapa levou mais tempo, muitos se direcionaram para sala de arte no horário das 12h30min às 13h30min ou nos horários vagos para concluir seus trabalhos.

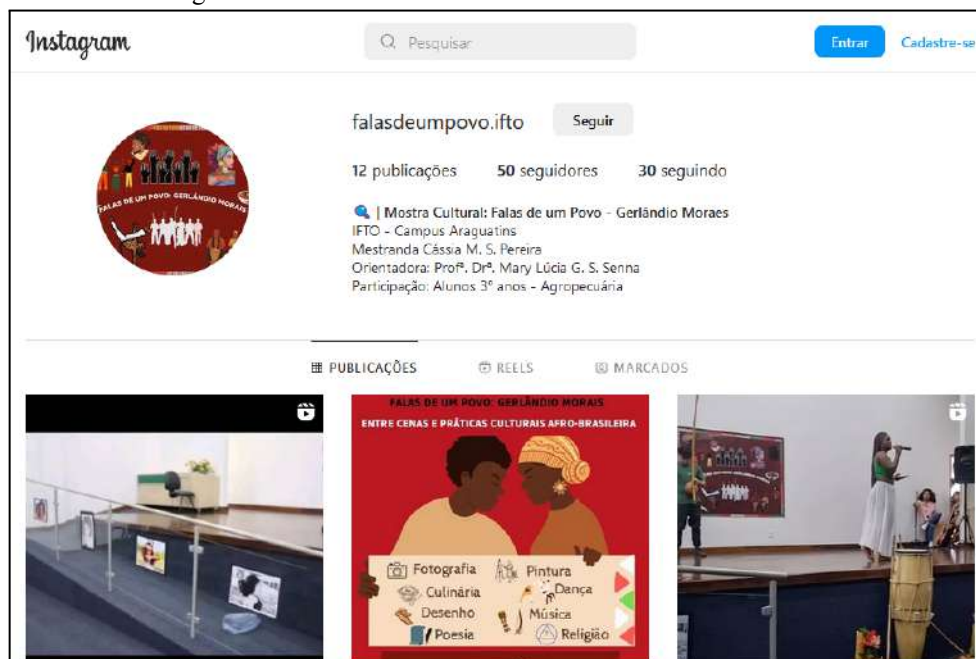
Podemos tomar como arte afro-brasileira as expressões artísticas culturais plástica ou visual que apresenta vertente que corrobora com o conhecimento e a religiosidades ancestrais tradicionais, assim como movimentos social e cultural do negro no Brasil, como proposto por Salum (2000). Embora a intenção não seja conceituar estas matrizes artísticas, e sim destacar a importância da mesma para formação integrada, é necessário conhecer este contexto para romper com esse passado preconceituoso que acompanha o negro até hoje. Ramos (2008, p. 3) apresenta os dois pilares conceituais de uma educação integrada: “[...] um tipo de escola que não seja dual, ao contrário, seja unitária, garantindo a todos o direito ao conhecimento; e uma educação politécnica, que possibilita o acesso à cultura, a ciência, ao trabalho, por meio de uma educação básica e profissional”.

O sexto encontro corrobora com mais uma atividade para o site “Falas de um povo”, onde apresentamos como organização e ensaios para apresentações musicais, dança e poesia. Esta iniciou com apresentação de vídeos que demonstravam a estética, produção e fruição

destas manifestações artísticas culturais afro-brasileira, após conhecer as características e importância de cada uma na realidade do povo brasileiro, formou-se grupos para montar as apresentações nas três linguagens estudadas. Foram escolhidas quatro músicas, uma poesia e três tipos de danças, dentre elas, capoeira, maracatu, maculelê e samba de roda. As danças foram apresentadas por um único grupo formado por cinco participantes da pesquisa. Os ensaios ocorreram no contraturno, horários vagos ou das 12h30min às 13h30min. Houve uma média de seis ensaios até chegar o dia da Mostra Cultural.

No sétimo e último encontro, ocorreu a culminância das atividades desenvolvidas nas etapas anteriores com a *Mostra Cultural Falas de um Povo: Gerlândio Moraes*. A mostra ocorreu no auditório Pioneiro. Os participantes formaram grupos com as seguintes equipes: música, dança, poesia, artes visuais, fotografia, culinária e religião. Todas as equipes contribuíram para organização do espaço, ficando na parte externa do auditório os stands da culinária, religião e a exposição de desenhos, pinturas e fotografia, enquanto as apresentações do desfile, poesia, música e danças aconteceram na parte interna do auditório. Os estudantes, junto com a pesquisadora, produziram e organizaram o material, o qual, ao final, também foi exposto no site e no perfil @falasdeumpovo.iftto, do Instagram.

Imagem 13 – Perfil do Instagram *Mostra Cultural Falas de um Povo: Gerlândio Moraes*.



Fonte: @falasdeumpovo.iftto, do Instagram (2023)

O evento reuniu alunos de várias turmas do Ensino Médio do Campus Araguatins e servidores. Podemos entender com este estudo que, quando criamos atividades inovadoras surgem as possibilidades para integração. Para romper com projeto excludente dominador

faz-se necessário criar propostas educacionais progressistas que primam por mudanças em prol de uma sociedade mais justa (FRIGOTTO, 2010). O proposto com aplicação deste PE comungou com abordagem teórica, o que pode ser percebido no questionário final, nos depoimentos dos estudantes participantes.

Apresentamos aqui um roteiro como foi desenvolvido as atividades para o site “Falas de um povo”. O PE, na íntegra, está disponível no Apêndice D desta dissertação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados e analisados, entendemos que o presente estudo pode proporcionar aos estudantes criarem um diálogo entre a teoria estudada e a prática desenvolvida nas bases para formação integrada. Foi possível criar no contexto escolar, meios para quebrar a resistência e dificuldade dos docentes em abordar temas como racismo, preconceito e bullying por questões raciais. Entendemos, portanto, ser possível desenvolver ações pedagógicas de implementação e valorização da cultura afro-brasileira, enquanto base de saber significativo para formulação de uma aprendizagem sólida buscando contribuir com movimentos socioeducacionais em favor da igualdade racial, via ação pedagógica intercultural, que auxiliem a concretização da legislação vigente de direitos humanos de afro-brasileiros.

As atividades da *Mostra Cultural Falas de um povo: Gerlândio Moraes*, desenvolvidas a partir de pesquisas, círculo de conversa, oficinas, ensaio fotográfico e roda de conversa com a comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, destacaram-se como eixo articulador para práticas com a arte e cultura afro-brasileira. O cenário criado pela articulação entre teoria e prática, ancorados nos fundamentos da formação integrada como a ciência, cultura, tecnologia, educação e trabalho, culminaram como positivo para formação dos estudantes, conforme considerações explicitadas pelos próprios participantes da pesquisa.

Buscamos definir conceitos que explicassem os significados importantes no contexto da pesquisa tais como, omnilateral, formação integrada, étnico-racial, arte e cultura afro-brasileira, racismo, preconceito, monocultural, pluricultural, etc. A partir destes conceitos os participantes da pesquisa puderam compreender o eixo central da pesquisa. Após identificar as palavras chaves buscamos teóricos para fundamentar a pesquisa e atividades práticas. O ensaio fotográfico *Eu sou negro*, possibilitou os participantes refletirem sobre o seu eu como negro e entender seu lugar de fala. O encontro dos alunos com a música afro-brasileira, as danças, culinária, poesia, pinturas, religiões, todas no contexto da cultura afro-brasileira, favoreceu múltiplos significados, pois, além de conhecer o contexto de cada uma, os estudantes participaram da prática com estas atividades.

A proposta consistiu em abordagens que favoreceram a contextualização, o apreciar e o fazer. Neste contexto, os participantes vivenciaram a estesia diante do que cada momento propiciou. Dessa maneira, o produto educacional desenvolvido a partir dessa pesquisa, criação do site *Fala de um povo*, foi ao encontro com as práticas desenvolvidas a partir da vivência com a cultura afro-brasileira, a educação étnico-racial e a busca por uma formação

integrada, possibilitando mudanças na maneira de ver a história de vida do povo negro na sociedade brasileira, sair de um estado de conformismo para um estado de reflexão.

Principalmente em relação à formação integrada à Educação Profissional e Tecnológica, que apresenta, em suas bases, o desejo para o processo educativo unitário abrangente e omnilateral do estudante, a proposta da pesquisa desenvolvida oferece muitos caminhos para esta tão sonhada formação, pois conhecer e valorizar as práticas culturais afro-brasileiras ofereceu caminhos para reflexão, onde foi possível conhecer dados apresentados por entidades que pesquisam a vida do negro no Brasil, culminando como um dos elementos do tripé da formação omnilateral: ciência, cultura e trabalho.

Em relação ao material produzido como fotografias, desenhos e pinturas que fizeram parte da exposição *Entre cenas e práticas culturais afro-brasileira*, buscamos implementar ações que pudessem fomentar debates em qualquer outro cenário fora da escola. Estão dispostos em arquivos e poderão ser utilizados como fonte de pesquisa. O perfil no Instagram *Falas de um povo: Gerlândio Moraes* e o site *Fala de um povo* discorrem sobre os passos deste estudo. Diante do exposto pelos estudantes, no questionário final, acreditamos ter alcançado os objetivos propostos neste estudo.

Como sugestão, e de certa forma uma recomendação, apontamos a necessidade de implementar políticas para Educação das Relações Étnico-Racial, pois sabemos que são muitos os marcos legais que implementam esta temática, mas a maioria não são de conhecimento de professores, gestores, alunos e comunidade em geral. Buscamos o lema “conhecer para respeitar”, que outras pesquisas neste viés possam ser desenvolvidas no âmbito da Educação Profissional Tecnológica.

Esperamos que a pesquisa desenvolvida possa fomentar novos estudos sobre a temática aqui abordada. Entendendo que fala de um povo representa milhares negros, espalhados pelo Brasil afora, com seu modo de vida, cultura, que muitas vezes foi e é discriminada, uma voz ecoa por justiça. Que o estudo possa favorecer reflexões sobre esta realidade. Não devemos apreciar as artes e culturas afro-brasileiras só nas festas escolares, que as temáticas relacionadas ao negro não estejam presentes só no dia da consciência negra, ou seja, só dia 20 de novembro. Que nos currículos sejam integrados conteúdos sobre esta temática e que na realidade sejam trabalhados em sala de aula. Nessa direção, a experiência vivida com este estudo foi compartilhada com o Campus Araguatins do Instituto Federal do Tocantins, através da *Mostra Cultural Falas de povo: Gerlândio Moraes*, no Instagram e no site *Falas de um povo*.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, R. Luís; SERRA, Elizabeth. O; MIRANDA, Osmilde A.. O que eu falo, o que eu faço, o que eu sou: colonialidade do saber, do poder e do ser como perspectiva analítica das questões étnico-raciais no Brasil. **VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 22-25 de agosto de 2017. Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/mesas/oqueeufulooqueeuafacooqueeusoucolonialidadedosaberdopoderedosercomoperspecti.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2021.
- ALMEIDA, Cristina de Sousa Fonseca. **Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente/Tocantins: história de lutas, conquistas e conflitos**. 2019. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/2534>. Acesso em 20 de jan. de 2023. 2019a
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018.
- _____. **Racismo Estrutural (Feminismos Plurais)**. Editora Jandaíra, 2019. Edição do Kindle. 2019b
- ALVES, F. C. Silva; LEITE, M. J. Santos. A história e cultura afro-brasileira nos livros didáticos de Arte e Língua Portuguesa/Literatura. **Educação em Debate**. Fortaleza, ano 40, nº 76 - maio/ago. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38480/3/2018_art_fcsalvesmjsleite.pdf. Acesso em 10 de jan. 2023.
- AMARAL, Assunção J. P. Remanescentes das comunidades de quilombos no interior da Amazônia – conflitos, formas de organização e políticas de direito à diferença. **Cadernos do CEOM** - Chapecó: Argos, 2009. p. 179 – 208. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/141603/mod_folder/content/0/Assun%C3%A7%C3%A3o%20Jos%C3%A9%20Pureza%20Amaral%20-%20Remanescentes%20das%20comunidades%20dos%20quilombos%20no%20interior%20da%20Amaz%C3%B4nia%20-%20conflitos,%20formas%20de%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20pol%C3%ADticas%20de%20direito%20%C3%A0%20diferen%C3%A7a.pdf. Acesso em 20 de jan. de 2023.
- _____. **Caminhos Negros e Afrodescendência na Amazônia**. In: CAMPEL, Marilu Campelo et. al. Entre os Rios e as Florestas da Amazônia: Perspectivas, Memórias e Narrativas de Negros em Movimento. Belém: UFPA, 2014. P. 81-106.
- ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, v. 52, n. 38, p. 61–80, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/viewFile/7956/5723> . Acesso em 28 de dezembro de 2022.
- ARAÚJO, Adilson Cesar; SILVA, Claudio Nei Nascimento da (orgs.). **Ensino Médio Integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília-DF: Ed. IFB, 2017. 5 69 p. Disponível em <http://ctur.ufrrj.br/wp-content/uploads/2021/04/ENSINO-MEDIO-INTEGRADO-NO-BRASIL-FUNDAMENTOS-PRATICAS-E-DESAFIOS.pdf>. Acesso em 09 de jan. 2023.
- ASSIS, V. REIS. **Equidade étnico-racial e de gênero: possíveis caminhos para o trabalho coletivo e uma educação afrocentrada**. Programa de Pós-Graduação em Educação e

Formação Humana - PPGE. Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020. Disponível em:
<file:///C:/Users/C%3%A1ssia/Downloads/EQUIDADE%20ETNICO-RACIAL%20E%20DIVERSIDADE%20GENERO%20%20POSSIVEIS%20CAMINHOS%20PARA%20O%20TRABALHO%20COLETIVO%20E%20UMA%20EDUCACAO%20AFROCENTRADA.pdf>. Acesso em 09 de jan. 2023.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Z. Escola, racismo e violência. In: **Projeto Gênero, Raça e Cidadania no Combate à Violência nas Escolas** – Caderno para Professores. NEIM/UFBA, 2005. p. 35-39.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Editora brasiliense, 2006.

BRASIL. Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 jun. 2021.

_____. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.. **Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Brasília, DF, Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 out. 2022.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília : MEC/SEF, 1998.

_____. Lei nº 10639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.. **Lei no 10.639, de 9 de Janeiro de 2003**. Brasília, DF, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 10 out. 2022.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF. outubro de 2004. Disponível em
https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

_____. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.. **Lei Nº 11.645, de 10 Março de 2008**. Brasília, DF, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 10 out. 2022.

_____. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. **Lei Nº 12.288, de 20 de Julho de 2010**. Brasília, DF, Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm. Acesso em: 10 out. 2022.

_____. **Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acessado em: 10 out. 2021.

_____. Ministério da Economia. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA. **Atlas da Violência**: 2020. Brasília-DF: Ipea, 2020. 96 p. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 10 out. 2022. 2020a.

_____. AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. (ed.). PNAD Educação 2019: mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 10 out. 2022. 2020b

BURDINO, L. Z.; POMMER, A. **Educação Profissional e Tecnológica**: relações étnico raciais em sala de aula. 2019. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/10048/8709>. Acesso em: 13 jul. 2021.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 28.

CHARLOT, Bernard. Trabalho e educação: abordagens antropológicas e sócio- históricas. In: CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber às práticas educativas [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. p. 83 a 105. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. 2005a.

_____. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Trabalho Necessário**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 1-20, mar. 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/2748240/Downloads/6122-Texto%20do%20Artigo-25556-1-10-20180610.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023. 2005b.

_____. O ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral. Por que lutamos? **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.23 n.1 p. 187-205, jan-abr 2014

CNE/CEB. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. **Resolução CNE/CEB N° 4, de 13 de Julho de 2010**. Brasília, DF, Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6704-rceb004-10-1&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 out. 2022.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. **Parecer CNE/CEB N° 16/2012**. Brasília,

DF, Disponível em:

http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

CNE/CP. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Parecer CNE/CP N.º 003/2004**. Brasília, DF, Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/cne_parecer_32004.pdf. Acesso em: 10 out. 2022. CNE/CP 2004a.

_____. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Resolução CNE/CP N.º 1, de 17 de Junho de 2004**. Brasília, DF, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022. CNE/CP 2004b.

COGO, Denise (org). RS Negro. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5463377-Revista-rs-negro-ler-refletir-debater-pesquisar-criar-recrutar.html>. Acessado em: 16 de jan. de 2023.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-Brasileira**. São Paulo, editora C / ARTE. 2007

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. Pluralidade cultural na sala de aula: da formação do Brasil à valorização das múltiplas culturas no contexto educacional. **Revista Educação Pública**, v. 20, n.º 43, 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/43/pluralidade-cultural-na-sala-de-aula-da-formacao-do-brasil-a-valorizacao-das-multiplas-culturas-no-contexto-educacional>. Acesso em 09 de jan. de 2023.

COSTA, Joaze B.; GROSFUGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, Volume 31, Número 1, Jan./Abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 04 nov.2021.

COSTA, D. P. Aires. Quilombo: luta e resistência dos negros/as na formação social do Brasil. **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**, 23-30 de julho de 2016. São Luís-MA. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467671170_ARQUIVO_artigoeng.pdf. Acessado em: 11 de jan. de 2023

CUNHA, José Auri. **Iniciação à Investigação Filosófica**. São Paulo: Atual, 1992.

CUSTÓDIO, M. Márcia; OLIVEIRA, B. L. Talita. Entre a legalidade e a legitimidade: os desafios e avanços do NEABI na implementação da temática étnico-racial no currículo. Montes Claros (MG), **Brasil Revista Ciranda**, v. 05, n.03, p. 217-231, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/C%C3%A1ssia/Downloads/ARTIGO+01+OK.pdf>. Acesso em: 15 de jan. de 2023

DEMO, Pedro; SILVA, A. Renan. **Protagonismo estudantil**. ORG & DEMO, Marília, v. 21, n. 1, p. 71-92, Jan./Jun., 2020. Disponível em: file:///C:/Users/C%C3%A1ssia/Downloads/Protagonismo_estudantil.pdf. Acessado em 09 de fev. de 2023.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIEESE. **A persistente desigualdade entre negros e não negros no mercado de trabalho**. Boletim Especial 20 de novembro Dia da Consciência Negra 18/11/2022. Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2022/boletimPopulacaoNegra2022.pdf>. Acesso em 20 de dez. 2022.

DUARTE, Angelina; SILVA, T. C. Ricardo. Análise dos projetos político-pedagógicos das escolas do município de Paranavaí-PR em relação ao cumprimento da Lei n.º 10.639/03. In: **EDUCERE XII Congresso Nacional de Educação**, 26, 2015. Anais [...]. PUCPR, 2015, p. 9700-9713. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20836_11366.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo** (Pesquisa) (p. 25). Autores Associados, 2018. Edição do Kindle.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Pedagogia social**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia negra: Biografias afro-brasileira**. 1. ed. 2021. Companhia das Letras. Edição do Kindle.

GOMES, F. Henrique; NOVO, F. Hildenise et al., organizadoras. **Informação e protagonismo social**. – Salvador: EDUFBA, 2017. 194 p. il. ISBN 978-85-232-1617-7. Disponível em: <file:///C:/Users/C%20C3%A1ssia/Downloads/informação-e-protagonismo-social-RI.pdf>. Acesso em: 20 de jan. de 2023.

A1ssia/Downloads/informação-e-protagonismo-social-RI.pdf. Acesso em: 20 de jan. de 2023.

GOMES, L. F. Eusébio: **Ser Pardo O limbo identitário-racial brasileiro e a reivindicação da identidade**. Vol 05, N. 01 - Jan. - Mar., 2019. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv> . Acessado em 14 de jan. de 2023.

GOMES, L. Nilma. **Relações Étnico-raciais, Educação e Descolonização dos Currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan./Abr. 2012. ISSN 1645-1384 (on-line). Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org . Acesso em: 05 ago. 2021.

GRABOWSKI, Gabriel: Os riscos de ser jovem e negro no Brasil. **Extra Classe** / Publicado em 05 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opinia0/2021/01/os-riscos-de-ser-jovem-e-negro-no-brasil/> . Acesso em 15 de jan. de 2023.

HAAS, Ingrid Freire. Realidade hegemônica e universalismo europeu: a colonialidade do poder. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS**, Porto Alegre, n. 37, p. 99-115, dez. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Araguatins**. 2021. Cidades e Estados. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguatins/panorama>. Acesso em: 10 jan. 2023.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Educação e educação musical: conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (Org.). **Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula**. São Paulo: Moderna, 2003

KRAUSS, S. Juliana; ROSA, C. Júlio. **A importância da temática de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas Antíteses**. vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 857-878. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em: 13 jul. 2021.

LABAN, Rudolf. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LEAL, J. M. Souza. **Discriminação e preconceito racial em ambiente escolar**. Universidade Federal do Paraná - Curitiba 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/52285>. Acessado em: 15 jan. de 2023

LUVIZOTTO, Caroline Kraus; FUSCO, Elvis; SCANAVACCA, Aline Cristina. Websites educacionais: considerações acerca da arquitetura da informação no processo de ensino-aprendizagem. **Educação em Revista**, Marília, v. 11, n.2, p. 23-40, Jul.-Dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2010.v11n2.2319>. Acesso em: 09 de jan. 2023.

MACIEL, A. L. Cosme: Educação integral e emancipação: limites e contradições das concepções libertária e marxista de formação humana. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 9, n. 2, jul./dez. 2016 Disponível em: <http://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/5895/3505>. Acesso em 20 de jan. de 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

_____. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. Atualização da edição João Bosco Medeiros - 9. ed. - São Paulo: Atlas, 2021.

MIELZYNSKA, G. Maria. **Arte Afro-Brasileira**. Claretiano. 2022. Disponível em: (<https://md.claretiano.edu.br/hisculafrrbraafrind-gs0014-fev-2022-gradead/>). Acessado em: 26 de jun. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.22, n. 37, p. 07-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em 04 de jan. 2023.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. A. F. **Aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: E.P.U. Ltda. 2. ed. São Paulo, 2011.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politécnica e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 20, n. 63, p. 1057-1080, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782015206313>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XBLGNcTcD9CvkMMxfq8NyQy/?lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2022.

MOURA, D. R.; CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO, L. Á. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. **Jornal de Pediatria**, 87 (1), 19-23, 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/jped/a/w76ybRKXK7TZw7GQ3vrwzxy/>. Acessado em: 11 de fev. de 2023.

NASCIMENTO, Heloisa Helena Fonseca de; SILVA, Celma Roca; SCALABRIN, Rosemeri. **Práticas Pedagógicas na Educação Profissional**: o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana no CRMB-IFPA. *Pesq. Prát. Educ.*, v. 1, p. 1-21, 2020. ISSN: 2675-5149.

ONU - Organização das Nações Unidas. **2015-2024: Década Internacional de Afrodescendente**. Rio de Janeiro: ONU, [S.d.]. 2015. Disponível em: <http://decada-afro-onu.org/>. Acesso em: 15 set. 2022.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afro ancestral e tradição oral: contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PORTAL CULTURA AFRO - BRASILEIRA (ed.). **Cultura Afro - Brasileira**. Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_I.php. Acesso em: 10 jan. 2023.

RAMOS, M. N. **Concepção do Ensino Médio Integrado**. Seminário Sobre Ensino Médio, Natal/Mossoró, 14 e 16 de agosto de 2007.

_____. **Concepção do ensino médio integrado**. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias 8 e 9 de maio de 2008. Disponível em: http://www.iiop.org.br/curriculo_integrado.pdf. Acesso em 28 de dez. 2022.

_____. Ensino Médio Integrado: Ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: MOLL, Jaqueline et.al. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995. (Educação e conhecimento).

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte-MG: Letramento, 2017.

_____. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2019.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3ª ed. Porto Alegre: Art Med, 2000.

_____. (Org.). O que significa o currículo? In: SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2012.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. Cem anos de arte afro-brasileira. In: AGUIAR, Nelson (Org.) **Mostra do Redescobrimento**: Arte afro-brasileira. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politécnica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989. Disponível em: <https://portaltrabalho.files.wordpress.com/2015/03/sobre-a-concepcao-de-politecnia.pdf>. Acesso em: 06 de jan. 2023.

_____. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, Ana Lúcia da. **Ensino de História da África e cultura afro-brasileira**: estudos culturais e sambas-enredo. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2019.

SILVA, André Luiz. **A arte afro-brasileira no ensino de artes visuais, como veículo cultural e resgate da identidade**: especialização em ensino de artes visuais. 2011. 45 p. Disponível em:

https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOSmAU2EXB/1/monografia_andr_luiz_da_silva.pdf. Acessado em: 06 de jan. 2023.

SOUZA, M. A. Interdisciplinaridade: as disciplinas e a interdisciplinaridade brasileira. In: FAZENDA, I. C. A. (org.). **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008.

TAVARES, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

TOCANTINS. Instituto de Desenvolvimento do Tocantins - RURALTINS. **Carta de serviço aos usuários**: Instituto de Desenvolvimento do Tocantins 2019. RURALTINS, 2019. Disponível em: <https://central.to.gov.br/download/82754>. Acesso em 25 de jan. de 2023.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2007

VERDERI, E. B. **Dança na escola: uma abordagem pedagógica**. São Paulo: Phorte, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 1ª ed. Brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **A formação social da mente**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA
PESQUISA SOBRE ANÁLISE DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS – IFTO CAMPUS PALMAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA – ProfEPT**

**FALAS DE UM POVO: PRÁXIS DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA
AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**

1. De acordo com a classificação do IBGE, como você se define:
() Pardo(a). () Preto(a). () Branco(a).
2. Em sua percepção, por que você se define assim?
3. Você sabe o que são relações étnico-raciais?
4. Já presenciou algum ato racista? Se sim, qual foi o seu sentimento sobre o ocorrido?
5. Em sua opinião, qual o efeito do racismo e qual a sua relação com a escravidão?
6. Você sabe o que é cultura afro-brasileira?
7. A temática étnico-racial é abordada no curso que você escolheu fazer?
8. Se sim, de que forma você percebeu esse trabalho? Se não, por que você acha que não é abordado?
9. Você já sofreu preconceito por questões étnico-raciais? Se sim, poderia descrever a situação?
10. Em sua opinião, como a sociedade vê o jovem negro no Brasil?
11. E os professores, como veem o jovem negro na instituição de ensino que você estuda?
12. Em sua opinião, quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelos jovens negros dentro e fora da escola?
13. Você já ouviu falar sobre a cultura afro-brasileira em sala de aula?
14. Você se identifica com alguma das manifestações culturais afro-brasileira? Qual (is)?
15. Os livros didáticos que você usa têm conteúdos que abordam a cultura afro-brasileira?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA RODA DE CONVERSA COM A
COMUNIDADE QUILOMBOLA



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS – IFTO CAMPUS PALMAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA – ProfEPT**

**FALAS DE UM POVO: PRÁXIS DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA
AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**

1. Como é chamada a comunidade quilombola em que vocês vivem? Desde quando reside nessa comunidade?
2. Quais são os desafios e as dificuldades enfrentadas por vocês na atualidade?
3. Existem escolas destinadas exclusivamente à população quilombola nesta região? Qual o nome e a localidade?
4. Nas escolas do município, quais atendem o maior número de alunos da comunidade quilombola?
5. Você sabe informar se algum tema relacionado aos quilombolas, sua cultura e seus costumes são trabalhados na escola? (Se sim, quais?)
6. Tem alguma informação sobre o assunto abordado na questão anterior que você gostaria de relatar?
7. A comunidade recebe algum auxílio do governo para implementar ações voltadas para melhoria da educação, saúde, moradia e saneamento ?

**APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA
PESQUISA SOBRE APRENDIZAGEM APÓS APLICAÇÃO DO PRODUTO
EDUCACIONAL**



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS – IFTO CAMPUS PALMAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA – ProfEPT**

**FALAS DE UM POVO: PRÁXIS DA VALORIZAÇÃO DA CULTURA
AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**

1. Em geral, quão satisfeito você ficou com a participação no projeto FALAS DE UM POVO?
☐ () Muito insatisfeito.
☐ () Insatisfeito.
☐ () Neutro.
☐ () Satisfeito.
☐ () Muito satisfeito.
2. Em sua opinião, as atividades desenvolvidas cumpriram com os objetivos traçados?
☐ () Discordo totalmente.
☐ () Discordo parcialmente.
☐ () Nem concordo, nem discordo.
☐ () Concordo parcialmente.
☐ () Concordo totalmente.
3. As ações fomentadas contribuíram para a sua formação? Justifique.
4. Você concorda que mais ações nesse sentido sejam executadas? Por quê?
5. As atividades executadas contribuíram para alguma mudança de atitude com relação à cultura afro-brasileira?
6. O projeto ajudou você a obter novos aprendizados ou conhecimentos?
☐ () Discordo totalmente, pois não aprendi nada.
☐ () Discordo parcialmente.
☐ () Nem concordo, nem discordo.
☐ () Concordo parcialmente.

() Concordo totalmente, pois houve aprendizados significativos.

7. Houve dificuldades enfrentadas por você durante a pesquisa e aplicação do produto?

() Discordo totalmente, pois não houve dificuldades.

() Discordo parcialmente.

() Nem concordo, nem discordo.

() Concordo parcialmente.

() Concordo totalmente, pois houve várias dificuldades.

8. Você tem outros comentários sobre a pesquisa e a aplicação do produto?

APÊNDICE D – PRODUTO EDUCACIONAL

PRODUZIDO POR: CÁSSIA MARIA DE SOUSA PEREIRA
ORIENTADORA: PROF^ª. DR^ª. MARY LÚCIA GOMES SILVEIRA DE SENNA
COORDINADORA: PROF^ª. DR^ª KHELLEN CRISTINA PIRES CORREIA

PRODUTO EDUCACIONAL





PRODUZIDO POR: CÁSSIA MARIA DE SOUSA PEREIRA
ORIENTADORA: PROF^ª. DR^ª. MARY LÚCIA GOMES SILVEIRA DE SENNA
COORDINADORA: PROF^ª. DR^ª KHELLEN CRISTINA PIRES CORREIA

PRODUTO EDUCACIONAL

FALAS DE UM POVO: PRÁXIS DA VALORIZAÇÃO DA
CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL TECNOLÓGICA.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

P436p Pereira, Cássia Maria de Sousa
 Produto Educacional Falas de um Povo : práxis da valorização da
 cultura afro-brasileira na Educação Profissional e Tecnológica /
 Cássia Maria de Sousa Pereira. – Palmas, TO, 2023.
 34 p. : il. color.

 Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e
 Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
 do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2023.

 Orientadora: Dra. Mary Lúcia Gomes Silveira de Senna
 Coorientadora: Dra. Khellen Cristina Pires Correia

 1. Cultura afro-brasileira. 2. Educação intercultural. 3. Currículo
 integrado. I. Senna, Mary Lúcia Gomes Silveira de. II. Correia,
 Khellen Cristina Pires. III. Título.

ISBN 978-65-00-66476-8

CDD 370

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AUTORES



CÁSSIA MARIA DE SOUSA PEREIRA

Professora efetiva de Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), Campus Araguatins, Licenciatura em Artes Visuais pela Claretiano - Centro Universitário, em Pedagogia pela FEST - Faculdade de Educação Santa Terezinha. Possui Pós Graduação Lato Sensu em Ensino de Arte pela Faculdade União Cultural do Estado de São Paulo (UCESP) e mestrando do Mestrado Profissional em Educação Profissional Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), à frente do desenvolvimento do projeto de pesquisa Falas de um povo: a formação omnilateral do ensino médio Integrado em Araguatins sob o olhar da práxis. E-mail: cassia.pereira@ifto.edu.br



MARY LÚCIA GOMES SILVEIRA DE SENNA

Professora efetiva de Pedagogia do Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Tocantins (IFTO), Campus Palmas. Doutora em Ciência pela Universidade de São Paulo (USP) . Professora do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, Campus Palmas. Email: marysenna@ifto.edu.br



KHELLEN CRISTINA PIRES CORREIA

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Doutora em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brazil (2017)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
--------------------	----

01

INTRODUÇÃO	08
------------------	----

02

FALAS DE UM POVO- PRODUTO EDUCACIONAL.....	10
2.1 -Apresentação da proposta.....	10
2.2-Circulo de estudos sobre a cultura afro-brasileira.....	12
2.3-Roda de conversa - Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente...	14
2.4-Ensaio fotográfico – Eu sou negro.....	16
2.5-Oficina de desenho e pintura afro-brasileira.....	18
2.6-Ensaio – dança, música e poesia afro-brasileira.....	21
2.7-Mostra Cultural Falas de um povo: Gerlândio Moraes.....	24

03

INSPIRE-SE.....	27
3.1-Vídeos.....	28
3.2-Instagran.....	29
3.3-Trabalhos do ProfEPT.....	30

04

OLHAR DA PESQUISADORA.....	32
----------------------------	----

05

LEIA MAIS.....	33
----------------	----

APRESENTAÇÃO

O Produto Educacional aqui apresentado é um site educacional nominado Falas de um povo, disponível no endereço eletrônico <https://www.falasdeumpovo.site/>, com o objetivo de proporcionar, aos visitantes, elementos significativos para o ensino e aprendizagem da cultura afro-brasileira no contexto da formação integrada, relacionando teoria, prática e reflexão.

O website foi criado com o intuito de publicar as ações e o material produzido pela pesquisadora e pelos participantes da pesquisa "Falas de um povo: a formação omnilateral no Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio em Araguatins sob o olhar da práxis da valorização da cultura afro-brasileira". A pesquisa foi desenvolvida com trinta e cinco alunos da 3ª série do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, do IFTO - Campus Araguatins, e seis representantes da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente.



O site é direcionado para professores de diversas áreas de conhecimento e para estudantes que tenham interesse em conhecer as vertentes da cultura afro-brasileira. Essa ferramenta traz estratégias e técnicas para trabalhar a temática de forma dinâmica e reflexiva promovendo um debate crítico sobre os afro-brasileiros e suas manifestações artísticas culturais, corroborando para o combate ao racismo e preconceito.

Para materializar esse Produto Educacional, foram realizados sete encontros, expostos da seguinte forma: apresentação da proposta; círculo de estudos; roda de conversa com representantes da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente; ensaio fotográfico "Eu sou negro"; apresentação de vídeos com danças afro-brasileiras; ensaio de poesias, músicas e danças afro-brasileiras; oficina de pintura e desenhos e "Mostra cultural falas de um povo: Gerlândio Moraes". Conforme o conteúdo trabalhado em cada encontro foi criado plano de aula que servirá de apoio para aqueles que tiverem interesse em trabalhar a temática em sala de aula. Os visitantes do site poderão encontrar ainda fotos, vídeos, sugestões de leituras e o link do perfil do Instagram da pesquisa, que traz uma parte do material produzido durante o estudo.



Fonte: OLIVEIRA, L. João e FEITOSA, Samuel, 2022.

1-INTRODUÇÃO

O Produto Educacional, elaborado a partir da pesquisa, que foi estruturado através do site "Fala de um povo", corrobora com as exigências de um mundo cada vez mais globalizado e diversificado, onde percebemos a necessidade do uso das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), com o intuito de promover transformações na interação entre professores e estudantes. Partindo deste princípio, a função das instituições educacionais foi transformada, pois, os espaços que favorecem a construção de conhecimentos, emanam de novas metodologias de aprendizagens, trazendo ao ambiente escolar uma nova forma de comunicação com o ser e seu meio. Para Luvizotto, Fusco e Scanavacca (2010), o site proporciona meios para produção e divulgação de conteúdos educativos, de forma interativa e diversificada, contribuindo com o desenvolvimento do estudante. Assim, criamos o site "Falas de um povo", o qual traz diretrizes para implementar o estudo da cultura afro-brasileira numa perspectiva da formação integrada.

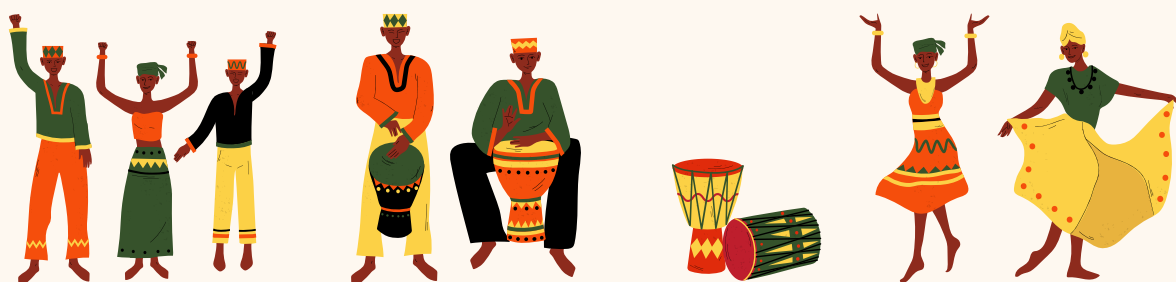


Fonte: OLIVEIRA, L. João e FEITOSA, Samuel, 2022.

Compreendendo que a função principal deste estudo pressupõe criar um Produto Educacional que venha colaborar com práticas pedagógicas nos diversos níveis e modalidades de ensino, em especial no ensino técnico integrado ao ensino médio, da Rede de Educação Profissional Tecnológica, criamos o site "Falas de um povo", produto da pesquisa, desenvolvida com os alunos das 3ª séries do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal do Tocantins, do Campus Araguatins.

Entendemos que o website pode possibilitar subsídios para professores trabalharem em sala de aula, a temática em estudo, e que a mesma possibilita o processo de aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de competências e habilidades para os alunos. Conforme Luvizotto, Fusco e Scanavacca (2010), usar o site como recurso no processo de ensino aprendizagem contribui para melhoria da qualidade do ensino trazendo inúmeros benefícios. Nesta dimensão, buscamos trabalhar a cultura afro-brasileira e suas vertentes na luta pelo combate ao racismo e ao preconceito, numa perspectiva de alcançar a formação integrada.

Conforme Ciavatta (2008), a escola deve ser um espaço de integração social, um lugar de criação de memórias, resgate de identidades e um lugar de contextualização do passado com o presente. Essa escola deve proporcionar debates coletivos motivando o aluno a entender a história do passado e criar e sua própria história. Aplicar este Produto Educacional se alicerça no exposto pela autora e no fato de que a maioria dos estudantes desconhecem as vertentes da cultura afro-brasileira no sentido atribuído pelo povo negro, permanecendo a visão da elite branca, dessa forma muitos elementos dessa cultura são distorcidos contribuindo para a existência de práticas preconceituosas. Para compreendermos a cultura afro-brasileira e seus significados, precisamos voltar ao passado, conhecer suas origens e comprovar que sua essência mantém viva as lutas, as esperanças e os sonhos do povo negro. As ações desenvolvidas neste estudo representam a voz do povo negro. Conheça cada etapa navegando pelo site "Falas de um povo".



2-FALAS DE UM POVO- PRODUTO EDUCACIONAL

2.1-APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

No primeiro encontro, apresentou-se a proposta para os participantes. O intuito do encontro era, acima de tudo, estreitar laços e aproximar a pesquisadora dos estudantes, além de apresentar os objetivos da pesquisa, cronograma de realização das atividades, bem como, fornecer os amparos legais para a realização da pesquisa.

Como foi escolhida a tipologia de pesquisa da observação participantes, que segundo Lakatos (2001) a observação participante, se dá com a participação do pesquisador em seu campo de pesquisa, ou seja, o pesquisador vivencia seu objeto de estudo para coletar dados, houve a necessidade desse encontro para que os estudantes participantes entendessem o processo e pudessem auxiliar a pesquisadora no desenvolvimento do mesmo. Assim, o primeiro contato, os participantes puderam externar suas dúvidas e anseios. E, para tal, a pesquisadora apresentou a pesquisa aos participantes, instigando-os a analisar cada palavra contida no título da pesquisa, visando com isso o início das discussões acerca da temática.

Ao término do encontro, foi disponibilizado aos participantes um formulário com questões abertas e fechadas para conhecer a percepção dos discentes sobre a temática, isto é, conhecer a análise dos conhecimentos prévios que os alunos traziam consigo relacionados à abordagem da pesquisa. A partir das respostas apontadas foi possível entender melhor o perfil dos estudantes e elaborar ações significativas para o próximo encontro.



PLANO DE AULA

OBJETIVO

Propiciar aos participantes da pesquisa conhecimentos acerca da proposta, objetivos, cronogramas e etapas.

CONTEÚDO

Apresentação da proposta, objetivo geral, etapas e cronograma. Discussão sobre os conceitos relacionados ao título da pesquisa. O que vocês entendem sobre a cultura afro-brasileira? Conhecem Leis que implementam o ensino da temática em sala de aula? Sabem o que é formação integrada?

RECURSO

Notebook. Apresentação em slides. Formulário. Plataforma Classrom.

ESTRATÉGIAS

Aula expositiva e dialogada, buscando debater sobre a temática e entender a percepção dos participantes sobre a temática.

AVALIAÇÃO

Formativa: diagnostica e participativa.

DURAÇÃO

50 minutos.

SUGESTÃO DE LEITURA

COGO, Denise (org). RS Negro. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5463377-Revista-rs-negro-ler-refletir-debater-pesquisar-criar-recrutar.html>.

2.2-CÍRCULO DE ESTUDOS SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

O segundo encontro aconteceu com o círculo de estudos sobre os aspectos relacionados à temática. Objetivou-se oferecer ferramentas para os estudantes conhecerem a cultura afro-brasileira, e, assim, despertar o senso crítico acerca da temática. Os alunos conheceram os marcos legais que implementam a temática: artigos da Constituição Federal de 1988, Lei nº 10.639/2003, LDB 9394/96. Foi apresentado um quadro com algumas leis. Nesse encontro foi possível aprofundar os conceitos sobre formação integrada, práxis, diversidade cultural, cultura, preconceito, racismo, cultura afro-brasileira. O círculo de estudos ocorreu em torno dos artigos das leis e significados das palavras apresentadas. No final do encontro foram apresentados aos discentes exemplos de músicas, danças, pinturas, poesias, culinária e religiões afro-brasileiras que fariam parte do estudo na produção do site "Fala de um povo".

Quadro 1. Síntese Marcos legais

Constituição Federal de 1988	(BRASIL,1988, art.205) " A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovido e incentivado com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.
Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003	(BRASIL, 2003, Parágrafo 2º) "Os conteúdos referentes à História e Cultura afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira".
Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96	(BRASIL, 2008, Art. 1º). O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.
Estatuto da Igualdade racial Lei Nº 12.288/2010	(BRASIL, 2010, Art.1º) "[...] destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos éticos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e as demais formas de intolerância étnica.

PLANO DE AULA

OBJETIVO

Oferecer ferramentas para os estudantes conhecerem a cultura afro-brasileira, e, assim, despertar o senso crítico acerca da temática.

CONTEÚDO

Leis que implementam o ensino da temática em sala de aula. Arte e cultura afro- brasileira. Atristas da cultura afro-brasileira

RECURSO

Notebook, caixa de som, slides. Leis.

ESTRATÉGIAS

Aula expositiva e dialogada, roda de conversa. Após o círculo de conversa foram apresentadas músicas, imagens e danças afro-brasileiras.

AVALIAÇÃO

Formativa: diagnóstica e participativa

DURAÇÃO

50 minutos.

SUGESTÃO DE LEITURA

LEAL, J. M. Souza. **Discriminação e preconceito racial em ambiente escolar**. Universidade Federal do Paraná - Curitiba 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/52285>.

SILVA, Ana Lúcia da. **Ensino de História da África e cultura afro-brasileira: estudos culturais e sambas-enredo**. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2019.

2.3-RODA DE CONVERSA - COMUNIDADE QUILOMBOLA ILHA DE SÃO VICENTE

No terceiro encontro foi realizado uma roda de conversa com representantes da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente. Os participantes da pesquisa foram levados ao quilombo para conhecer a realidade dos moradores, seus desafios, lutas e conquistas. Foram elaboradas sete questões, revisadas em sala de aula com os estudantes participantes da pesquisa antes da ida ao quilombo.

Para chegar até a Ilha utilizamos dois barcos. Chegando à comunidade, os estudantes foram apresentados aos remanescentes quilombolas e nos reunimos na residência de um dos moradores. A pesquisadora apresentou o título da pesquisa e falou da importância, da validade e legalidade do estudo.

Vale destacar que os participantes assinaram antecipadamente os termos: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a declaração de uso de voz e imagem. Os estudantes iniciaram as perguntas aos representantes quilombolas, ficando um aluno responsável pela gravação e registro fotográfico, e demais alunos participando ativamente da roda de conversa com os representantes da comunidade, que por sua vez, iam respondendo de acordo com o tema tratado em cada pergunta.



Para refletir

"A redescoberta e a ressignificação do quilombo tem um papel preponderante para essa nova história, tornando-se um símbolo de luta para o povo negro, uma inspiração e principalmente um elemento de identidade desse povo que possui raízes tão fortes na formação social brasileira".(COSTA, 2016, p.2)

PLANO DE AULA

OBJETIVO

Promover o intercâmbio cultural entre os estudantes e os representantes da comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, bem como, conhecer os relatos de experiências, lutas e conquistas.

CONTEÚDO

Origem, história da comunidade; Como funciona a educação escolar na comunidade; Os desafios, anseios, políticas sociais e públicas na comunidade quilombola Ilha de São Vicente.

RECURSO

Roteiro para entrevista, câmera fotográfica, celular, papel A4, canetas.

ESTRATÉGIAS

Roda de conversa com entrevista semiestruturada; Gravação da entrevista; Visita às residências da comunidade.

AVALIAÇÃO

Formativa: diagnóstica e participativa.

DURAÇÃO

3 horas.

SUGESTÃO DE LEITURA

COSTA, D. P. Aires: **Quilombo: luta e resistencia dos negros/as na formação social do Brasil**. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 23-30 de julho de 2016. São Luís / MA. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467671170_ARQUIVO_artigoeng.pdf.

2.4-ENSAIO FOTOGRÁFICO - EU SOU NEGRO

O quarto encontro foi destinado ao ensaio fotográfico “Eu sou negro”. Para esta ação formou-se uma equipe com fotógrafo, maquiadora, responsáveis pelos figurinos, adereços e uma equipe para fazer uma lista com os nomes dos alunos que queriam participar do ensaio. Os ensaios ocorreram em três dias, sendo dois dias no horário do almoço dos estudantes e o último dia no contraturno, horário este que os alunos estavam sem aula. A sala de Artes funcionou como um atelier, onde os alunos se reuniam para maquiar, escolher os figurinos e se prepararem de forma geral.

Nessa etapa não trabalhamos conceitos de fotografia, pois a intenção era oferecer um espaço de voz para o povo negro e quebrar barreiras preconceituosas. E, para fazer o registro, escolhemos dois alunos participantes da pesquisa que tinham habilidade com a arte da fotografia. Ela aconteceu em diversos espaços do campus com a participação de doze estudantes negros, o que para eles foi uma forma de fortalecer sua identidade e empoderar os estudantes negros do IFTO Araguatins. As fotos foram impressas posteriormente para a exposição na “Mostra Cultural Falas de um povo: Gerlândio Moraes”, que foi uma etapa desta pesquisa. Foi uma ação emocionante, tanto para os participantes quanto para a pesquisadora, como pode ser percebido em alguns depoimentos de participantes, aqui identificados por E1, E2, E3 para preservar a identidade dos mesmos: E1: “Professora, nunca tinha me sentindo tão bonita”. E2: “Posso usar minha roupa da night, ela diz muito sobre minha identidade”. E3: “A fotografia para mim é liberdade, identidade. É se enxergar através dos olhos de outra pessoa”.



Fonte: OLIVEIRA, L. João e FEITOSA, Samuel, 2022.



Fonte: OLIVEIRA, L. João e FEITOSA, Samuel, 2022.

PLANO DE AULA

OBJETIVO

Demonstrar a força e o empoderamento de homens e mulheres negras do IFTO Araguatins.

CONTEÚDO

Conceitos da cultura afro, tais como: empoderar; lugar de fala; racismo, beleza.

RECURSO

Câmera fotográfica, maquiagem para pele negra, figurino e adereços.

ESTRATÉGIAS

Para essa ação trabalhamos em sala de aula com um debate. Em seguida foi feito convite aos estudantes, formou-se equipes onde foram divididas as tarefas e organização do material que seria utilizado.

AVALIAÇÃO

Formativa: diagnóstica e participativa.

DURAÇÃO

3 horas.

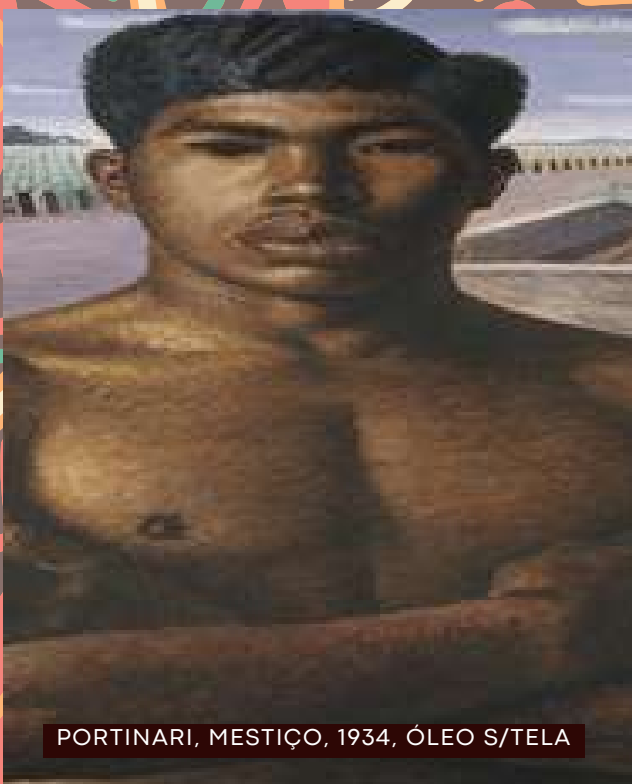
SUGESTÃO DE LEITURA

RIBEIRO, Djamila: **Pequeno manual antirracista** - 1 ed. - São Paulo; Companhia das Letras, 2019.

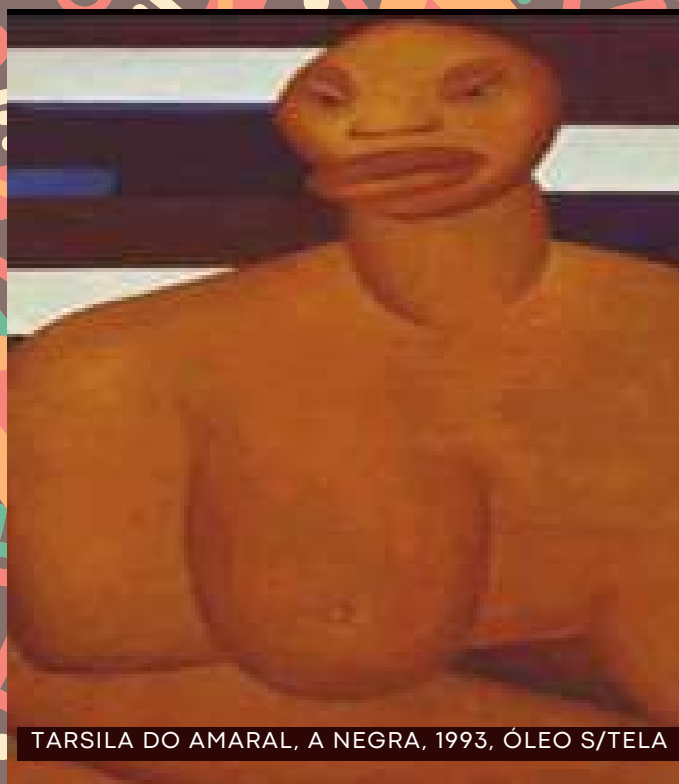
RIBEIRO, Djamila: **O que é: lugar de fala?** - Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

2.5- OFICINA DE DESENHO E PINTURA AFRO-BRASILEIRA

O quinto encontro ocorreu com a oficina de desenho e pintura afro-brasileira. Para essa intervenção foram levados para sala de aula slides com artistas e obras de artes visuais afro-brasileiras e artistas brancos que abordaram a temática em suas produções. Os discentes conheceram obras que abordam a temática do negro no Brasil em vários períodos da nossa história, e dentre os artistas destacamos: Debret, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Heitor dos Prazeres, Mestre Didi, Aleijadinho, Rosana Paulino e Cândido Portinari. Abaixo algumas das obras trabalhadas.



PORTINARI, MESTIÇO, 1934, ÓLEO S/TELA



TARSILA DO AMARAL, A NEGRA, 1933, ÓLEO S/TELA

Os estudantes conheceram a contexto histórico dos artistas e algumas produções dos mesmos. Em seguida, receberam material para desenho e pintura e tiveram a liberdade para escolher a técnica que iriam utilizar: onde alguns optaram por desenho e outros pinturas. Levou-se mais tempo para ser concluída esta etapa, pois muitos se direcionavam para sala de arte no horário do intervalo de almoço ou nos horários vagos para concluírem seus trabalhos. O resultado é mostrado abaixo.



PLANO DE AULA

OBJETIVO

Proporcionar meios que despertem o interesse dos estudantes sobre a arte visual afro-brasileira, quebrando tabus e fortalecendo a diversidade, além de despertar jovens talentos para as artes.

CONTEÚDO

Arte visual afro-brasileira; Desenho; Pintura.

RECURSO

Notebook, slides com imagens de obras de Arte que aborda a vida do negro Brasil, telas para pintura, papel para desenho, pinceis, tintas, verniz, lápis para desenho.

ESTRATÉGIAS

Aula explicativa e expositiva; Leitura e releitura de imagens.

AVALIAÇÃO

Formativa: diagnóstica e participativa

DURAÇÃO

3 horas, parte teórica em sala e a prática no contraturno.

SUGESTÃO DE LEITURA

MIELZYNSKA, G. Maria. **Arte Afro-Brasileira**. Claretiano. 2022. Disponível em: (<https://md.claretiano.edu.br/hisculafrbraafrind-gs0014-fev-2022-gradead/>). Acessado em: 26 de jun. 2022.

SILVA, André Luiz. **A arte afro-brasileira no ensino de artes visuais, como veículo cultural e resgate da identidade: especialização em ensino de artes visuais**. 2011. 45 p. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOSmAU2EXB/1/monografia_andr_luiz_da_silva.pdf. Acessado em: 06 de jan. 2023.

2.6- ORGANIZAÇÃO E ENSAIOS – DANÇA, MÚSICA E POESIA AFRO-BRASILEIRA

O sexto encontro apresentamos como organização e ensaios para apresentações artísticas e culturais nas diferentes linguagens (música, dança e poesia) que ocorreram na Mostra Cultural Falas de um povo: Gerlândio Morais. O primeiro momento desta etapa ocorreu em sala de aula com apresentação de vídeos que demonstram a estética, produção e fruição destas linguagens na vertente afro-brasileira. Após conhecer as características e importância de cada uma na realidade do povo brasileiro, formaram-se grupos para montar as apresentações nas três linguagens estudadas. Para tal foram escolhidas quatro músicas, uma poesia e quatro tipos de danças, dentre elas: capoeira, maracatu, maculelê e samba de roda. As danças foram apresentadas por um único grupo, formado por cinco participantes da pesquisa. Por sua vez, a poesia foi apresentada por uma dupla, tendo a plateia como coro. Os ensaios ocorriam no contraturno, nos horários vagos ou das 12h30min às 13h30min, sendo que ocorreram uma média de seis ensaios até chegar o dia da Mostra Cultural. Esta etapa consta como uma preparação para próxima e última etapa.



Fonte: OLIVEIRA, L. João, 2022.



Fonte: OLIVEIRA, L. João, 2022.

PLANO DE AULA

OBJETIVO

Conhecer, apreciar e apresentar poesias que exaltam a população negra, romper com o preconceito; Apreciar a beleza das danças e das músicas afro-brasileiras, compreender seu valor para a formação da cultura brasileira.

CONTEÚDO

Música, dança e poesia afro-brasileira

RECURSO

Notebook, caixa de som, vídeos, internet.

ESTRATÉGIAS

Aula expositiva em sala de aula com apresentação e apreciação dos vídeos, discussão sobre a temática e ensaios no contraturno, horários vagos e horário de almoço.

AVALIAÇÃO

Formativa: diagnóstica e participativa

DURAÇÃO

Em sala 1 hora. Para os ensaios não possível calcular, aconteceram em vários momentos.

SUGESTÃO DE LEITURA

COGO, Denise (org). RS Negro. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5463377-Revista-rs-negro-ler-refletir-debater-pesquisar-criar-recrutar.html>; Cultura Afro – Brasileira. Portal da Cultura Afro-brasileira: Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_1.php

LINKS PARA ACESSAR OS VÍDEOS



Samba de Roda - Espetáculo Ayeye (Um Quê de Negritude)

Samba de roda

<https://www.youtube.com/watch?v=w9ucBmUrbol;>



Maracatu Nação Pernambuco - Ganga Zumba

Maracatu

<https://www.youtube.com/watch?v=-zphtZzsSI4>



Capoeira Brasil RODA | Mindinho & Valente

Capoeira

https://www.youtube.com/watch?v=NyY_awQz8Z4



Maculelê - Espetáculo Ayeye (Nova Era)

Maculelê

https://www.youtube.com/watch?v=Hvs2Tf_aH1o

2.7- MOSTRA CULTURAL FALAS DE UM POVO: GERLÂNDIO MORAIS

O sétimo e último encontro ocorreu com a “Mostra Cultural Falas de um povo: Gerlândio Moraes”. Esta etapa é fruto de todas as ações desenvolvidas antes, tanto na questão teórica como prática. Aqui os alunos, junto com a pesquisadora e orientadora da pesquisa, organizaram a mostra e a mesma aconteceu no auditório Pioneiro do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) Campus Araguatins. Ela foi dividida em dois momentos: o primeiro aconteceu no rol do auditório, com a exposição “Entre cenas e práticas culturais afro-brasileiras”. Neste espaço os visitantes puderam apreciar pinturas, desenhos, fotografias, culinária. Para ilustrar este momento apresentamos algumas imagens a seguir:



O segundo momento da Mostra Cultural aconteceu na parte interna do auditório, com apresentação do desfile “Vozes negras: um grito de resistência”. Em seguida a participante AN declamou o poema “Gritaram-me negra”, de Victoria Santa Cruz ao som do berimbau tocado pelo estudante GA. Prosseguindo, tivemos duas apresentações musicais: a estudante HR cantou duas músicas “Guerreiras Quilombolas” – de Célia Sampaio, e “Cota não é esmola”, de Bia Ferreira. Já a participante JM, cantou “Shimbalaiê”, de Maria Gadu e “Iemanjá”, da dupla Rosa Amarela. Para finalizar tivemos apresentação do grupo de dança formado por cinco alunos, sendo que a dança teve oito minutos de duração onde os participantes dançaram samba de roda, capoeira, maculelê, maracatu e axé.



Fonte: FEITOSA, Samuel, 2022.



Fonte: FEITOSA, Samuel, 2022.



Fonte: FEITOSA, Samuel, 2022.



Fonte: FEITOSA, Samuel, 2022.

PLANO DE AULA

OBJETIVO

Contribuir com o senso crítico do estudante por meio por meio processo de criação e fruição a respeito da arte e cultura afro-brasileira, proporcionando uma formação reflexiva.

CONTEÚDO

Arte e cultura afro-brasileira: música, dança, poesia, pintura, desenho, culinária e fotografia.

RECURSO

Caixa de som, máquina fotográfica, microfone, painel para exposição, mesas, cadeiras, tecidos, telas, papel fotográfico.

ESTRATÉGIAS

Exposição e apresentações artísticas culturais.

AVALIAÇÃO

Formativa: diagnóstica e participativa

DURAÇÃO

4 horas

SUGESTÃO DE LEITURA

COGO, Denise (org). RS Negro. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5463377-Revista-rs-negro-ler-refletir-debater-pesquisar-criar-recrutar.html>; Cultura Afro – Brasileira. Portal da Cultura Afro-brasileira: Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_1.php

3-INSPIRE-SE

Ao clicar no ícone Inspire-se o visitante é redirecionado para as postagens de fotos das ações da pesquisa, assim como imagens registradas nos bastidores, como visita à comunidade quilombola, ensaio fotográfico “Eu sou negro” e a fase de organização da “Mostra Cultural Falas de um povo: Gerlândio Moraes”, da exposição de fotografia, desenho e pintura, ensaios e outros. Constan também vídeos produzidos pelos participantes da pesquisa, das apresentações de dança, música e poesia. Disponibilizamos também a entrevista registrada na roda de conversa com a Comunidade Quilombola Ilha de São de Vicente, link para acesso ao Instagram Falas de um povo: Gerlândio Moraes e links para acessar trabalhos relacionados à temática no Repositório do ProfEPT.



3.1-VÍDEOS



Cenas e cenários da
cultura afro-brasileira

<https://youtu.be/GyePbBJzM4k>



Entre cenas e
práticas afro-brasileiras

<https://youtu.be/VLMhtdcbspE>



Dança afro-brasileira

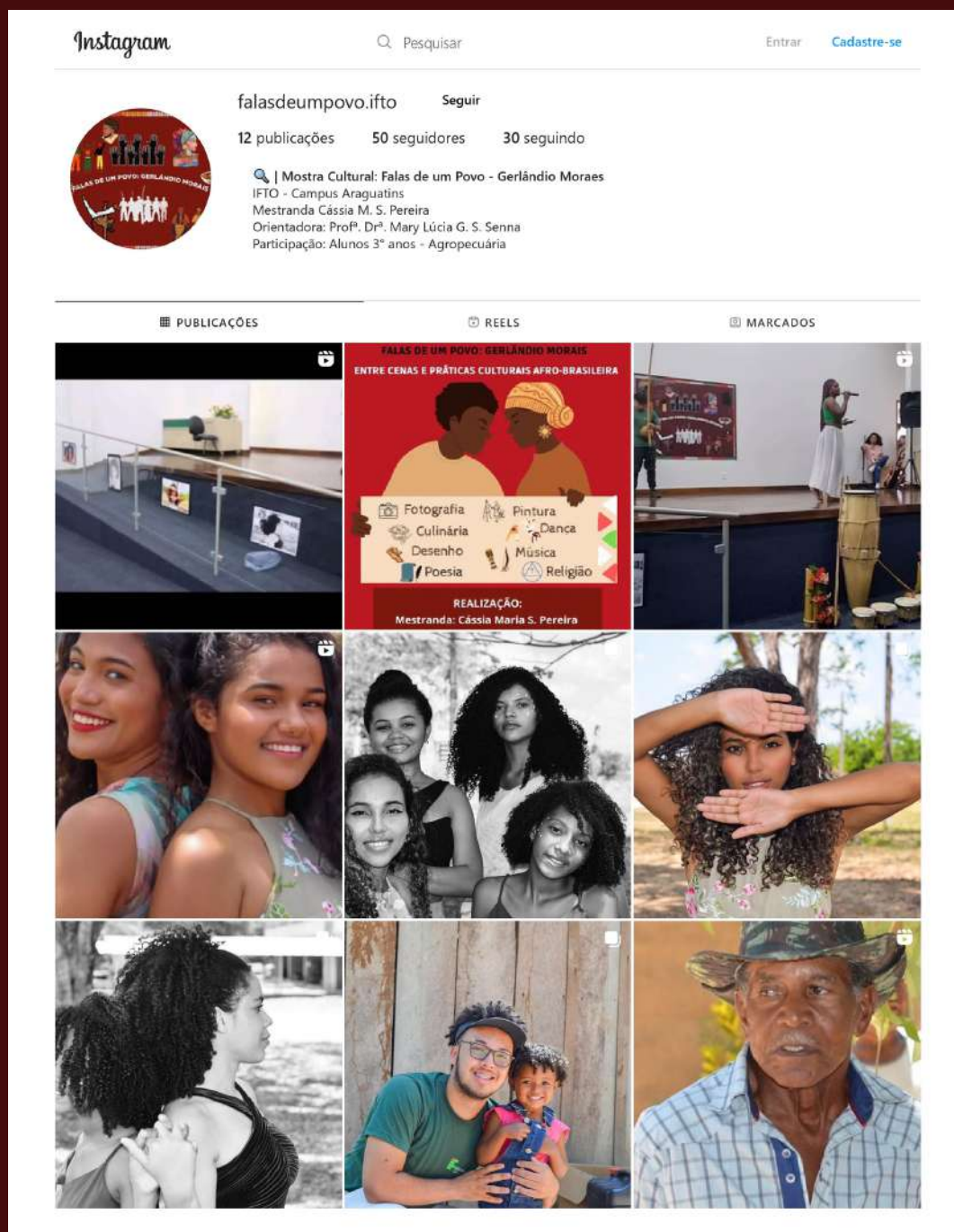
<https://youtu.be/ZotbV2Sawi8>



Roda de conversa -
Comunidade
Ilha de São Vicente

<https://youtu.be/PsIIRBc4d7Y>

3.2-INSTAGRAM



<https://www.instagram.com/falasdeumpovo.ifto>

3.3-TRABALHOS DO PROFEPT RELACIONADOS À TEMÁTICA



Repositório ProfEPT

<https://repositorio.ifsc.edu.br/>



Observatório ProfEPT

<https://obsprofept.midi.upt.iftm.edu.br/Egressos>



Produto Educacional: LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: CONCEPÇÃO, PLANOS DE AULAS E OUTRAS IDEIAS

<https://www.literaturablog.com/literatura-afro-brasileira-na-sala-de-aula-concepcao-planos-de-aulas-e-outras-ideias-de-anderson-novais-soares/>



PRODUTO EDUCACIONAL: ESTRATÉGIA PLURIVERSO

<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/572453>



SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/586371/2/Produto%20Educacional%20-%20Sequ%C3%Aancia%20Did%C3%A1tica%20-%20Heloisa%20Fonseca.pdf>



PRODUTO EDUCACIONAL: GUIA ANTROPOLÓGICO DE ARAÇATIBA

<https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/2377>



PRODUTO EDUCACIONAL: GUIA EDUCAÇÃO: SELEÇÃO DE OBRAS E CONTEÚDOS PARA O ENSINO-APRENDIZADO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/585995>



PRODUTO EDUCACIONAL: SÉRIE DE VÍDEOS COM TROCA DE EXPERIÊNCIAS DO IFSUL CÂMPUS PASSO FUNDO PARA ACOLHIMENTO A IMIGRANTES NEGROS

<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/569204>



PRODUTO EDUCACIONAL: ENTRADA DE COR

<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/553085>

4-OLHAR DA PESQUISADORA

Através da aplicação deste Produto Educacional (PE), percebemos que os estudantes participantes da pesquisa conseguiram fazer um intercâmbio entre a teoria e as atividades práticas realizadas no decorrer da implementação do estudo. Percebeu-se que a cada etapa o participante foi desenvolvendo um pensamento crítico sobre a temática.

A pesquisa "Falas de um povo: a formação omnilateral no Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio, no Campus Araguatins-IFTO, sob o olhar da práxis da valorização da cultura afro-brasileira", que culminou com a implementação deste Website "Falas de um povo" apresentou meios para os participantes conhecerem teorias e as bases legais para um debate significativo. Percebeu-se este avanço através das atividades artísticas culturais desenvolvidas pelos participantes em cada etapa apresentada neste Produto Educacional (PE), tais como: as imagens, vídeos e depoimentos. Neste sentido, a intervenção favoreceu caminhos para uma práxis transformadora na realidade do educando corroborando para sua emancipação como ser ativo e reflexivo diante de uma sociedade multicultural.

Dessa forma, esperamos que este Produto Educacional favoreça o desenvolvimento de novas intervenções que implementem o ensino desta temática em sala de aula e que as sementes sejam plantadas e germinem bons frutos para o combate ao racismo estrutural. Além disso, que esta ação oportunize momentos de reflexão em sala de aula para que os estudantes conheçam a cultura afro-brasileira e aprendam a respeitá-la em todas as suas vertentes, de modo que o nosso multicolorismo não seja usado para justificar atos que desrespeitem o direito do negro.



5-LEIA MAIS

ALMEIDA, Cristina de Sousa Fonseca. Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente/Tocantins: história de lutas, conquistas e conflitos. 2019. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/2534>. Acesso em 20 de jan. de 2023. 2019a

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018.

COGO, Denise (org). RS Negro. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5463377-Revista-rs-negro-ler-refletir-debater-pesquisar-criar-recrutar.html>. Acessado em: 16 de jan. de 2023.

COSTA, D. P. Aires. Quilombo: luta e resistência dos negros/as na formação social do Brasil. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 23-30 de julho de 2016. São Luís-MA. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467671170_ARQUIVO_artigoeng.pdf. Acessado em: 11 de jan. de 2023

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Enciclopédia negra: Biografias afro-brasileira. 1. ed. 2021. Companhia das Letras. Edição do Kindle.

GOMES, L. Nilma. Relações Étnico-raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan./Abr. 2012. ISSN 1645-1384 (on-line). Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org . Acesso em: 05 ago. 2021.

GRABOWSKI, Gabriel: Os riscos de ser jovem e negro no Brasil. Extra Classe / Publicado em 05 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opinioao/2021/01/os-riscos-de-ser-jovem-e-negro-no-brasil/> . Acesso em 15 de jan. de 2023.

LEAL, J. M. Souza. Discriminação e preconceito racial em ambiente escolar. Universidade Federal do Paraná - Curitiba 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/52285>. Acessado em: 15 jan. de 2023

MIELZYNSKA, G. Maria. Arte Afro-Brasileira. Claretiano. 2022. Disponível em: (<https://md.claretiano.edu.br/hisculafrbraafrind-gs0014-fev-2022-gradead/>). Acessado em: 26 de jun. 2022.

PORTAL CULTURA AFRO - BRASILEIRA (ed.). Cultura Afro - Brasileira. Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/portaafro_brasileira/3_1.php. Acesso em: 10 jan. 2023.

RIBEIRO, Djamila: Pequeno manual antirracista – 1ª ed. – São Paulo; Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte-MG: Letramento, 2017.

SILVA, Ana Lúcia da. Ensino de História da África e cultura afro-brasileira: estudos culturais e sambas-enredo. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2019.